

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
MESTRADO EM TEOLOGIA**

PATRICIA ZAGANIN ROSA MARTINS

**A VISITA DE DEUS:
FUNDAMENTOS BÍBLICOS E AÇÃO PASTORAL**

CURITIBA

2017

PATRICIA ZAGANIN ROSA MARTINS

**A VISITA DE DEUS:
FUNDAMENTOS BÍBLICOS E AÇÃO PASTORAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia, da Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Vicente Artuso.

CURITIBA

2017

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central

M386v
2017 Martins, Patrícia Zaganin Rosa
A visita de Deus : fundamentos bíblicos e ação pastoral / Patrícia Zaganin
Rosa Martins ; orientador: Vicente Artuso. – 2017.
104 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná,
Curitiba, 2017
Bibliografia: f. 98-104

1. Deus. 2. Jesus Cristo. 3. Salvação. 4. Teologia pastoral. I. Artuso,
Vicente. II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Programa de
Pós-Graduação em Teologia. III. Título

CDD 20. ed. – 231



Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Escola de Educação e Humanidades
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Mestrado e Doutorado

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO Nº. 130
DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE Mestrado DE
PATRICIA ZAGANIN ROSA MARTINS

Aos treze dias, do mês de fevereiro de dois mil e dezessete, às quatorze horas reuniu-se na sala de Defesa - Segundo andar da Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, a banca examinadora constituída pelos professores: Vicente Artuso, Luiz Alexandre Solano Rossi e José Neivaldo de Souza, para examinar a dissertação da candidata **Patricia Zaganin Rosa Martins**, ingressante no Programa de Pós-graduação em Teologia - Mestrado, no primeiro semestre de dois mil e quinze. Linha de pesquisa: Bíblia e Evangelização. A mestranda apresentou a dissertação intitulada: **A VISITA DE DEUS: FUNDAMENTOS BÍBLICOS E AÇÃO PASTORAL**. A Candidata fez uma exposição sumária da dissertação, em seguida procedeu-se à arguição pelos Membros da Banca e, após a defesa, A Candidata foi Aprovada pela Banca Examinadora. A sessão encerrou-se às 15 h 45 min. Para Constar, lavrou-se presente Ata, que vai assinada pelos Membros da Banca Examinadora.

Prof. Dr. Vicente Artuso

Presidente/Orientador.

Prof. Dr. Luiz Alexandre Solano Rossi

Convidado Interno

Prof. Dr. José Neivaldo de Souza

Convidado Externo

Prof. Dr. Agenor Brighenti

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia - *Stricto Sensu*
PPGT - PUCPR



À minha avó materna, Gilda Maria
Maroto Zaganin (*in memoriam*), ao meu
esposo, Fausto Martins Júnior,
à minha filha, Beatriz Martins,
aos meus pais, Paulo Camilo Rosa e
Martinha Zaganin Rosa e aos meus
irmãos, Paulo Fernando Zaganin Rosa e
Érica Cristina Rosa Borges.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Senhor, pelo dom da vida e por estar sempre ao meu lado.

Aos amores da minha vida, minha filha, Beatriz Martins, meu esposo, Fausto Martins Júnior, por me amparar nos momentos difíceis de enfermidade, por compreender as minhas ausências, por permanecer ao meu lado e pelo afeto que tiveram comigo durante o período em que cursei o Mestrado.

Aos Freis Capuchinhos da Província São Lourenço de Brindes do Paraná pelo apoio que me deram para a realização deste projeto.

Ao meu orientador Prof. Dr. Vicente Artuso, pelo incentivo e pelas orientações nesta pesquisa.

Aos meus alunos e alunas das Escolas de Teologia para Leigos da Arquidiocese de Londrina-PR e da Escola de Diáconos de Apucarana-PR, pelo estímulo, pela ajuda e pelas orações.

Ao Fabrizio Zandonadi Catenassi por me acolher em sua casa, pelo incentivo e pela ajuda nesta pesquisa.

Ao meu irmão Prof. Dr. Paulo Fernando Zaganin, pelo incentivo e pelo empenho em me apoiar no Mestrado.

Meu agradecimento especial ao querido Prof. Dr. Frei Ildo Perondi, pelo material bibliográfico que me cedeu para esta pesquisa, pelo grande apoio que me deu, pelo incentivo nos momentos difíceis e por me ajudar a acreditar que este projeto se concretizaria.

Aos médicos Dr. Eurides Serpeloni, Dr. Milton Shigueyuki Takemura, Dra. Dayse Souza de Pauli, por cuidarem da minha saúde durante o curso de Mestrado.

A todas as pessoas que me incentivaram e me ajudaram a realizar esta pesquisa.

RESUMO

As visitas de Deus ao seu povo são constatadas nas Sagradas Escrituras como eventos em que Deus se manifesta para trazer benefícios ou então como juízo e punição. O objetivo desta pesquisa é estudar o emprego e significado do verbo hebraico *paqad* no Antigo Testamento e o seu correspondente grego *episkeptomai* no Novo Testamento, que os autores sagrados empregaram para registrar estas intervenções divinas. Para realizar esta análise e interpretação foram utilizados elementos essenciais do método histórico-crítico e análises intertextuais. Os resultados alcançados foram a constatação de que as visitas de Deus acontecem ao longo da história da salvação e se caracterizam como eventos salvíficos que beneficiam as pessoas ou o povo com o qual Deus fez a Aliança e, em menos casos, como visitas de juízo e punição. A encarnação de Jesus Cristo torna-se a visita por excelência e o povo reconhece a sua visita nas ações benéficas que ele realiza. A atualização das visitas divinas se dá na ação prática pastoral da Igreja quando visita e age em favor das pessoas mais necessitadas em nossa realidade de hoje.

Palavras-chave: Visita; Deus; Salvação; Jesus Cristo; Pastoral da Visitação.

ABSTRACT

The visits of God to his people are understood in Sacred Scriptures as events where God manifests to bring benefits or even as judgement and punishment. The aim of this work is to study the use and meaning of the Hebrew verb *paqad* in the Old Testament and its Greek correlate *episkeptomai* in the New Testament, whose were used by sacred authors to record that divine interventions. To conduct this analysis and interpretation it were used some essential elements of historical critical method and intertextual analysis. The results achieved understood that the visits of God happen in the course of the history of salvation and can be characterized as salvific event that benefit persons or the people with whom God made his Alliance and, in a few cases, related as visits of judgement and punishment. The incarnation of Christ became the visit by excellence and people recognizes his visit in beneficial actions made by him. The actualization of divine visits happens in the practical pastoral action of the Church when visits and acts in behalf of needed people in our actual reality.

Keywords: Visit; God; Salvation; Jesus Christ; Pastoral of Visitation.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	A VISITA DE DEUS NO ANTIGO TESTAMENTO	13
2.1	DEUS QUE VISITA SEU POVO	13
2.2	O VERBO PAQAD NA BÍBLIA HEBRAICA	14
2.3	O VERBO EPISKEPTOMAI NA LXX.....	15
2.4	ANÁLISE DE ALGUMAS VISITAS DE DEUS	17
2.4.1	No Pentateuco.....	17
2.4.2	Anúncios proféticos de uma visita de Deus	26
2.4.3	Promessas de visita de Deus nos Salmos	33
2.4.4	A visita de Deus no Livro da Sabedoria	37
2.4.5	A visita de Deus no Livro de Rute.....	41
2.5	PRINCIPAIS OCORRÊNCIAS DE PAQAD NO ANTIGO TESTAMENTO TENDO DEUS COMO SUJEITO	43
2.6	CONSTATAÇÕES.....	45
3	A VISITA DE DEUS NO NOVO TESTAMENTO	47
3.1	INTRODUÇÃO.....	47
3.2	DEUS QUE VISITA SEU POVO COMO NO ANTIGO TESTAMENTO	48
3.3	NO EVANGELHO DE LUCAS	49
3.3.1	O cântico de Zacarias.....	50
3.3.2	A ressurreição do filho da viúva de Naim	58
3.3.3	Jerusalém visitada.....	69
3.3.4	A visita de Maria a Isabel	71
3.4	DEUS VISITA PARA ESCOLHER	72
3.5	OUTROS USOS DO VERBO EPISKEPTOMAI NO NOVO TESTAMENTO	74
3.6	PRINCIPAIS OCORRÊNCIAS DE EPISKEPTOMAI NO NOVO TESTAMENTO	75
3.7	CONSTATAÇÕES.....	77

4	A VISITA NA PRÁTICA PASTORAL DA IGREJA	78
4.1	A REFLEXÃO TEOLÓGICA	78
4.2	A CONFERÊNCIA DE APARECIDA.....	80
4.3	O PAPA FRANCISCO	83
4.4	NA IGREJA DO BRASIL.....	85
4.4.1	Pastoral da Visitação.....	86
5	CONCLUSÃO.....	96
	REFERÊNCIAS.....	98

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é uma abordagem teológica transversal da Bíblia sobre o tema da visita de Deus com análise do conteúdo de textos específicos sobre a visitação. O objetivo é analisar e interpretar o significado da “visita de Deus” com ênfase no Evangelho de Lucas. Para atingir o objetivo proposto foi necessário selecionar alguns textos do Antigo Testamento e analisá-los para entender como o tema foi usado pelos autores nos relatos veterotestamentários e confrontar com as narrativas evangélicas lucanas para alcançar o sentido teológico dado pelo autor à expressão “Deus visitou o seu povo”.

Para se referir à visita de Deus no Antigo Testamento, a Bíblia Hebraica usa o palavra פָּקַד (*paqad*) que ocorre mais de trezentas vezes no Antigo Testamento e com diversos significados. Quando traduzida por visitar, quase sempre tem o sentido de “inspecionar” e indica aquela ação que gera, para melhor ou para pior, uma grande mudança na posição de um subordinado. Existem muitos casos em que “visitar” adquire o significado de infligir ferimento ou causar dano, sendo muitas vezes traduzido por “castigar” (Jr 23,2). No entanto, num considerável número de casos, fica claro que a visitação provoca um resultado favorável.

Lucas, para falar da tão esperada visita salvadora de Deus a seu povo, emprega o verbo ἐπισκέπτομαι (*episkeptomai*) adotado na LXX para traduzir *paqad*. No Novo Testamento o sentido profundo de *episkeptomai* retoma toda a história da salvação e o conceito de “visita de Deus” permanece com o sentido de demonstração benevolente da graça de Deus. O autor do terceiro Evangelho e do livro Atos dos Apóstolos usa de forma muito especial o verbo *episkeptomai* para falar destas visitas de Deus em benefício do povo que passam a acontecer por meio de Jesus (Lc 1,68.78; 7,16; 19,44; At 15,14). A visita de Deus é um tema que se repete na Bíblia, mas no Novo Testamento, Lucas é o único autor no conjunto dos Evangelhos que utiliza o verbo para falar dessas visitas (Lc 1,68.78; 7,16).

Beyer (1979, p. 731-749) evidencia que Lucas usou o verbo com o mesmo sentido que já havia adquirido no decorrer da história da salvação, quando Deus realizou benefícios em favor do seu povo (Gn, 21,1; Ex 3,16). Por sua relevância, Dupont (1998, p. 145-149) vê a utilização de *episkeptomai* como evocação da imagem do pastor que visita as suas ovelhas (Ez 34,11-16) e esclarece: “quando Deus visita o

seu povo é para mostrar-lhes o seu amor, para ajudar e salvar os que se encontram na angústia”. Como se pode notar, a análise deste termo na obra lucana é relevante para ajudar a compreender a imagem de Jesus desenhada em sua teologia; a revelar detalhes acerca de sua cristologia; a esclarecer o sentido messiânico da ação e do projeto salvífico de Jesus.

Para compreender o significado teológico da expressão adotada na obra de Lucas, foi necessário realizar um estudo intertextual e filológico do verbo visitar no grego e no hebraico. A investigação em textos do Antigo e do Novo Testamento demonstra que essas intervenções de Deus, suas visitas ao seu povo, são acontecimentos pelos quais Ele manifesta a sua vontade de salvar, quer aconteçam para abençoar ou para punir, em todo caso, estão destinadas à salvação da humanidade e manifestam continuidade do desígnio salvífico de Deus até a vinda do próprio Deus em Jesus.

Refletir hoje sobre o tema da visita de Deus no Evangelho de Lucas, analisar como é mencionado em outros textos da Bíblia e aprofundar o sentido teológico que o Evangelista Lucas lhe presta é muito importante, não somente para entender o texto bíblico narrado, mas também para uma hermenêutica pastoral. O termo ἐπισκοπο (episkopo) indicando os pastores do povo é derivado justamente de *episkeptomai*. Desse modo, compreender a força deste termo na obra lucana também pode contribuir para um entendimento atual da função dos líderes na pastoral.

Esta pesquisa alinha-se com o Projeto “Elaboração de Teologia Bíblica do Antigo e do Novo Testamento para fundamentar a Pastoral”, do orientador Prof. Dr. Vicente Artuso, concentrado no Programa de Bíblia e Evangelização. A investigação realizada, uma pesquisa transversal do tema da visita de Deus no Antigo e Novo Testamento, enquadra-se na área de Teologia Bíblica. Para a análise do uso dos termos referentes à visita de Deus nas perícopes estudadas, é dado enfoque teológico. Foram utilizados comentários que consideram aspectos literários do texto e também estudos conduzidos a partir de alguns elementos do método histórico crítico. Quanto às perícopes estudadas, foram selecionadas de maneira particular as que têm Deus ou Jesus como sujeitos, dando destaque quando as visitas são favoráveis e estão em vista da salvação. Por fim, à luz da análise teológica da visita de Deus no Antigo e Novo Testamento, apresenta-se uma análise hermenêutica do tema, aplicando-o à prática pastoral atual enfatizando à Pastoral da Visitação.

Para uma visão geral dos verbos hebraicos e gregos que manifestam a visita de Deus, foram utilizados primariamente os dicionários de Harris et al. (1998), Schökel (1997), Beyer (1979), Rusconi (2005), complementados por Schottroff (1978). Quanto à visita de Deus no Antigo Testamento, a literatura primária utilizada foi de Galvagno (2015), Giuntoli (2013), Boudt (2007), Lorenzin (2015), Mazzinghi (2015), complementada por autores como Mckenzie (1984), Scharbert (2001), Vaux (2003), Kidner (2008a, 2008b), Weiser (1994). Para a análise do Novo Testamento, especialmente quanto ao Evangelho de Lucas, as fontes primárias foram os clássicos textos de Bovon (2005, 2010) e Fitzmyer (1987, 2006), complementados por Brown (2004, 2005), Rossé (2015), Dupont (1998) e Fausti (2015). Na análise hermenêutica, as fontes básicas foram os textos das Conferências Episcopais Latino-americanas, a encíclica *Misericordiae Vultus* do Papa Francisco, além de outros textos do Papa. A Pastoral da Visitação foi lida especialmente a partir da obra de Casera (1999) e Pereira (2012).

A pesquisa está organizada em três capítulos. O primeiro capítulo, A Visita de Deus no Antigo Testamento, faz uma reflexão sobre o significado dos termos hebraico e grego que podem ser traduzidos pelo verbo “visitar” para se referir à intenções de YHWH a favor do povo de Israel. São mostrados alguns textos com o tema da visita no Pentateuco, nos Profetas, nos Salmos, nos Sapienciais e no livro de Rute. No final, segue uma tabela em que se demonstra as ocorrências analisadas e apresenta as constatações desta primeira parte.

O segundo capítulo, A Visita de Deus no Novo Testamento, apresenta as ocorrências do verbo *episkeptomai* na obra de Lucas com destaque nos textos do Evangelho: o Cântico de Zacarias (1,68-79) e o milagre da ressurreição do filho único da viúva de Naim (7,11-17). São mencionados outros textos onde também ocorre o termo com outros sujeitos. É demonstrado ao final da segunda parte uma tabela com dados da análise da incidência do verbo.

O terceiro capítulo, Visita na Pastoral da Igreja, visa uma implicação do tema da visita de Deus na vida e ação da igreja. Apresenta uma prática pastoral atual, relacionada ao objeto da pesquisa, por meio da Pastoral da Visitação, criada pela Igreja Católica para atender a necessidade de pessoas que sofrem e precisam ser visitadas.

2 A VISITA DE DEUS NO ANTIGO TESTAMENTO

2.1 DEUS QUE VISITA SEU POVO

A história da salvação é, com frequência, apresentada na Bíblia como uma série de “visitas” de Deus a seu povo ou a alguns personagens privilegiados. Deus, que tomou a iniciativa da Aliança e que permanece misteriosamente presente ao desenrolar de seu plano, intervém, muitas vezes, de modo extraordinário na vida do seu povo, seja para abençoá-lo, seja para puni-lo, mas, especialmente para salvá-lo. Esse olhar de Deus, essas intervenções pessoais, visíveis, são outros tantos sinais de sua presença, de sua ação, da continuidade do seu desígnio salvador em meio à fidelidade e infidelidade do seu povo (LÉON-DUFOUR, 1984, p. 1093).

As visitas de Deus no desenrolar do seu plano de salvação e amor manifestam fidelidade às suas promessas ao longo da história. O livro do Gênesis narra que Deus apareceu a Abraão, junto aos terebintos de Mambré (Gn 18), anunciando-lhe o nascimento de um filho e a destruição de Sodoma. Ao cumprimento deste anúncio o Gênesis nos informa que “O Senhor visitou Sara, como dissera, e fez por ela como prometera. Sara concebeu e deu à luz um filho a Abraão já velho, no tempo que Deus tinha marcado” (Gn 21,1-2).

José, o último descendente que aparece no período dos patriarcas e personagem com o qual o narrador finaliza o livro do Gênesis fazendo a junção com o Êxodo, antes de morrer, se despede dos seus irmãos recordando a promessa e “deste modo, a história dos patriarcas se encerra com uma nota de abertura ao futuro” (MURPHY, 2012, p. 127): “Deus vos visitará e vos fará subir deste país para a terra que ele prometeu com juramento, a Abraão, Isaac e Jacó” (Gn 50,24).

O Deus que chamou Abraão para fazer dele pai de uma multidão de povos (Gn 12,2; 17,5) e com esse fim “visitou” Sara tornando-a fecunda, intervém de um modo único, libertando seu povo da escravidão do Egito. Em sua situação de miséria devido à opressão do faraó, o povo clamou a Deus por libertação, e Ele tomou a decisão de intervir em seu favor, viu seu sofrimento e ouviu o seu clamor, por isso desceu para libertá-los da escravidão e conduzi-los para uma nova terra, terra de leite e mel (Ex 3,7-8). A libertação do povo escolhido da escravidão no Egito será sempre lembrada como a visita de Deus por excelência no Antigo Testamento (Ex 3,16; 13,19) e permanecerá como fundamento para Israel de sua esperança em novas visitas divinas

(DUPONT, 1998, p.146). Foi libertando da opressão que Deus visitou o seu povo. Esta intervenção divina, na história do povo eleito, conforme Dupont (1998, p. 146), “figura como protótipo das visitas que Deus faz a seu povo. Libertando-o e tornando-se seu redentor, Deus visitou o seu povo”.

A visita na Bíblia também está muito relacionada com a causa das mulheres. É um tema que permite colher o rico significado que a mulher assume na história salvífica pelo fato de ser apresentada no interior da trama narrativa e teológica dos textos em que estão presentes (FILIPPI, 2015, p. 3). Sara estava na tenda com Abraão quando foi visitada pelos três misteriosos personagens (Gn 18,1-16). No livro de Rute se diz que Noemi e suas noras foram aos Campos de Moab quando souberam que “Deus tinha visitado seu povo dando-lhe pão” (Rt 1,6). Através do profeta Elias (1Rs 17) Deus visita uma viúva. Também duas mulheres são beneficiadas pela visita do profeta Eliseu (2Rs 4). Em Lc 7,11-17 através da ação salvífica de Jesus, uma mulher viúva é visitada por Deus.

A visita de Deus é uma expressão que se repete na Bíblia. As ocorrências citadas são apenas alguns exemplos dessas intervenções de Deus que demonstram sinais de sua presença e ação na vida e na história do seu povo. Para ajudar a entender o sentido dessas visitas de Deus, apresentamos a seguir o significado dos vocábulos hebraico (*paqad*) e grego (*episkeptomai*), na Bíblia Hebraica e na LXX, que correspondem ao verbo visitar.

2.2 O VERBO *PAQAD* NA BÍBLIA HEBRAICA

Na Bíblia Hebraica a raiz *pqd*, a qual pode ter diversos significados, é empregada também para narrar as visitas de Deus. De acordo com Harris et al. (1998, p. 1228), o sentido básico de פָּקַד (*paqad*) é o de “supervisionar”, tanto na forma de inspecionar quanto de tomar providências com a finalidade de obter uma mudança considerável nas circunstâncias de um subordinado. Este verbo ocorre cerca de mais de trezentas vezes no Antigo Testamento e chega-se a afirmar que “provavelmente não exista nenhum outro verbo hebraico que tenha dado tanta dificuldade aos tradutores quanto o verbo *pqd*” (HARRIS et al., 1998, p. 1228). Quando *paqad* é traduzido por “visitar”, o vocábulo quase sempre tem o sentido de “inspecionar” e

indica aquela ação que gera, para melhor ou para pior, uma grande mudança na posição de um subordinado.

Schökel (1997, p. 544-545) ratifica que *paqad* também “tem significado básico de inspecionar, vigiar” que pode ter tanto um valor positivo ou negativo para quem é inspecionado. Quando o significado de inspecionar for positivo, o sentido é de “atender, guardar, cuidar, proteger, ocupar-se, visitar; encarregar(-se), encomendar, nomear encarregados”. Assim, em sentido positivo, “ocupar-se de” aparece em Gn 21,1, quando Deus “visita” Sara e cumpre a promessa de uma descendência feita à Abraão, o pai da fé. E ainda em Gn 50,24, quando José, antes de morrer, se despede de seus irmãos recordando a promessa que Deus fez aos patriarcas de uma futura “visita” libertadora. “Visitar” aparece em 1Sm 17,18, quando o jovem Davi faz uma “visita” aos seus irmãos, em campo de batalha, leva-lhes pão e ocupa-se, conforme lhe “encarregara” seu pai Jessé, em ter informações sobre a saúde deles. O Sl 65,10 demonstra o “cuidar” de Deus para com os seres humanos por meio do seu zelo com toda a criação. O profeta roga pela “proteção” de Deus em meio à perseguição de seus inimigos (Jr 15,15). Com o significado de “nomear encarregados”, por exemplo, *paqad* está presente nas passagens onde José (Gn 40,4) e Aarão (Nm 3,10) são nomeados como “encarregados”.

Quando *paqad* adquire sentido negativo, então seu significado será “exigir contas, indagar, castigar” (SCHÖKEL, 1997, p. 544-545). São os casos como, por exemplo, em Ex 32,34, quando Deus “pede contas” ao povo e promete “castigá-los” por sua infidelidade à Aliança. E também Sf 1,8-9, quando Deus fará uma intervenção especial, para “castigar” os príncipes de Judá por suas ações fraudulentas e violentas. Ou então aos povos estrangeiros como em Is 13,11; Jr 50,18.31, quando o profeta denuncia contra a Babilônia profetizando a “punição” divina por sua maldade contra o povo eleito.

2.3 O VERBO *EPISKEPTOMAI* NA LXX

A LXX utiliza o verbo ἐπισκέπτομαι (*episkeptomai*) para traduzir o vocábulo פָּקַד (*paqad*) que se encontra na Bíblia Hebraica. A origem de ἐπισκέπτομαι vem de σκοπέω e ἐπεσκέψατο, em sua forma interativo-intensiva que derivada da raiz σκεπ- e se adapta particularmente ao tema do presente. Assim, por exemplo, ἐσκόπει significa

“ele olhava sempre de novo” ou “observava atentamente”, enquanto ἐσκέψατο, designa uma ação única, “ele observou”. O mesmo significado vale para ἐπισκοπέω e ἐπισκέπτομαι (BEYER, 1979, p. 733). No grego profano, *episkeptomai* corresponde ao verbo “observar”, sempre com o sentido de “olhar com atenção”, é um verbo que está relacionado com o cuidado e ocorre nos seguintes sentidos: olhar alguém ou alguma coisa, considerar algo, examinar, observar; refletir sobre alguma coisa, investigar; visitar (BEYER, 1979, p. 733-735). De acordo com Beyer (1979, p.736) *episkopeo* designava o pousar do olhar clemente dos deuses.

Na LXX, além do significado profano, *episkeptomai* assume também um conteúdo religioso, mas apenas quando o assunto é relacionado a Deus. Os vários significados profanos são sintetizados para designar o agir divino, no qual YHWH, com uma especial intervenção na vida, manifesta, na ira ou na benignidade, o seu querer a uma pessoa só ou a um povo, sendo que, na maior parte do tempo, é endereçado a Israel. Quando Deus se reaproxima do povo que reside no pecado e na indignidade, e se mostra como Senhor da história, então advém tal “visita”. Visita esta que pode cumprir-se em um juízo punitivo, mas também num ato de benigna misericórdia, todavia, sempre de modo tal que se possa reconhecer uma real intervenção de Deus na história. É significativo que este sentido do termo não ocorra no grego profano, mas apenas em conexão com a história da salvação no Antigo Testamento, de onde depois é repassado ao Novo Testamento (BEYER, 1979, p. 738-739).

De acordo com Beyer (1979, p. 738-741), *episkeptomai* pode ter o significado de “atribuir, estabelecer, designar, determinar, fixar, prescrever, encarregar, destinar alguém para alguma coisa”, como em Nm 27,16, quando Deus institui um líder sobre a comunidade, a fim de que a comunidade não seja como rebanho sem pastor. E também no sentido de “passar em revista, ser revistado”, para fazer o recenseamento (Nm 1,45; 2,32).

Episkeptomai pode significar “punir, celebrar o juízo”, como em Ex 32,34, ou então, a “visita” pode consistir também no fato que Deus se aproxima com a sua bênção no sentido de proteger amavelmente um indivíduo ou um povo (Rt 1,6). Pode ocorrer na mesma frase no seu duplo sentido, de ação punitiva e de ação misericordiosa. É o caso, por exemplo, de Zc 10,3 (grifo nosso): “Contra os pastores se inflamou a minha ira, e os bodes eu vou *castigar*. Quando o Senhor dos Exércitos

visitar o seu rebanho, a casa de Judá, ele os fará como o seu cavalo de glória no combate”.

Schottroff (1978, p. 594) apresenta basicamente os mesmos significados citados por Beyer (1979, p. 733-741). O verbo pode ter o sentido de “visita”, como em Jz 15,1, quando Sansão “visita” sua mulher; ou Eclo 7,35 (grifo nosso), quando o sábio aconselha: “Não temas *visitar* doentes, porque serás amado por isso”. E ainda, igualmente, como explica Beyer, ter o significado de “ocupar-se de alguma coisa”, ou seja, “cuidar”, como na imagem do pastor que vela seu rebanho nos textos de Jr 23,2; Zc 2,16; Ez 34,11.12.

Como se observa, na LXX a ocorrência do termo *episkeptomai*, assim como *paqad* na Bíblia Hebraica, pode ter diversos significados. Diante dessa diversidade de sentidos interessa neste primeiro capítulo da pesquisa considerar alguns textos bíblicos do Antigo Testamento que mencionam o verbo com a acepção de visita e tem Deus como sujeito.

2.4 ANÁLISE DE ALGUMAS VISITAS DE DEUS

A seguir serão analisadas algumas passagens principais em que o verbo *paqad* aparece no Antigo Testamento, desde o Pentateuco, passando pelos Profetas e pela literatura Sapiencial. Foram escolhidas as ocorrências mais significativas e que relatam o agir divino na sua relação com o povo da Aliança, sobretudo quando caracterizam visitas de Deus para trazer ações benéficas e em vista do seu projeto de salvação. No entanto, também serão brevemente analisadas algumas ocorrências onde a visita divina tem caráter punitivo.

2.4.1 No Pentateuco

Nos primeiros cinco livros bíblicos, os passos que descrevem ou prefiguram a visita divina estão colocados em passagens significativas da história da salvação, quase como para sacralizar a relevância teológica de determinados acontecimentos. Embora o verbo *paqad* esteja muito presente no Pentateuco e empregado com diferentes sentidos, serão analisadas algumas passagens onde o verbo adquire o sentido de visita e tem Deus como sujeito.

Em todo o Pentateuco em apenas um caso o verbo tem o caráter negativo, isto é, de punição. Nas demais ocorrências, *paqad* é empregado em sentido positivo indicando que Deus visita o seu povo para trazer benefícios e para demonstrar seu modo de agir, seja através das promessas e seu cumprimento, seja na libertação do povo ou mostrando-se presente nos momentos decisivos da caminhada rumo à Terra Prometida. Em todos os casos, a iniciativa de ir ao encontro de forma gratuita e benévola também é da divindade. Esta análise permitirá focalizar a relevância teológica relacionada ao tema da visita de Deus nas narrações fundamentais da fé e da identidade do povo de Israel.

2.4.1.1 Deus visita Sara (Gn 21,1-7)

Em Gn 21,1 o verbo *paqad* é empregado para indicar a visita que Deus faz a Sara. Além de ser uma visita com caráter positivo, o efeito desta ação de Deus é muito especial, pois com isso realiza-se a promessa que o próprio Deus já havia feito a Abraão de dar-lhe uma numerosa descendência (Gn 12,2.7; 13,15-16; 15,1-6; 17,7). A concretização desta promessa torna-se decisiva para a história da salvação. “Dentre todas estas promessas, a mais decisiva é aquela que diz respeito à descendência, uma vez que mesmo a plena tomada de posse da terra será possível somente aos descendentes de Abraão (12,7)” (GALVAGNO, 2015, p. 23).

No chamado de Abraão, Deus havia feito a promessa de dar-lhe: terra, descendência e bênção (Gn 12,1-4). No entanto, a realização das promessas esbarrava justamente no fato de Sara ser estéril. E, sem um herdeiro, as demais promessas também corriam o risco de não se concretizarem. A separação do sobrinho Ló (Gn 13) o excluía da possibilidade de continuidade da descendência por esta via. Também as duas tentativas de garantir uma descendência para Abraão não foram bem-sucedidas. O misterioso Eliezer de Damasco, um dos servos que Abraão queria constituir como herdeiro, não foi aceito por Deus (Gn 15,3-6). Uma segunda tentativa de Abraão foi gerar um filho com a escrava Agar (Gn 16,1-16). Embora o filho fosse de Abraão, Ismael não havia saído do ventre da mãe das promessas. Por isso, Deus renova a promessa da descendência anunciando que Sara será a mãe de Isaac (Gn 17,15-22).

A esterilidade, no entanto, impedia a realização das promessas, e isso vai exigir uma intervenção direta de Deus. A concepção de Sara e o nascimento do menino

serão reconhecidos como a visita de Deus: “O Senhor visitou Sara, como dissera, e fez por ela como prometera” (Gn 21,1). Esta visita está em continuidade da misteriosa visita a Abraão feita pelos três homens (Gn 18,1-16). Nesta visita a promessa de um filho foi renovada: “Voltarei no próximo ano; então tua mulher Sara terá um filho” (18,10). Entretanto, apesar de ter todas as características de uma visita divina, em Gn 18 não é empregado o verbo *paqad*, como ocorre em Gn 21,1.

A mudança de situação que vai acontecer para Sara, não é expressa somente pela insistência na alusão da velhice dos dois cônjuges (vv. 2.5.7). O destaque desse extraordinário acontecimento mostra-se no riso de Sara pelo dom inesperado da maternidade (Gn 21,7) e pelo diferente teor no anúncio do nome do menino que vai nascer. O nome será Isaac, como havia sido anunciado em Gn 17,19. O riso de Sara era expressão do quanto era absurda e inconcebível a perspectiva de sua maternidade, em Gn 21,6 o dom de Isaac se torna motivo de alegria para Sara e para todos aqueles que conquistarão essa sorte (GALVAGNO, 2015, p. 21).

O anúncio e o nascimento de Isaac fazem Sara sorrir, como já havia acontecido com Abraão em Gn 17,17. Cabe lembrar que a visita de Deus acontece “no tempo em que Deus tinha marcado” (v.2), isso pressupõe o conhecimento da promessa formulada (Gn 17,21; 18,4.10.14). A informação sobre a idade do patriarca no tempo do nascimento de Isaac remete à idade fornecida em Gn 17,17 (GIUNTOLI, 2013, 82).

A alegria de Sara vem do fato de ter dado um filho a Abraão quando ele já era velho. O riso também sublinha a intervenção de Deus, pois é ele quem faz Sara sorrir, porque é graças à intervenção de Deus que os dois velhos terão um filho e as promessas poderão se realizar (ARANA, 2003, p. 283). Por isso, o nome do menino tem sua etimologia ligada ao sorrir, embora seja difícil de determinar com precisão o seu significado. Em sua forma abreviada *Yçhq-El* significa: “Que Deus sorria, seja favorável” (BJ); “a divindade quer sorrir [pelo menino]” (RAD, 2008, p. 273); “ele ri” (MCKENZIE, 1984, p. 449).

A ação de Deus em favor de mulheres estéreis na Bíblia indica justamente intervenções salvíficas, pois são em favor de mulheres em situação difícil. A esterilidade era mal vista porque implicava justamente a impossibilidade de dar continuidade à descendência do marido. Ao mesmo tempo, dão continuidade à história da salvação. Outras mulheres estéreis, assim como Sara, que foram beneficiadas com o nascimento de filhos foram: Rebeca (Gn 25,21); Ana (1Sm 1,5-6); Isabel (Lc 1,7.25).

No decurso das histórias patriarcais, o momento do nascimento de Isaac é o único episódio compreendido como visita divina. Do que foi relatado em Gn 21,1-7, o v.1 representa a chave de leitura aos sucessivos acontecimentos. O agir divino nesta circunstância demonstra uma intervenção em favor dos antepassados do seu povo: a visita a eles reservada consiste numa exata e decisiva ação em benefício deles. Se *paqad* apresenta uma rica pluralidade de significados, neste caso específico leva a valorizar a dimensão ativa da solicitude de Deus, a sua intervenção concreta nas vicissitudes humanas.

2.4.1.2 A promessa de uma visita (Gn 50,24-25)

No breve texto de Gn 50,24-25 o autor bíblico prepara o encerramento do tempo dos patriarcas e matriarcas fazendo uma ligação com o próximo período, quando o povo passa a ser escravo no Egito. O patriarca José, antes de morrer, preanuncia que um dia Deus visitará e fará o povo subir para Canaã. São recordadas as promessas feitas por Deus, com juramento, aos patriarcas (SKA, 2003, p. 39).

Desde o início (Gn 50,24) José evoca a certeza da futura visita de Deus ao seu povo, sinônimo da saída da terra do Egito em direção à terra prometida aos seus pais. Logo após (v. 25) José faz jurar aos israelitas que, simultaneamente a tal visita (retorna a expressão quase idêntica “Deus virá com certeza visitar-vos” do versículo precedente), os seus ossos deixarão o Egito na mesma direção (GALVAGNO, 2015, p. 23).

Por duas vezes o autor emprega o verbo *paqad*. A primeira é uma promessa: “Deus vos visitará e vos fará subir deste país para a terra que ele prometeu, com juramento, a Abraão, Isaac e Jacó” (v. 24). Esta promessa se cumprirá no decorrer dos Livros do Êxodo e de Josué. A segunda vez é um pedido: “Quando Deus vos visitar, levareis os meus ossos daqui” (v. 25). Os filhos de Israel cumprirão este pedido de José quando saírem do Egito em Ex 13,19 e Js 24,32. Fato que será recordado pelo Eclesiástico ao falar de José “chefe dos irmãos, sustentáculo do povo; seus ossos foram visitados” (Eclo 49,15) e também em Hb 11,22.

José morre aos 120 anos, a mesma idade de Josué (Js 24,29; Jz 2,8) e de Moisés (Dt 34,7). José morre dignamente e descansa em paz no Egito. Seu corpo foi embalsamado e colocado num sarcófago no Egito. Contudo, o povo continua vivo e,

mesmo no Egito, aguarda esperando pela realização da visita de Deus prometida por José.

O corpo de José no Egito (fora da Terra Prometida) representa, de certa forma, o ser humano fora do Jardim do Éden. Seu retorno não será através de um cortejo fúnebre, como foi a descida de Jacó ao Egito. O autor de Hebreus vai ver a ordem de José como um gesto de fé (Hb 12,22), mas “aguardaria o tempo de Deus e um êxodo-melhor” (KIDNER, 2008a, p. 208).

É provável que os dois versículos sejam uma adição tardia, possivelmente da tradição Sacerdotal. Mas com este texto é feita a ligação de José com as promessas que Deus havia feito aos pais Abraão, Isaac e Jacó, sobre a posse da terra de Canaã, que se tornará realidade a partir de um futuro êxodo da terra do Egito (GIUNTOLI, 2013, 360-361).

O texto de Gn 50,24-25 confirma a presença constante de Deus que havia feito a promessa aos pais, mostrando-se fiel àquilo que promete: “a visita de YHWH resulta expressão da sua fidelidade à palavra dada: Deus torna-se presente para que o tempo que foi projetado possa tornar-se meta de um caminho efetivo” (GALVAGNO, 2015, p. 24).

O tema da visita de Deus em Gn 50,24-25 (e revisto em Ex 3,19) está interligado com o evento do Êxodo. O momento previsto por José, em que Deus visitará os filhos de Israel, coincidirá com aquele no qual os fará sair da terra do Egito em direção à terra de Canaã. Para o povo, as palavras proferidas por José conferem certeza do fim da escravidão no Egito e esperança de uma vida melhor.

2.4.1.3 Deus visita o povo oprimido (Ex 3,16; 4,31)

O tema da visita de Deus no livro do Êxodo está associado à condição de opressão que o povo experimenta na terra do Egito, notado nos primeiros capítulos do livro do Êxodo. É verdade que no texto de Ex 3,7-12 o verbo *paqad* não é empregado literalmente, no entanto, não se pode prescindir de seu conteúdo, porque além de se caracterizar como uma visita divina é exatamente este acontecimento que será reconhecido e narrado mais à frente como a visita de Deus em Ex 3,16; 4,31. Nas duas ocorrências em que é empregado, o verbo *paqad* sintetiza o que Deus está fazendo pelo povo. É o próprio Deus que reconhece o fato como uma visita: “De fato, vos tenho *visitado* e visto o que vos é feito no Egito” (3,16, grifo nosso). E também

Aarão, quando informa os anciãos sobre as ações de Deus, emprega o verbo: “Ele realizou os sinais à vista do povo. O povo creu e ouviu que o Senhor tinha *visitado* os filhos de Israel e visto sua miséria” (4,30-31, grifo nosso). Neste contexto de opressão, Deus mostra sua compaixão diante do sofrimento do povo por meio de uma visita salvadora.

A passagem de Ex 3,7-12 é considerada um dos textos mais importantes de todo o Antigo Testamento. É o que pode ser chamado de texto fundante, isto é, o texto que dá base e fundamento a toda a ação que Deus vai fazer com o seu povo daquele momento para frente, a fim de realizar as promessas feitas aos patriarcas.

Após a morte de José, a vida do povo no Egito passou a ser cada vez mais difícil, através dos duros trabalhos impostos pelos inspetores, a vida tornou-se “dura e amarga” (Ex 1,11.14). O autor já havia informado que “os filhos de Israel gemiam sob o peso da escravidão e, por isso, gritaram; e do fundo da escravidão o seu clamor subiu até Deus” (Ex 2,23). O capítulo 3 inicia com a experiência de Moisés no monte Sinai (Horeb) diante da sarça e Deus se revela como o Deus dos antepassados (Ex 3,1-6).

Conforme observa Perondi (2009, p. 19), a visita de Deus consiste em ações que podem ser identificadas através dos verbos utilizados para narrar este acontecimento. Estes verbos mostram como é o agir de Deus diante do clamor do povo escravizado:

- a) Deus “vê” a miséria do seu povo que está no Egito (Ex 3,7a), demonstrando que não é um Deus cego e, portanto, vê o que está acontecendo com o povo;
- b) Deus “ouve” o grito por causa dos seus opressores (3,8b), indicando que Deus não é surdo, Ele ouve o clamor, ouve o grito que vem do chão da vida;
- c) Deus “conhece” as angústias deste povo que sofre (Ex 3,7c), pois não é um Deus alheio ao que acontece com o povo com o qual fez Aliança;
- d) Deus “desce” para libertar o povo das mãos dos egípcios e fazê-lo subir para a terra da promessa (Ex 3,8) e com isso cumpre as promessas que havia feito aos patriarcas.

A reação de Deus ao grito do povo se realiza no fato de que Ele mesmo estará junto com o povo. Ele mesmo foi até onde estavam os filhos de Israel e “sairá” do Egito junto com o povo na longa caminhada através do deserto. A salvação mostra-se justamente no fato de que é o próprio Deus quem conduz o povo para fora do Egito (SCHARBERT, 2001, p. 31).

À primeira vista a ação de libertação do povo parece ser exclusiva da ação de Deus: “desci a fim de libertá-lo da mão dos egípcios e para fazê-lo subir desta terra para uma terra boa e vasta, terra que mana leite e mel” (Ex 3,8). Não obstante, logo a seguir o texto informa que humanamente caberá a Moisés ser o condutor do processo de libertação: “Vai, pois, e eu te enviarei a Faraó, para fazer sair do Egito o meu povo, os filhos de Israel” (Ex 3,10). Porém, será diante da reação de Moisés: “Quem sou eu?” (Ex 3,11) que Deus mostra que não estará ausente deste projeto: “Eu estarei contigo” (Ex 3,12). Esta frase é a garantia da presença de Deus ao seu povo e não é algo novo, mas a continuidade do mesmo agir já demonstrado com os pais da fé, a quem havia feito as promessas. A mesma frase (Gn 26,3; 28,15; 31,3) se dirá mais tarde a Josué, sucessor de Moisés (Js 1,5.9). (SCHARBERT, 2001, p. 32).

Na passagem de Ex 3,16 é empregado o verbo *paqad* justamente para indicar a visita de Deus tomando partido diante da aflição do seu povo: “Deus se coloca em movimento tornando-se presente junto ao povo sabendo o quanto ele está passando” (GALVAGNO, 2015, p. 26). Da mesma forma em 4,31 emprega-se o verbo *paqad* não mais no sentido de promessas, mas já como um agir concreto de Deus.

O êxodo do Egito não é somente uma saída, é também uma subida (CRAGHAN, 1999, p. 95). Os filhos de Israel deverão sair do Egito onde foram visitados por Deus e subir para a terra da promessa. De fato, em Ex 3,16-18, depois que Deus revelou o seu Nome, Moisés recebeu do Senhor uma missão particular: ele deve ir aos anciãos de Israel e revelar que Deus tomou consciência da situação de escravidão do povo e a perspectiva da eminente saída do Egito de volta à terra prometida (no v. 17, para indicar tal perspectiva, foi utilizado o verbo “subir” (*alah*) já utilizado com o mesmo significado em Gn 50,24-25; Ex 13,19); em seguida, com eles, pleitear junto ao faraó a possibilidade para os israelitas de saírem da terra egípcia para oferecer sacrifício no deserto ao Senhor (GALVAGNO, 2015, p. 25).

Moisés e Aarão realizam ações em nome de Deus junto ao Faraó, que a princípio acabam resultando totalmente infrutíferas. Mas elas preparam o momento da saída definitiva que acontecerá mais adiante. Será nas ações de Moisés que deve ser percebida a ação de Deus. A visita divina aos israelitas oprimidos e o fato de ter tomado sobre si a condição de aflição sofrida por eles não demonstram particulares intervenções diretas por parte de Deus. A missão de Moisés representa a visita de YHWH, o modo em que Deus toma para si a sua pobre condição (GALVAGNO, 2015, p. 25).

É o próprio Moisés que leva consigo os ossos de José, cumprindo, deste modo, a promessa de Gn 50,25: “Deus haverá de vos visitar (*paqad*), e então levai daqui convosco os meus ossos” (Ex 13,19) e que tornará realidade quando os ossos serão sepultados na Terra Prometida (Js 24,32). Esta atitude representa bem mais que um sentimento em relação ao patriarca, mas “uma última demonstração de fé nas promessas de Deus” (COLE, 2008, p. 114).

Da mesma forma a caminhada pelo deserto até o Sinai acontece em meio a superação dos conflitos que vão surgindo: perseguição dos soldados egípcios (Ex 14,1-14), travessia do mar (14,15-31), sede (15,22-27; 17,1-7), fome (16,1-36), inimigos (17,8-16) ou conflitos internos (18,1-27). Embora não esteja presente o verbo *paqad* explicitamente, YHWH mostra-se presente, ao lado de Moisés, ajudando a superar as dificuldades para que a caminhada seja realizada com êxito.

Como se observa, a visita de Deus mencionada em Ex 3,16; 4,31 trata da sua consideração com a situação do seu povo, a sua compaixão com a opressão dos israelitas. Portanto, neste contexto, *paqad* é sinônimo de interesse e intervenção, mas uma intervenção, que sendo divina, só pode ser resolutive.

2.4.1.4 Uma visita de punição (Ex 32–34)

Após a aliança no Sinai o verbo *paqad* é empregado no sentido de punição em Ex 32,33-34. A passagem está em seguida aos acontecimentos em torno do bezerro de ouro (Ex 32,1-6). Neste contexto, diferente das ações de visitas positivas, a visita de Deus agora tem um caráter punitivo diante da traição do povo (CATENASSI, 2016, p. 19-31). É a única presença em todo o Pentateuco em que o verbo *paqad* é empregado para indicar uma visita de Deus que não representa um fato positivo (GALVAGNO, 2015, p. 28).

Entre as afirmações divinas que dizem respeito à punição em relação aos israelitas, nas palavras dirigidas a Moisés em 32,33-34, YHWH declara antes a vontade de eliminar cada um que tenha pecado diante Dele (v. 33) e, em seguida, a vontade de punir o pecado do seu povo no dia de sua visita (v. 34b). Nesta última afirmação aparece o verbo *paqad* e é em razão do pecado do povo que YHWH intervirá contra eles e os punirá. Mas em disposição geral, mesmo com a reação de YHWH em tons de ira, o desfecho do relato demonstra que Ele se revela como Deus

de misericórdia. “Mesmo quando o povo o trai, se revolta, realiza iniquidade, Deus não abandona, mas defende e preserva a aliança com Israel.” (SCANU, 2015, p. 42).

Esta mudança do agir divino é fácil de ser percebida. Antes da Aliança no Sinai o povo ainda não tinha a Lei. Deus age em sentido misericordioso com o propósito salvífico em relação ao seu povo. Depois da Aliança, o povo tem a Lei segundo a qual deve se orientar e comportar (Ex 20,2-6). A infidelidade irrita YHWH, um Deus que é ciumento (Ex 20,5), porém não muda o seu caráter misericordioso: “YHWH, YHWH... Deus de ternura e de piedade, lento para a cólera, rico em graça e em fidelidade” (Ex 34,6). Entretanto, YHWH exige que o povo mantenha fidelidade ao pacto firmado no Sinai.

Nos capítulos 32-34 Deus pune os infiéis e mantém a sua disposição em continuar o seu projeto salvífico. A aliança é renovada e Deus permanece fiel à promessa e à aliança, caminhando com o povo rumo à Terra Prometida. “O sinal da reconciliação entre Deus e o povo é efetuado através de Moisés, o servo de ambos. O idioma hebraico em 34,19, “terei piedade de quem eu quiser ter piedade”, enfatiza a liberdade divina (nenhum motivo é dado)” (RICHARD; CLIFFORD, 2013, p. 158). O Deus que seguirá junto de Israel e irá à sua frente é um Deus de perdão e de misericórdia.

2.4.1.5 Constatações sobre a visita de Deus no Pentateuco

No Pentateuco a visita de Deus faz parte do seu plano de salvação. É no modo de agir divino que o povo vai descobrindo que Deus se revela. Bem mais do que abstrações ou raciocínios filosóficos, é a partir da experiência concreta e particular que o povo de Israel conhece seu Deus. “Antes de conceber o Deus Criador, Israel o conheceu como Salvador, como Deus presente, Deus não é uma ideia distante, Deus é concreto e próximo.” (CHEAIB, 2015, p. 15).

As visitas divinas ocorrem ligadas aos grandes temas do Pentateuco, como o chamado, as promessas, a aliança, a libertação. A iniciativa é de Deus. Trata-se de um encontro estabelecido por Deus, não pelo ser humano, criado à sua imagem e semelhança. A este compete reconhecer quem é este Deus que veio ao seu encontro, e quem é o ser humano perante este Deus que veio ao seu encontro. É diante deste Deus que o ser humano deve caminhar e com ele permanecer se quiser continuar o caminho da vida para não correr o risco de se perder, correndo inclusive o risco de

morrer, pois só em Deus e em sua Palavra está a vida (Lv 18,5; Dt 4,1.40; 6,24; 8,1.3; 11,9; 16,20; 22,7; 25,15; 30,6.15-20; 32,47). (COUTO, 2005, p. 159).

2.4.2 Anúncios proféticos de uma visita de Deus

Encontramos nos escritos proféticos a presença do verbo *paqad* atribuindo visitas de Deus ao seu povo. Estas passagens caracterizam-se por promessas de visitas que podem ter dois sentidos: a) de juízo e punição, sobretudo quando dirigidas aos reis e chefes do povo para castigá-los por suas ações fraudulentas, ou então, aos povos estrangeiros por sua maldade contra o povo eleito; b) de salvação e restauração, quando dirigidas ao povo, sobretudo ao resto fiel e que se encontra em situação difícil, vítima do descuido e abandono.

Não é pretensão analisar todas as passagens que tratam do tema, dado o limite desta pesquisa e a grande quantidade de textos nos livros proféticos onde a visita de Deus tem característica de castigo (Is 10,12; 13,11; 24,21; 27,1; Jr 9,24; 6,15; 8,12; 11,22; 21,14; 23,34; 25,12; 29,10.32; 30,20; 44,13.29; 51,44.47.52; Os 12,3; Am 3,2.14; Sf 2,7 etc). Para isso foram escolhidos três textos de profetas em contextos diferentes (antes, durante e após o exílio) e que dão uma ideia de como o tema da visita de Deus era vista, anunciada e esperada pelos profetas.

2.4.2.1 Visita de juízo e salvação para Jerusalém (Is 29,1-8)

O texto é um oráculo de juízo e salvação para Jerusalém, chamada de Ariel. Este nome pode ter dois significados: '*ariel*: leão de Deus, indicando a imagem de um leão sobre o Monte de Sião, cercado por pastores (Is 31,4); ou *har'el*: montanha de Deus. Na segunda opção seria a parte superior do altar (Ez 43,15) onde se ofereciam os sacrifícios, seria o "coração do altar" (JENSEN; IRWIN, 2007, p. 505).

O contexto é anterior ao assédio feito pela Assíria em 701 a.C. e evoca a conquista da cidade pelo rei Davi (Is 29,1; 2Sm 5,6-7). Portanto, é anúncio da ameaça que está por vir contra a cidade de Jerusalém. A menção às festas (v. 1) pode indicar que as autoridades e o povo festejavam e não se davam conta da gravidade do perigo que estava por vir. Em meio à ameaça, a cidade com os seus habitantes, porém, continua a festejar com celebrações litúrgicas e ofertas de sacrifícios.

Fala-se do abatimento, da palavra abafada ao pó da terra e a voz como de espíritos debaixo da terra, isto é, de mortos (v. 4). São imagens do aniquilamento, de quem é jogado ao pó, no chão da vida.

Será quando a catástrofe parecer iminente, com os inimigos às suas portas, que a cidade será “visitada por YHWH dos Exércitos” (29,6). A visita marcará a ação de Deus em favor do seu povo com sinais cósmicos que lembram as ações de Deus no Egito, e também do Sl 48,5-6.

Da ameaça de castigo (vv. 1-4) passa-se para uma promessa de salvação e de libertação (vv. 5-8). Inesperadamente YHWH visitará a cidade de Jerusalém para defendê-la daqueles que chegam para depois atacá-la. Não há dúvida de que esta é também uma mensagem de salvação. Mas a linguagem é ambígua: primeiro vem a ameaça e depois a salvação. Isso pode indicar que a segunda seja uma releitura posterior (CROATO, 1989, p. 177).

Como se nota, quando tudo parecia perdido para o rei e o povo em Jerusalém, a imprevista e inesperada visita de Deus traz libertação e salvação. Nada no comportamento dos habitantes de Jerusalém provocou a repentina mudança divina. Tudo aconteceu por sua iniciativa totalmente gratuita.

A intenção de YHWH com o castigo antes e a salvação depois é de trazer junto a si o seu povo. Esta visita para castigar é mais uma das inúmeras tentativas que Deus faz para reestabelecer a aliança quebrada. É um convite à conversão para se colocar em sintonia com a sua vontade. Deus não se conforma jamais e no bem e no mal busca trazer para junto de si o seu povo. Todavia, YHWH demonstra que intervém de maneira livre, guiado unicamente pelo desejo de realizar o seu projeto de salvação sem se deixar influenciar pelas escolhas obtusas de reis e do povo.

Deste modo, a visita de YHWH de Is 29,1-8 tem a característica de ser ambivalente: enquanto leva o castigo para os assírios que circundam Jerusalém, procura a salvação dos seus habitantes. Mas também em relação aos israelitas, a visita de Deus nem sempre é agradável: Deus vem ou para castigar ou para salvar. No conjunto da literatura profética são mais numerosas as vezes nas quais Deus visita as lideranças do povo e, encontrando-o numa situação de pecado, o castiga.

2.4.2.2 Denúncia dos maus pastores e promessa da visita de Deus como Pastor (Ez 34; 38-39)

O texto de Ez 34 é de denúncia e de anúncio. O profeta Ezequiel denuncia os reis e os chefes que foram responsáveis pelo desastre de Jerusalém, em 586 a.C., que resultou no exílio do povo, enviado para a Babilônia. É uma profecia e uma esperança para o povo em vista do seu retorno à Terra Prometida.

A denúncia (Ez 34,1-10) é contra os reis e os chefes do povo. No Antigo Oriente os reis eram considerados os pastores do povo, como previu o profeta Jeremias (Jr 2,8; 10,21; 23,1-3; 25,34-36; conforme Zc 11,4-17). Aos reis e chefes do povo cabia a tarefa de cuidar e zelar do bem-estar do seu povo, mas como eles maltrataram o povo, Deus lhes tirará o papel de guardadores do rebanho.

Deus julga os reis e chefes através de um “Ai” (34,2), seguido de duas sentenças de juízo (vv. 7-8 e 9-10). O povo exilado e derrotado é visto como ovelhas feridas, perdidas e dispersas, justamente porque foram abandonadas por aqueles que deveriam cuidar do rebanho. (BOUDT, 2007, p. 652).

O texto transforma-se também em anúncio de salvação. Já que os reis e chefes abandonaram o cuidado do povo, o próprio Deus assume a iniciativa de visitar e cuidar do seu rebanho. Ele reverte o mal feito pelos maus pastores (vv. 11-16), alimenta-se a esperança de um novo Davi (vv. 23-24) que retoma as promessas de 2Sm 7. E, por fim, a promessa de uma aliança de prosperidade (25-31). (BOUDT, 2007, p. 652).

Deus virá para castigar os maus pastores e libertar as ovelhas. Como bom pastor, Ele cuidará das ovelhas, buscará as dispersas, trazendo-as para descansar em boas pastagens em sua terra, onde tratará daquelas que estão machucadas e fortalecerá as que estiverem enfermas (CRAVEN, 1999, p. 82).

As imagens de Deus como bom pastor estão em Gn 48,15; Jr 31,10 e são celebradas no Salmo 23. Serão retomadas no Novo Testamento, tanto por Mateus no julgamento (Mt 25,31-46), como por Lucas na parábola do pastor que vai em busca da ovelha que se perdeu (Lc 15,4-7), mas, sobretudo, na bela imagem do bom pastor, com a qual João apresenta Jesus que cuida e dá a vida pelas ovelhas do seu rebanho (Jo 10,1-18).

Os capítulos 38 e 39 são profecias com estilo apocalíptico e traços escatológicos, onde Deus aparece para exercer seu julgamento diante das nações opressoras. Nas visões de Ezequiel, YHWH agirá contra Gog, rei de Magog (uma

nação que apresenta dificuldade em sua identificação). Esta nação após muitos dias será “convocada” (verbo *paqad*) para agir como se fosse um instrumento de Deus com o objetivo de vingar a devastação causada à terra da promessa (Jerusalém, o “centro do mundo”, cf. Ez 38,12b).

2.4.2.3 Visita de Deus para julgar e restaurar (Zc 9-14)

A segunda parte do Livro de Zacarias (Zc 9-14) preocupa-se menos com a restauração do Templo e do reinado, como a primeira parte (Zc 1-8). Predomina o estilo apocalíptico, com ênfase nas expectativas messiânicas descrevendo as provações e as glórias de Jerusalém nos últimos tempos. Zacarias prevê a ação de Deus que julga e restaura o povo. Há um destaque para o povo visto como “ovelhas que sofrem porque não têm pastor” (10,2b), e as ameaças aos “pastores do povo” que não cuidam do rebanho (10,2-3; 11,4-14; 13,7-9).

Em 10,3 por duas vezes é empregado o verbo *paqad*. A primeira tem o caráter punitivo diante da ira de YHWH contra os opressores: “Contra os pastores se inflamou a minha ira e os bodes eu vou *castigar*” (10,3a, grifo nosso). Trata-se dos dominadores estrangeiros que oprimem o povo. Já em seguida o verbo *paqad* é empregado com caráter salvífico: “Quando YHWH dos Exércitos *visitar* o seu rebanho, a casa de Judá, ele os fará como o seu cavalo de glória no combate” (10,3b, grifo nosso). A visita ao rebanho tem uma conotação favorável. (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2004, p. 1677).

O texto de 11,4-14, em forma alegórica, é uma forte denúncia contra os maus pastores, aproximando-se de Ez 34, por isso esses maus pastores serão destruídos. O texto será retomado em Zc 13,7-9 quando o verdadeiro pastor será ferido e as ovelhas ficarão dispersas. Este será o momento para a intervenção salvífica de Deus em favor do seu povo: “Ele invocará o meu nome, e eu lhe responderei; direi: ‘É meu povo!’ e ele dirá: ‘YHWH é meu Deus!’” (Zc 13,9b).

Já o capítulo 14 de Zacarias é um texto com estilo apocalíptico que prevê o julgamento de Deus e a exaltação de Jerusalém. É o anúncio do monoteísmo (v. 9) e que se estenderá até o cosmos, no Dia de YHWH quando serão unificados os tempos e os lugares serão transformados. Na linguagem apocalíptica as catástrofes e os eventos cósmicos sinalizam a intervenção espetacular de Deus para o julgamento final e para a extensão universal do monoteísmo.

A cena inicial é de catástrofes e revoltas naturais. Haverá saques e violações. A destruição inicial precede a vitória final. Metade da população será exilada, mas sobrar um resto (14,2; 13,8). Prevê-se uma era escatológica onde o Senhor “será o rei do universo, mas ele também será rei em Jerusalém (cf. v. 16)”. (CODY, 2007, p. 718).

É recordada a Festa das Tendas (v. 16), ou dos tabernáculos, era a antiga festa agrícola de outono, nela se celebrava a realeza de YHWH e se recordava a proteção de Deus durante a travessia do deserto do Sinai e também a alegria e gratidão a Deus pelas colheitas. Reconhecia-se assim a soberania de Deus Criador e o seu reinado no mundo. (VAUX, 2003, p. 531-538).

Outra imagem é a da abundância de águas. Zacarias sonha com o resultado que a água pode produzir numa terra pedregosa onde as chuvas são escassas. “As águas vivas representam a nova fonte de fecundidade para a terra e para o povo” (ROSSI, 2000, p. 49). E aparece a santidade própria dos lugares, vasos e pessoas sagradas deixarão de ser próprias ao Templo. Por sua vez, os objetos profanos mudarão: serão tão santos como os vasos mais santos do Templo. (CODY, 2007, p. 719).

Os judeus repetiam no *Shemá* que “O Senhor nosso Deus é o Único Senhor” (Dt 6,4). Por isso, a visita de Deus colocará também fim à idolatria. Será a exaltação do nome de YHWH e é “a indicação de que todos conhecerão que ele é o único Deus e único será o seu nome.” (ROSSI, 2000, p. 49).

Nesta profecia de Zacarias fica demonstrado que a ocorrência de *paqad* tendo Deus como sujeito apresenta duplo sentido na mesma frase: de castigo e de salvação. Todavia, a visita é bem dirigida: para os opressores será punição e para o povo de Israel trará salvação.

2.4.2.4 A visita de Deus e o Dia de YHWH

A visita de Deus contém uma particular importância quando acontece no “dia de YHWH” (Am 3,2.14; 5,18; Zc 10,3; 14; Sf 1,7.14;2,7; Jr 30,7.20). A expressão “dia de YHWH” é típica do anúncio profético e se repete em especial nos chamados “Profetas menores”. As características da vinda de YHWH no seu dia foram traçadas em Am 5,18-20, quando a expressão aparece pela primeira vez na literatura profética e o julgamento é descrito como o *yôm YHWH*, expressão que se torna fundamental

na escatologia do AT, para depois retornar de maneira figurada nos profetas sucessivos (VIRGULIN, 1978, p. 33-34). O dia da prestação de contas final torna-se fundamental: YHWH vem em meio a grandes desordens cósmicas e o dia da vinda assume as características do definitivo julgamento de Israel. A purificação é cruel porque a vinda de YHWH no seu dia não é uma vinda entre as outras, mas, aquela definitiva; Ele vem no final de uma série de convites ao arrependimento feito por meio dos profetas.

Como o conjunto do anúncio profético, também aquele do dia de YHWH sofre uma evolução de perspectiva depois da tragédia do exílio da Babilônia (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2004, p. 1620). Mesmo mantendo os traços nocivos, o anúncio vem agora inserido num contexto de salvação, de convite à esperança: a sorte dos justos e dos ímpios é diferenciada com mais clareza. Com a punição dos inimigos de Israel, o dia de YHWH se transformará num acontecimento de salvação para o povo de Deus até chegar à mensagem de Zc 14 (comentamos anteriormente) onde o castigo que atingirá Israel e as nações provocará a conversão de todos e aquele dia perderá a sua característica de obscuridade para se transformar em dia de luz.

O livro de Malaquias “está todo impregnado da espera do dia de YHWH, considerado como a solução de todos os males do tempo e como o início de uma nova era” (VIRGULIN, 1978, p. 186). Colocado significativamente pelo cânon cristão católico no final do Antigo Testamento, a espera do dia de YHWH se confirma como a espera do Messias que vem para visitar o seu povo e salvá-lo (Mt 3,1-2.19. 23-24).

2.4.2.5 Constatações sobre a visita de Deus nos Profetas

Constata-se um duplo sentido do uso do verbo *paqad* e a caracterização das visitas de Deus nos escritos proféticos:

- 1) Quando as visitas de Deus são destinadas aos líderes e à elite política, religiosa e econômica, isto é, àqueles a quem cabe a missão de guardar, cuidar e governar o povo de Deus, mas que se tornam justamente os opressores que maltratam e ainda se beneficiam da opressão sofrida pelo povo, a estes, a visita é de juízo e punição já que não cumpriram sua tarefa exatamente de visitar, proteger e sanar as feridas da parcela que lhes fora confiada. Neste caso, a atuação dos profetas é de denúncia e anúncio de

castigos. O próprio Deus pode suscitar inimigos para eles que agirão como instrumentos da sua ira e da sua vingança. Foi assim que os profetas viram as catástrofes sofridas sob os impérios assírio e babilônico.

- 2) Em outro sentido, encontramos as visitas de Deus em favor do povo sofrido, excluído e abandonado pelas lideranças ou explorado pelos mais ricos e prepotentes. Estas visitas são benéficas e portadoras de salvação, com o objetivo de restaurar a situação em vista dos castigos recebidos da parte dos opressores. A ação de Deus será como a do verdadeiro pastor que se preocupa com o rebanho, que acolhe e cuida, sobretudo das ovelhas feridas.

Não se pode, no entanto, considerar que o modo de agir de Deus seja somente de castigar e oprimir o próprio povo com o qual fez a Aliança. Para os profetas, o castigo é fruto da própria infidelidade. É como se no seu orgulho as lideranças confiassem mais em si do que em Deus. Então Deus os abandona e acontece a desgraça. Somente abatidos por terra sentirão a falta do seu Deus e então a Ele clamarão: “Serás abatida: desde o chão passarás a falar; a tua palavra virá abafada pelo pó da terra, a tua voz será como a de espírito que se encontra debaixo da terra, o teu falar será murmúrio que brota do chão” (Is 29,4). Nada disso era preciso se a palavra do Senhor, manifestada através dos profetas, tivesse sido escutada! (2Rs 17,13).

O certo é que o Deus da Bíblia não tem prazer em punir, condenar ou destruir as pessoas, mas espera uma atitude de justiça, santidade e obediência. (VIRGULIN, 1989, p. 42). Seu prazer está em agir com misericórdia, mas para isso espera uma mudança de comportamento. Deus quer instruir o seu povo e dizer o que dele espera quando vem à sua presença. Ele não quer e nem se satisfaz com oferendas gordas e excessos de orações. Ele quer a conversão, a mudança de vida, a ação em favor dos mais necessitados (Is 1,10-20). Mesmo o ímpio opressor, o Senhor não se alegra em destruí-lo. Espera dele a conversão, a mudança de vida, que guarde os estatutos e pratique o direito e a justiça: “Porventura eu tenho prazer na morte do ímpio? – oráculo do Senhor YHWH – Porventura não alcançará ele a vida se se converter de seus maus caminhos?” (Ez 18,23).

O Deus que se revelou na Bíblia é e será sempre o Deus misericordioso. “Deus de ternura e de piedade, lento da cólera e rico em graça e fidelidade” (Ex 34,6). Terá sempre um rosto de compaixão em direção ao seu povo sofrido e, justamente por

causa disso, não tolerará jamais a injustiça contra os pobres e jamais terá pactos com os opressores e aqueles que oprimem os mais fracos.

Os profetas estão menos interessados em refletir e falar sobre a identidade de Deus. O seu interesse é mostrar o modo de agir de Deus e a revelação da sua vontade. A sua presença era seguidamente arrastada para os profetas que experimentavam como Deus se interessava próximo do ser humano e do seu povo. Aí estava a grande diferença entre o Deus bíblico e os deuses dos filósofos. (CHEAIB, 2015, p. 16-17).

2.4.3 Promessas de visita de Deus nos Salmos

No Livro dos Salmos a visita de YHWH é encontrada expressamente em alguns salmos onde se repete o verbo “visitar” tendo Deus como sujeito. O verbo *paqad* é empregado para fazer um pedido ou para agradecer pela visita que Deus faz ao seu povo. O sentido é quase sempre positivo e indica a visita com várias finalidades. Mas é atestada também a presença de *paqad* tendo Deus como sujeito no sentido de punição e castigo quando o fiel invoca imprecação divina contra os inimigos que oprimem o justo (Sl 59,6). Neste caso, por ocasião da devastação causada pelos inimigos estrangeiros na Terra Prometida, a comunidade confia na contínua presença de YHWH e faz o convite para que faça uma visita punitiva contra os povos que dominam Israel. (LORENZIN, 2015, p. 73).

2.4.3.1 O louvor de quem é visitado por Deus (Salmo 8)

O Salmo 8 é um hino de louvor diante da grandeza do poder de Deus. O salmista contempla o universo e reconhece a beleza da obra criada por Deus, mas a maior obra criada por Deus é o ser humano que foi criado à sua imagem e semelhança (Gn 1,26-27) e ao qual foi confiado o cuidado e a guarda da criação (Gn 2,15).

Diante deste grande esplendor, ele se pergunta então: o que é ser humano para que Deus possa se ocupar dele? “Quando vejo o céu, obra dos teus dedos, a lua e as estrelas que fixastes, que é um mortal, para dele te lembrares, e um filho de Adão, para vires visitá-lo? (*paqad*)” (vv. 4-5). Ao mesmo tempo em que reconhece a pequenez humana (um mortal), pergunta-se pela importância do ser humano que é digno de receber a visita do seu Criador. Então afirma que o ser humano não é nada

menos que um pouco menor que um deus e a ele foi confiado o cuidado da obra criada (vv. 6-7).

Por que deveria Deus recordar-se do ser humano? Justamente porque o próprio Deus assume o seu cuidado, expresso através do verbo *paqad*, que adquire o significado de visitar, vigiar, provar zelo e preocupação. Deus “visita” a terra e a rega de águas fecundas (Sl 65,10), é Ele que visita a vinha devastada para restaurá-la (Sl 80,15), visita o ser humano para salvá-lo (Sl 106,4). É a ideia do pai que visita seu filho para verificar como este está vivendo. Emerge o aspecto judiciário (Sl 17,3; 59,6). O aspecto dominante, no entanto, é de um juízo libertador de Deus que “visita seu povo” (Lc 1,68; 7,16), uma visita de salvação (Lc 19,44), da presença amigável e prazerosa. Assim, o Salmo 8 é uma celebração maravilhosa do que faz do ser humano um ser único e irrepetível, isto é, graça de Deus que transforma (1Cor 15,10), manifestando amor, recordação e a preocupação de Deus nas suas relações com ele. (RAVASI, 1981, p. 197).

O uso do verbo *paqad* no Salmo 8 permite a possibilidade de várias interpretações. Basta verificar as opções adotadas por algumas traduções: “visitar” (BJ, Pastoral, Almeida); “ocupar” (TEB, Peregrino); “lembrar” (CNBB, Bíblia Hebraica); “preocupar” (Bíblia dos Capuchinhos); “cuidar” (Ravasi). Isso demonstra os diversos significados de *paqad* no Salmo: a ideia de um Deus grandioso em suas obras, mas que se interessa em estar próximo e mantendo o cuidado com suas criaturas.

2.4.3.2 Convite para que Deus visite sua vinha (Salmos 80,106 e 65)

O Salmo 80 é um pedido clamoroso para que Deus visite a vinha, isto é, a terra que deu em herança ao seu povo. Esta terra foi invadida e devastada pelo javali, com certeza uma metáfora para indicar a invasão dos povos estrangeiros. A terra está queimada, decepada (v. 16), o resultado da invasão da Babilônia e seu caráter destruidor. A terra que “corre leite e mel” (Ex 3,8) foi pisada pelos inimigos.

O salmista se pergunta se foi Deus que permitiu a desgraça que sobreveio sobre o povo, diferente do Deuteronomista e de alguns profetas que atribuíam somente ao povo a culpa pelo desastre do exílio. Por isso a comunidade em oração se dirige a YHWH e o convida a do alto “dirigir o seu olhar para a sua obra porque tudo depende dele, mas venha também embaixo para inspecionar (*paqad*) pessoalmente a sua vinha e protegê-la.” (LORENZIN, 2015, p. 79-80). E então se

implora a Deus que tenha compaixão e que retorne ao seu agir primitivo: “Deus dos Exércitos, volta atrás! Olha do céu e vê, visita (*paqad*) esta vinha: protege o que tua direita plantou!” (vv. 15-16). Segundo Weiser (1994, p. 417), “o verbo visitar tem dois sentidos: implica o encontro com Deus como crise e libertação”. Espera-se que Deus venha ao encontro e salve o povo da triste situação em que se encontra.

A comunidade reconhece também seu erro e promete que nunca mais se afastará do seu Deus, pois só assim pode viver (v. 19). E conclui com um pedido de salvação e de um novo êxodo: “YHWH, Deus dos Exércitos, faze-nos voltar! Faze tua face brilhar, e seremos salvos” (v. 20).

O Salmo 106, por sua vez é um pedido individual, de um orante que se dirige a YHWH clamando pela sua visita, porém, não é uma súplica ou pedido individual somente para si mesmo, mas uma súplica em favor do povo: “Lembra-te de mim, YHWH, por amor do teu povo; visita-me (*paqad*) com a tua salvação” (106,4).

Entretanto, “para que isso possa ocorrer é mister primeiro afastar a culpa que separa o povo do seu Deus. A essa finalidade serve a parte principal do salmo (vv. 6-46)” (WEISER, 1994, p. 526). O salmista então assume e reconhece as infidelidades cometidas pelo povo, olhando para a história passada, desde os pais no passado, ainda no Egito, que não compreenderam as maravilhas do Senhor (v. 7). Mesmo que historicamente o povo seja infiel, reconhece que o Senhor foi fiel à Aliança e por isso “moveu-se por seu grande amor, concedeu-lhes moverem-se de compaixão” (vv. 45-46). E, por esta razão, conclui clamando pela visita (mesmo que não use o verbo *paqad*: “Salva-nos, YHWH nosso Deus! Congrega-nos, dentre as nações para que celebremos o teu nome santo, felicitando-nos com teu louvor!” (v. 47). A conclusão “é uma súplica em favor de todo o povo exilado e disperso entre as nações para que volte a ser feliz.” (BORTOLINI, 2000, p. 441).

O salmo 65 é um hino de ação de graças onde o povo agradece a Deus pelos benefícios recebidos. Se a terra tantas vezes foi devastada, e teve suas lavouras destruídas pelos impérios invasores, pode dar as generosas colheitas. É o próprio Deus que visita a terra e a torna fecunda: “Visitas (*paqad*) a terra e a regas, cumulando-a de riquezas” (65,10a). A expressão “Tu visitas” não é algo estanque, uma visita esporádica, “representa um pensamento tipicamente bíblico, que Deus, apesar de sempre estar presente e ativo, tem Seus momentos decisivos de se aproximar para abençoar ou julgar (Gn 50,24-25; Ex 32,34; Lc 1,68)” (KIDNER, 2008b, p. 254). Esta visita providencial faz com que o ciclo volte ao seu curso normal, de

modo que nada falte ao ser humano: “O ribeiro de Deus é cheio d’água, tu preparas seu trigo” (65,10b). (BORTOLINI, 2000, p. 270).

2.4.3.3 Outras presenças do verbo *paqad* nos Salmos

O Salmo 17 é uma súplica individual da pessoa que está sendo perseguida e se julga inocente, por isso dirige-se a Deus pedindo justiça contra os seus opressores. O uso dos termos “noite” (v. 3) e “despertar” (v. 15), segundo Bortolini (2000, p. 79) pode indicar que a pessoa esteja no Templo, diante do Sinédrio, onde está sendo acusada e mortalmente perseguida.

A pessoa pede a Deus que se torne o juiz, que venha sondá-la e investigá-la, porque reconhece em Deus a fidelidade e imparcialidade nos julgamentos, esperando que a sentença venha da parte de Deus e que seus olhos vejam onde está o direito (v. 2). “Tu sondas meu coração, tu me visitas (*paqad*) de noite, tu me provas sem encontrar em mim infâmia” (v. 3).

A noite se tornou para o salmista o tempo do diálogo com o Senhor na intimidade da sua consciência. Diante de Deus ele pode dizer que esteve longe do sincretismo para se consagrar ao seu serviço e proclama a sua inocência diante das acusações dos seus inimigos. (LORENZIN, 2015, p. 75).

No Salmo 31 encontramos uma pessoa passando por grandes dificuldades e, por isso, clama a YHWH. Neste caso emprega-se o verbo *paqad* no hifil, com um sentido diferente de “visita”, isto é, com o significado de entrega, abandono confiante. “Em tuas mãos entrego (*paqad*) meu espírito, és tu que me resgatas YHWH” (31,6). Segundo Lucas, Jesus na cruz rezou este Salmo (v. 6), ou parte dele (Lc 23,46). É possível que, como Jesus na cruz, o orante já sinta que humanamente sua causa está perdida, e, por isso, recorre ao Senhor onde se abandona como o último refúgio. Não é uma resignação fatalista, mas demonstra a fidelidade ao Senhor, onde se sente protegido e redimido e libertado de tudo o que o oprime. “A vida Ihe ensinou esta fidelidade de Deus e tal experiência Ihe dá também agora a firme esperança de ser salvo da aflição atual.” (WEISER, 1994, p. 201).

O Salmo 109 apresenta outra pessoa perseguida e injustamente condenada que suplica a Deus, implorando que Ele não se cale (v. 1b), que o “trate bem e o liberte” (v. 21) e que venha em seu socorro (v. 26). Neste Salmo a visita é prevista para um futuro escatológico com a finalidade de julgar os inimigos do seu povo. O

orante não pede a Deus que castigue seus inimigos, mas que suscite para eles o ímpio que o castigue e condene: “Suscita (*paqad*) um ímpio contra ele, que o acusador se poste à sua direita” (v. 6). Nesse sentido, assim como à direita do indigente se encontra YHWH (v. 31), o inimigo terá o ímpio ao seu lado (possivelmente esteja pensando em Satã, o acusador, como em Jó 1,6; 30,12; Zc 3,1).

2.4.3.4 Constatações sobre a visita de Deus nos Salmos

A presença de Deus foi uma constante na história da comunidade de Israel e de Judá, e o redator final do Livro dos Salmos parece ter evidenciado tal presença, através das recordações de algumas visitas de YHWH assinaladas com o verbo *paqad* em pontos centrais do livro: Sl 8,5; 17,3; 31,6; 65,10; 80,15; 106,4 e 109,6.

Numa leitura contínua dos Salmos descobrimos que o redator final, diante do grito da comunidade, não reagiu com o “por quê?” de Jó (Jó 3) e nem mesmo com o desolado “tudo é vaidade” de Qoèlet (Eclo 1,2), mas com confiança em YHWH, o qual com a sua visita sempre esteve próximo do seu povo, antes ainda de Davi e de Moisés, como se pode constatar nos Salmos 106; 109.

2.4.4 A visita de Deus no Livro da Sabedoria

Nos livros Sapienciais o verbo *paqad* é praticamente ausente, ainda que esteja presente no Livro de Jó. Porém, não apresenta o significado de “visita”, com uma exceção no discurso de Elifaz de Temã, quando Shaddai salva dos perigos “conhecerás a paz em tua tenda, visitarás (*paqad*) teus apriscos onde nada te faltará” (Jó 5,24), mas o verbo não é atribuído a Deus. Nas demais ocorrências em Jó o sentido é de examinar (7,18); interrogar (31,14); confiar, entregar (34,13); castigar (35,15); prescrever (36,23).

No Livro dos Provérbios encontra-se uma única ocorrência: “O temor do Senhor conduz à vida; pernoita-se satisfeito, sem visita (*paqad*) da desgraça” (Pr 19,23 - TEB). Portanto, não é atribuído a Deus.

Será o Livro da Sabedoria, último livro do Antigo Testamento, escrito possivelmente no I século a.C., que resgatará o sentido da “visita de Deus” com o emprego do substantivo *episkopé* (visita) derivado do verbo ἐπισκοπέω (*episkopéo* ou *episkeptomai*).

É interessante notar que no início do Livro, Deus é definido como *epískopos*, isto é, como inspetor, como perscrutador do coração humano: “Deus é a testemunha de seus rins, perscruta seu coração segundo a verdade e ouve o que diz a sua língua” (1,6).

Deus é chamado de *epískopos*, entendido aqui como “perscrutador” ou “inspetor”, rigoroso, verdadeiro, do “coração”, ou melhor, da consciência do ser humano. O termo *epískopos* aparece nos LXX como referência a Deus somente em Jó 20,29, e mais frequente no âmbito grego. Em Fílon e outros autores, *epískopos* é usado para indicar a divindade que conhece e se ocupa dos afazeres humanos. (MAZZINGHI, 2015, p. 96-97).

A visita (*episkopé*) de Deus no Livro da Sabedoria pode ter os dois sentidos: de benefício ou de punição. A punição é reservada aos ímpios que são aqueles judeus apóstatas que se opõem aos justos que querem permanecer fiéis a Deus, e também diante da perseguição e da morte.

Estes “ímpios”, como estão definidos no livro da Sabedoria, não acreditam no Deus benevolente e misericordioso que “visita” os seres humanos, que intervém na vida deles e, sobretudo, além da vida deles, para salvá-los. Mas a verdadeira novidade que o livro da Sabedoria mostra em relação ao tema da “visita”, é a confiança – negada pelos “ímpios” – que Deus é capaz de ir além das barreiras da morte: a sua “visita” não tem limites seja no espaço ou no tempo. (MAZZINGHI, 2015, p. 86).

2.4.4.1 O que pensam os ímpios

O Livro da Sabedoria por duas vezes chega a dar a palavra a estes ímpios (Sb 2,1-20 e 5,4-13) para que eles próprios exibam seus planos. Eles consideram que a vida é breve, não creem na imortalidade (Sb 2,1). Se a vida é passageira, então o melhor é desfrutá-la ao máximo aqui na terra (v. 5). Eles oprimem o justo pobre, não poupam as viúvas, nem respeitam os anciãos (Sb 2,10). Por isso, cercam o justo que os incomodam, porque teme e confia em Deus. Eles concluem seus raciocínios sobre o justo, afirmando: “Condenemo-lo a uma morte vergonhosa, pois diz que há quem o visite” (*episkopé*) (v. 20).

Além de explorarem materialmente o pobre, os ímpios procuram ridicularizar sua fé e sua conduta baseada na justiça. Assim, o último fio de esperança que resta

ao justo é a confiança na justiça divina. Até isso, os ímpios pretendem colocar em descrédito.

2.4.4.2 A visita (*episkopé*) de Deus aos justos

Os ímpios enganam-se, pois “a vida dos justos está nas mãos de Deus” (Sb 3,1). Na sua morte, para os insensatos, os justos parecem mortos, contudo, estão em paz, pois são examinados por Deus e são encontrados dignos e sua vida aceita como uma oferta perfeita (Sb 3,6). “No tempo de sua visita resplandecerão e correrão como fagulhas no meio das palhas” (Sb 3,7). Os justos terão a bela acolhida por parte de Deus e “os que são fiéis permanecerão junto a ele no amor, pois graça e misericórdia são para os seus santos, e sua visita (*episkopé*) é para seus eleitos” (Sb 3,9).

A “visita” (*episkopé*) mencionada em Sb 3,7.9 é verdadeiramente uma intervenção divina em relação aos justos considerados apenas depois da morte (MAZZINGHI, 2015, p. 87). A morte não é o fim, como pensam os ímpios, mas justamente o momento oportuno para que Deus faça justiça, pois “a justiça é imortal” (Sb 1,15). Para o autor do Livro da Sabedoria, a “justiça é outra maneira para se descrever o relacionamento de Deus com o fiel. E esta união amorosa não pode ser rompida pela morte.” (CERESKO, 2004, p. 166).

2.4.4.3 A visita (*episkopé*) às estéreis e aos eunucos

Em Sb 3,13-19 o autor propõe um primeiro exemplo de salvação do justo; nos versículos 13-15 afirma-se em particular que tanto uma mulher estéril quanto um eunuco podem obter a vida com Deus, ao contrário dos filhos dos ímpios (Sb 3,16-19).

O fato de mencionar a mulher estéril e o eunuco é estranho, pois eram duas categorias de pessoas que, segundo a tradição de Israel, eram consideradas excluídas da bênção divina: a estéril porque estava privada de ter filhos e, com isso, pôr fim à descendência do marido; o eunuco porque, incapaz de gerar, não podia participar das assembleias (Dt 23,2).

No entanto, a perspectiva da vida eterna permite ao autor da Sabedoria ler a vida do homem sob uma nova luz já prevista em Is 56,3-5. Se a mulher é estéril, mas virtuosa – se absteve em particular das uniões sexuais proibidas pela lei mosaica –

dela se pode dizer que será abençoada; não nesta vida, mas, na outra. “Feliz a mulher estéril que desconhece a união pecaminosa: obterá seu fruto na visita (*episkopé*) das almas. Feliz também o eunuco que não cometeu crimes em suas mãos” (Sb 3,13-14a). (MAZZINGHI, 2015, p. 90-91).

2.4.4.4 A visita de Deus como punição

Na terceira parte do Livro (10-19) são encontradas mais duas referências à *episkopé* “visita” de Deus, porém, diferente das anteriores, o sentido será de punição contra os ídólatras e contra o Egito que não acolheu o povo quando foi estrangeiro em sua terra.

A primeira desta é contra os ídolos e seus fabricantes: “Haverá uma visita (*episkopé*) para os ídolos das nações porque, na criação de Deus, eles se tornaram uma abominação, um escândalo para as almas dos homens e uma armadilha para os pés dos insensatos” (Sb 14,11). Os ídolos são manufaturados, isto é, feitos por mãos humanas, diferentes das obras da criação, feitas pelas próprias mãos de Deus. Por isso, são falsos e causam confusão no meio do povo. Serão punidos no dia da visita de Deus.

A outra menção é contra aqueles que não foram hospitaleiros e não acolheram bem os filhos de Israel quando estes eram estrangeiros. O Livro da Sabedoria não nomina as pessoas desde o início, e na passagem é fácil perceber que a acusação tem endereço o Egito: “Houve quem não recebesse os visitantes desconhecidos, mas eles escravizaram hóspedes benfazejos” (Sb 19,14).

A falta cometida pelos egípcios é mais grave do que aquela dos habitantes de Sodoma. Eles violaram a lei da hospitalidade, odiaram e trataram cruelmente os estrangeiros, depois de terem recebido em festa aqueles que partilhavam os mesmos direitos e depois foram obrigados aos trabalhos forçados (v. 16). O autor justifica que por isso “foram feridos de cegueira” (v. 17a), fazendo referência à praga das trevas (Ex 10,21-29).

2.4.4.5 Constatações sobre a visita de Deus no Livro da Sabedoria

No Livro da Sabedoria surge a ideia de Deus como o *epískopos*, e é também registrada a visita de Deus através do emprego de *episkopé* (visita) derivado do verbo

episkopéo ou *episkeptomai*. As visitas de Deus podem ser caracterizadas em três níveis diferentes:

- a) Deus que visita os justos e os acolhe, mesmo depois da morte, garantindo a sua imortalidade e, com isso, desfaz a presunção dos ímpios e nega seus raciocínios. É uma visita com caráter salvífico em favor dos justos. Neste caso o Livro da Sabedoria aponta para uma dimensão escatológica, uma visita após a morte, que os demais livros da Bíblia ainda não haviam contemplado;
- b) Deus que visita em caráter positivo e de salvação, beneficiando categorias de pessoas que antes eram consideradas excluídas, como as mulheres estéreis e os eunucos, tirando-as da sua condição negativa para uma nova situação positiva;
- c) Visitas de Deus em caráter punitivo contra os fabricantes de ídolos que enganam o povo, desviando-o do verdadeiro Deus; e também contra os egípcios porque desrespeitaram a hospitalidade, escravizando e submetendo o povo de Deus aos duros trabalhos. Assim, Deus intervém para destruir o mal.

Ao inserir o tema da visita (*episkopé*) de Deus, o Livro da Sabedoria corrige uma lacuna entre os escritos sapienciais que era a ausência do verbo *paqad* ou o seu correspondente grego *episkopéo* ou *episkeptomai*. Além disso, amplia o seu alcance também para uma dimensão escatológica onde a visita de Deus pode se transformar em julgamento positivo de justiça em favor dos justos.

Assim o Deus apresentado no livro da Sabedoria, mesmo com os seus traços punitivos, é antes de tudo um Deus de misericórdia. É um Deus que tem compaixão de todos (Sb 11,23), até mesmo quando pune deixa espaço para a conversão (Sb 11,23; 12,10.19). É um Deus que “ama todas as coisas existentes” (11,24), porque ele é o “amante da vida” (Sb 11,26). Deste modo, a visita de Deus não poderia ser outra que uma visita de salvação. (MAZZINGHI, 2015, p. 98).

2.4.5 A visita de Deus no Livro de Rute

No Livro de Rute é atestada uma ocorrência do verbo *paqad*. Noemi está nos territórios de Moab, junto com as suas duas noras, viúva e sem filhos, e ficou sabendo

que na terra de Belém “Deus tinha visitado (*paqad*) seu povo dando-lhe pão” (Rt 1,6b). Por isso, decide retornar à terra.

2.4.5.1 O contexto e ambiente do Livro de Rute

O livro de Rute apresenta uma dificuldade na sua datação e autoria. Apesar de que no início se informe que a história se passa “no tempo em que os juízes governavam” (Rt 1,1), o livro de Rute deve ser da época pós-exílica e foi escrito para polemizar contra as normas legalistas que condenavam, vigorosamente, os matrimônios mistos (Esd 9-10; Ne 13,1-3.23-28) (CROCETTI, 1985, p. 181). Mesmo sendo uma crítica forte aos projetos oficiais de Zorobabel e Josué (Esd 3,1-13) e de Esdras e Neemias (Esd 9,1–10,44; Ne 8,1-18), no livro não aparecem as instituições como o rei, o Templo (MESTERS, 1991, p. 17-18). Booz cumpre a Lei na fidelidade dos piedosos que temem a Deus. Não faz como o rei Davi que se aproveita da mulher estrangeira (2Sm 11), mas procura proteger Rute que é estrangeira.

Justamente depois do retorno dos exilados há o clamor das mulheres pela falta do pão (Ne 5,1-15). O caráter simbólico dos nomes (todos eles possuem um significado ligado à história narrada) já é um bom indício de que o livro tenha mais uma finalidade teológica do que histórica.

No passado, Jacó e seu clã saíram de Canaã e foram ao Egito, justamente em busca de pão, por causa da fome e da escassez (Gn 41,53). Do Egito veio o grupo de Moisés que, unido a tantos outros êxodos, formaram o povo de Israel, quando subiram para a terra da fartura “onde corre leite e mel” (Ex 3,8). É esta mesma terra que deve estar aberta aos novos êxodos, seja daqueles que retornam da Babilônia, sejam daqueles que como Noemi fugiu da seca e da fome e foram para Moab (Rt 1,1). Então, a visita de Deus (Rt 1,6) aparece novamente ligada à terra, ao pão, à vida e à esperança.

Outro aspecto forte é o elemento familiar e genealógico, aparece a força e a coragem das mulheres. Noemi e Rute assumem ser protagonistas, fazem seu êxodo, retornam à terra, possibilitam que a promessa da descendência continue viva, gerando filhos e alimentando a esperança, na fé da sua religiosidade cotidiana “a mulher se impõe na medida em que é fiel ao íntimo de si mesma e à própria fé religiosa.” (CROCETTI, 1985, p. 186). Booz é fiel cumpridor da lei no sentido de proteger e respeitar o direito dos fracos: Rute é mulher, é viúva, é estrangeira. Ao dar

à luz à Obed, Rute entra na história da salvação e se torna antepassada do grande rei Davi (Rt 4,17).

O livro de Rute liga a visita de Deus aos temas mais importantes da história da salvação e abre-se para uma perspectiva universal: Deus é para todos assim como a bênção, o pão e a terra são para todos, tanto para os israelitas como para os moabitas.

2.4.5.2 A visita de Deus

Mesmo que seja uma única vez é significativa esta presença do verbo *paqad*, pois a visita de Deus é para dar pão, isto é, o alimento que dá vida. Noemi é esta mulher que representa o povo sofrido; ela é uma mulher viúva que junto com suas noras (Rute e Órfa) teve que migrar por causa da fome (Rt 1,1). Vive nas terras de Moab durante cerca de dez anos (Rt 1,4), em terra estrangeira onde também viu seus filhos morrerem.

É em Moab que Noemi fica sabendo que Deus visitou a sua terra trazendo a fartura do pão (Rt 1,6b) e, por isso, ela retorna a Belém (*Beth + lehem* = casa do pão), em companhia de Rute, uma das suas noras. Elas chegaram a Belém no começo da colheita da cevada (Rt 1,22). Rute então passa a respigar nos campos de Booz que age com misericórdia para com ela e depois exerce o direito de resgate. Da união entre Rute e Booz nasce Obed, que será o pai de Jessé, pai de Davi.

Deus visitou o seu povo trazendo o pão em abundância. Isso possibilita que as mulheres voltem para a terra da promessa. O que provocou a mudança para que elas voltassem “foi a notícia da visita de Deus: Deus visitou o seu povo dando-lhe pão! A fé em Deus e o desejo de pão, quando ligados entre si, fazem o povo levantar-se e iniciar a caminhada.” (MESTERS, 1991, p. 29).

2.5 PRINCIPAIS OCORRÊNCIAS DE *PAQAD* NO ANTIGO TESTAMENTO TENDO DEUS COMO SUJEITO

Com base na análise realizada em textos do Antigo Testamento neste primeiro capítulo da pesquisa, apresentamos um quadro demonstrativo de ocorrências do verbo *paqad* quando é traduzido por visita e tem Deus como sujeito.

Citação	Destinatário	Consequência	Propósito
Gn 21,1	Sara	Nascimento de Isaac - cumprimento da promessa (descendência).	Beneficiar
Gn 50,24-25	José	Esperança aos descendentes dos patriarcas de sair do Egito e voltar à terra prometida.	Beneficiar
Ex 3,16; 4,31	Povo hebreu	Libertação do povo da escravidão no Egito.	Beneficiar
Ex 32,33-34	Povo da aliança	Deus castiga o povo pelo que havia feito com o bezerro fabricado por Aarão. Três mil homens são exterminados no acampamento.	Castigar
Is 29,6	Jerusalém	Deus promete o castigo à Jerusalém pelas mãos dos assírios. Inesperadamente Ele se coloca contra as nações estrangeiras e salva Jerusalém.	Beneficiar
Zc 10,3 ^a	Chefes estrangeiros	Punição para os chefes estrangeiros (os bodes) que maltratam o povo eleito.	Castigar
Zc 10,3b	Casa de Judá	Salvação para a casa de Judá.	Beneficiar
Sl 8,5	Israelita	Deus reveste o ser humano de glória e beleza.	Beneficiar
Sl 65,10	Terra	Cuidado particular com a terra prometida.	Beneficiar
Sb 3,7.9	Justos	Esperança de um julgamento divino positivo após a morte (dimensão escatológica).	Beneficiar
Rt 1,6	Povo de Judá	Rute e Noemi voltam para Belém em busca de pão.	Beneficiar

O quadro evidencia que no Antigo Testamento a visita de Deus:

1. É uma expressão que se repete várias vezes e faz parte do seu plano de salvação.
2. Está presente em todas as etapas da história de Israel. É mencionada no Pentateuco, nos Profetas e nos Escritos Sapienciais.
3. Advém para assegurar o cumprimento da promessa feita como juramento aos patriarcas e garantir a fidelidade do povo à aliança no Sinai.
4. Ocorre como intervenção favorável e também para punir. Nos dois casos o agir divino está sempre em concordância com o seu projeto de salvação.
5. Se favorável, mesmo que aconteça exclusivamente a uma pessoa, visa toda a comunidade de Israel.
6. Pode acontecer para punir os povos estrangeiros (opressores) e também o próprio povo de Israel. Neste caso, a punição destina-se aos líderes da comunidade e àqueles que estão de acordo com os seus projetos.

7. Quando se trata de julgamento e castigo para o povo de Israel por sua infidelidade, Deus espera a conversão. Ao final dos relatos de punição pôde-se perceber o quanto Deus é mais inclinado a perdoar que a punir.

2.6 CONSTATAÇÕES

No Antigo Testamento *paqad* é utilizado no sentido teológico para descrever a intervenção salvífica de YHWH em relação a cada um individualmente ou a Israel como povo. Essas intervenções são conhecidas na Bíblia como a visita de Deus. A experiência de que Deus visitou o seu povo sempre esteve presente na consciência da comunidade hebraica. É o que os textos analisados nos mostraram nesta pesquisa. Verificamos que a visita de Deus no Antigo Testamento pode ter os dois sentidos: de benefício ou de punição.

No Pentateuco, o tema da visita de Deus aparece em passagens significativas da história da salvação, narrações fundamentais da fé e da identidade do povo de Israel, ligadas aos grandes temas: promessa, aliança, libertação. Encontramos em todo o Pentateuco apenas um caso onde *paqad* tem sentido negativo, isto é, de punição, quando YHWH pede contas ao povo e promete castigá-los por sua infidelidade à Aliança. Mas cumpre assinalar: até mesmo quanto ao pecado do bezerro de ouro, o relato em seu conjunto demonstrou que Deus é mais inclinado a perdoar do que a punir.

Nos profetas, a visita de Deus se torna particularmente difícil de entender. A literatura profética confronta de modo direto a ambivalência da qual o termo *paqad* é portador: a visita como benção e a visita como castigo. Há de se considerar que são mais numerosas as vezes nas quais Deus visita o seu povo e, encontrando-o numa situação de pecado, o castiga. Mas vale reforçar: a linguagem é ambígua, primeiro vem a ameaça e depois a salvação. É como verificamos em Isaías, a salvação pode acontecer “inesperadamente, num instante”.

O Livro dos Salmos evidencia a presença de Deus na história de Israel através das recordações de algumas visitas de YHWH assinaladas com o verbo *paqad* em vários Salmos. O sentido é quase sempre positivo e indica a visita de Deus com várias finalidades. É atestada também a presença de *paqad* no sentido de punição e castigo quando o fiel invoca imprecação divina contra os inimigos que oprimem o justo. Pode-se verificar nos Salmos que em vários momentos diante do sofrimento a comunidade

reagiu com confiança em YHWH, o qual com a sua visita sempre esteve próximo do seu povo.

Nos livros Sapienciais descobrimos que o verbo *paqad* é praticamente ausente, com exceção do Livro da Sabedoria. A visita (*episkopé*) de Deus no livro da Sabedoria pode ter os dois sentidos: de benefício ou de punição. A novidade em relação ao tema da visita é a confiança – negada pelos ímpios – de que Deus é capaz de ir além das barreiras da morte. Amplia o seu alcance para uma dimensão escatológica onde a visita de Deus pode se transformar em julgamento positivo de justiça em favor dos justos e punição para os ímpios.

Mesmo que seja uma única vez, é significativa a presença de *paqad* no Livro de Rute. A notícia de que “Deus visitou o seu povo dando-lhe pão” provoca uma mudança de situação, fazendo o povo levantar-se e iniciar a caminhada. O Livro de Rute liga a visita de Deus a temas importantes da história da salvação e abre-se para uma perspectiva universal: Deus é para todos assim como a bênção, o pão e a terra são para todos, tanto para os israelitas como para os povos estrangeiros.

Em virtude dessas constatações, neste primeiro capítulo a pesquisa demonstra a relevância teológica relacionada ao tema da visita de Deus no Antigo Testamento. É verdade que *paqad* apresenta uma rica pluralidade de significados, mas neste caso específico, com a definição de visita e “visita de YHWH”, *paqad* valoriza a dimensão ativa da solicitude de Deus, a sua intervenção concreta nas vicissitudes humanas. No seu agir Deus revela seu rosto misericordioso e compassivo, Ele se revela naquilo que faz.

É verdade que o Antigo Testamento também nos revela a ira de Deus por meio de sua visita. Mas cumpre ressaltar, a ira nasce deste mesmo amor que Ele tem com o povo. Ele seria cúmplice da injustiça, seria indiferente se ficasse calado quando o seu povo sofre injustiças ou, então, quando cai no pecado, esquecendo-se da Aliança. Neste sentido, as visitas punitivas previstas na ira de Deus devem, do mesmo modo, serem vistas como visitas salvadoras e restauradoras. As ações de YHWH, nos dois casos (benefício e punição), são sempre em vista do seu projeto de salvação.

3 A VISITA DE DEUS NO NOVO TESTAMENTO

3.1 INTRODUÇÃO

O capítulo anterior expôs como a história da salvação é muitas vezes apresentada na Bíblia como uma série de visitas de Deus a seu povo ou a alguns personagens privilegiados. A pesquisa mostra que no Antigo Testamento o verbo *paqad* indica a visita de YHWH e pode acontecer em dois sentidos: de benefício ou de punição. Essas intervenções visíveis são sinais de sua presença atuante e dão continuidade ao seu desígnio salvador em meio à fidelidade e infidelidade do seu povo.

Para expressar o sentido da visita de Deus no Novo Testamento é empregado o verbo ἐπισκέπτομαι (*episkeptomai*), já usado na LXX, para indicar as visitas de Deus ou fatos semelhantes. *Episkeptomai* pode ser traduzido por “examinar, investigar, visitar, ir encontrar” e corresponde ao uso do verbo hebraico פָּקַד (*paqad*), o qual tendo YHWH como sujeito pode indicar o ato de socorrer ou castigar (RUSCONI, 2005, p. 192). Dupont (1998, p. 145-149) vê a utilização deste verbo no Novo Testamento como evocação da “imagem do pastor que visita as suas ovelhas” (Ez 34,11-16) narrada no Antigo Testamento.

A visita de Deus é um tema raro no Novo Testamento, mas se observado com atenção, se descobre que o verbo visitar tem um forte valor teológico quando o contexto é ligado ao agir divino. *Episkeptomai* constitui uma expressão predileta do evangelista Lucas, a singularidade da utilização do verbo em sua obra nos impulsiona a analisar mais detalhadamente as suas ocorrências para entender por que o autor do terceiro Evangelho utilizou este tema atestado anteriormente no Antigo Testamento e qual o seu significado em sua obra.

Neste capítulo são consideradas algumas ocorrências do verbo na obra de Lucas. Parece que o evangelista usou o verbo com o mesmo sentido que já havia adquirido no decorrer da história da salvação, quando Deus realizou benefícios em favor do seu povo. Contudo, faz-se necessário o estudo de *episkeptomai* na obra de Lucas, de forma mais aprofundada, para se entender o verdadeiro alcance que o autor quis dar à expressão “Deus visitou o seu povo”.

3.2 DEUS QUE VISITA SEU POVO COMO NO ANTIGO TESTAMENTO

O modo de agir de Deus não muda, porém, há um contínuo percurso buscando atualizar-se dentro da longa história da salvação. O Antigo Testamento foi o tempo do chamado e da promessa, da eleição e da aliança, da preparação e organização do povo e, sobretudo, do anúncio e da espera do cumprimento da promessa messiânica. Para o leitor cristão, o Novo Testamento, em continuidade com o Antigo, torna-se o tempo da plenitude das promessas: na encarnação do Filho, a história da salvação tem o seu ápice (Gl 4,4). É o tempo que o Pai fala “por meio do seu Filho” (Hb 1,2). E é por meio do Filho que o Pai vem visitar e salvar.

O conceito de visita que se encontra na Bíblia Hebraica e na LXX, no sentido de visita benigna e misericordiosa de Deus, permanece no Novo Testamento, Deus intervém através de visitas favoráveis. Assim, por exemplo, dizia o povo diante do milagre da ressurreição do jovem de Naim realizado por Jesus: “Deus visitou o seu povo” (Lc 7,16). Segundo Bauer (1973, p. 1159), alguns manuscritos acrescentam “para o bem”, evidenciando que o verbo *episkeptomai* também tinha o sentido de “vingança” na memória do povo no tempo de Jesus, embora a literatura do Novo Testamento não tenha indícios da visita de Deus para punir. Todavia, não é possível afirmar com coerência que “no Novo Testamento, mais do que no Antigo, o conceito de ‘visitação de Deus’ recebe o sentido da demonstração benevolente da graça de Deus” (BAUER, 1973, p.1159), antes de fazer uma análise das ocorrências de *episkeptomai* com sentido de visita divina.

No Antigo Testamento “visita” de Deus e “salvação” aparecem estreitamente associadas: “Lembra-te de mim, Senhor, por amor do teu povo, visita-me com a tua salvação” (Sl 106,4). No cântico de Zacarias, a relação é mais específica: “uma força de salvação” (Lc 1,69) com referência não a uma salvação teórica, mas à ação salvífica de Deus personificada em Jesus que voltará a aparecer com esse mesmo verbo (visitar) no v. 78 e, mais adiante, em Lc 7,16. (FITZMYER, 1987, p. 179).

A visita que Deus fez ao seu povo repete-se agora com Jesus que vem ao encontro da humanidade, com outras características e em outro contexto. Deus que, na história, embora intangível e invisível, manifesta-se através dos seus porta-vozes, agora, nos gestos de Jesus, manifesta-se superando as expectativas humanas, “Jesus é a compaixão de Deus que visita a humanidade.” (MAÇANEIRO, 2006, p. 34). E a visita de Deus no Novo Testamento não é destinada somente a um grupo sucinto

de pessoas, mas ao inteiro povo israelita e, sucessivamente, à inteira humanidade. Por tal motivo, o eco das suas palavras e das suas operações se difunde em toda a região (Lc 7,17; cf. Lc 4,14.31; 5,17). (SPINETOLI 1999, p. 268). Depois da rejeição de Israel (Lc 19,44), Deus cria um novo povo entre os gentios (At 15,14). E também neste caso, o sentido profundo de *episkeptomai* retoma toda a história da salvação.

3.3 NO EVANGELHO DE LUCAS

O verbo *episkeptomai* é muito pouco usado no Novo Testamento. No conjunto dos Evangelhos, Marcos não o conhece, Mateus o utiliza quando fala do Juízo final colocando como sujeito os próprios ouvintes: “Pois tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber. Eu era forasteiro e me acolhestes. Estive nu e me vestistes, doente e me visitastes, preso e viestes ver-me” (Mt 25,35-36). Lucas, por sua vez, utiliza o verbo *episkeptomai* sete vezes: três no terceiro Evangelho e quatro vezes no Atos dos Apóstolos (Lc 1,68.78; 7,16; At 6,3; 7,23; 15,14.36).

No Evangelho de Lucas se descobre que o verbo tem um forte valor teológico, uma vez que o contexto é sempre ligado ao agir divino. *Episkeptomai* já está presente no começo da narração do Evangelho quando Lucas relata como Zacarias cheio do Espírito Santo entoava um canto proferindo: “Bendito seja o Deus de Israel, porque visitou e redimiu o seu povo” (Lc 1,68). E o mesmo verbo (visitar) é repetido no final do canto: “Graças ao misericordioso coração do nosso Deus, pelo qual nos visitará o Astro das alturas” (Lc 1,78). O canto se inicia com o louvor pela visita que Deus já realizou e se encerra com a esperança futura: Deus visitará novamente o seu povo.

A terceira ocorrência do verbo *episkeptomai* aparece em um relato de milagre, quando Jesus ressuscita um morto, filho da viúva de Naim, e todos glorificam a Deus dizendo: “Um grande profeta surgiu entre nós e Deus visitou o seu povo” (Lc 7,16). Jerusalém, no entanto, não reconheceu o tempo em que foi visitada. No episódio do choro de Jesus sobre Jerusalém (Lc 19,41-44), o autor utiliza o substantivo *episkope* (visita), caso único nos evangelhos (v.44), dentro de uma expressão que recorda os oráculos proféticos do juízo (Is 10,3; 29,3; 37,33; Jr 6,15; 10,15), cujo tom punitivo tinha como finalidade a salvação do povo.

Lucas ainda emprega o verbo mais uma vez em sua obra no relato do longo discurso de Tiago quando mostra para a comunidade nascente como essa visita salvadora de Deus, até então destinada ao povo eleito, está agora voltada aos gentios

(At 15,14). Como se pode notar, o tema da “visita de Deus” constitui uma expressão predileta do evangelista Lucas (Lc 1,68.78; 7,16; 19,44; At 15,14). A visita de Deus ao seu povo “para salvá-lo através do ministério de Jesus é exclusiva do evangelho de Lucas, em todo N.T.” (MEIER, 1998, p. 330).

Apresentamos a seguir os textos com ocorrências do verbo *episkeptomai* no Novo Testamento com incidência no Evangelho de Lucas. As análises indicam a continuidade da ação benevolente de Deus em favor do povo de Israel. João Batista prepara um povo bem disposto para acolher esta visita salvadora que se realiza por meio de Jesus. No entanto, nem todos compreendem e aceitam a visita de Deus em Jesus. Esse não reconhecimento por parte do povo eleito se transforma em ameaça de castigo e a visita de Deus se torna julgamento histórico. Depois da rejeição de Israel, Deus cria um novo povo entre os gentios.

3.3.1 O cântico de Zacarias

O cântico de Zacarias é um hino de ação de graças porque o Deus de Israel veio visitar o seu povo. Deus não só tem o seu olhar sobre o povo, mas realiza uma visita favorável, definitiva e absoluta que tem sentido escatológico (BOVON, 2005, p. 153). A visita de Deus cantada por Zacarias é salvífica e libertadora porque “suscitou-nos uma força de salvação na casa de Davi, seu servo”. Uma “força de salvação” que é o próprio Jesus, o Messias, e uma libertação, que destrói os inimigos e os que odeiam o seu povo.

3.3.1.1 Contexto

O cântico de Zacarias encontra-se no “Evangelho da Infância” (1-2). O contexto é de anúncio, nascimento e circuncisão de João e de Jesus, permeado por cânticos proféticos. O *Benedictus* é precedido pelo relato do nascimento de João (1,57-67) com a pergunta que prepara o que vai ser proferido. Após as palavras de Zacarias (1,68-79), Lucas encerra a narração a respeito de João (1,80) no Evangelho da Infância e ocupa-se dos acontecimentos referentes ao nascimento e infância de Jesus (2,1-52), que se estabelece em Nazaré até a preparação e início do seu ministério.

Em seu Evangelho, Lucas já havia narrado o *Magnificat* (1,46-55), cântico de Maria. Na sequência ele narra o *Benedictus*, cântico de Zacarias. Uma das

características de Lucas é narrar passagens alternando o masculino e o feminino. No terceiro Evangelho encontramos episódios em que aparece este binômio¹. Zacarias recebe o anúncio dentro do Templo em Jerusalém, que será pai de um menino (1,5-25). A partir do anúncio e da sua incredulidade veio a mudez, o tempo da espera até o nascimento de João Batista (vv. 57-58).

Lucas narra brevemente o nascimento de João e dá mais importância ao momento da sua circuncisão que ocorre oito dias depois, quando lhe é dado o nome que foi anunciado pelo Anjo. Para Jesus será justamente o contrário, Lucas narra longamente o seu nascimento (2,1-20) e apenas acena para a circuncisão (2,21). A diferença destas duas proporções quer ressaltar que João está radicado na Antiga Aliança (cujo sinal era a circuncisão). Para Jesus, nasce uma nova realidade e o seu nascimento circundado de glória é o símbolo. (CENTRO..., 2002, p. 588).

O texto não informa o local da circuncisão e dos fatos que se sucedem. Porém, é possível ver o ambiente familiar e comunitário. Ali está a mãe e todos os seus vizinhos (v. 65). O momento da circuncisão é a inserção do novo judeu na aliança. A partir daí o novo membro passa a fazer parte do seu povo, da sua história e das promessas.

É o povo da comunidade que fica admirado quando Zacarias rompe a mudez e começa a falar “bendizendo a Deus” (v. 64). E são estes “todos” que se alegram, comentam os fatos que estão acontecendo e que “gravavam essas coisas no coração” (v. 66a). Mas, surge uma pergunta: “Que virá a ser este menino?” (v. 66b). Esta pergunta fica em suspense e é da boca de Zacarias, repleto do Espírito Santo, que surge o cântico profético. “Zacarias não pode proclamar o cumprimento; somente pode assinalá-lo de modo profético.” (BOVON, 2005, p. 152). O *Benedictus* é a resposta ao anseio do povo. É um olhar para o passado, por aquilo que o Senhor já havia feito em benefício do seu povo; é um olhar para o presente, para os novos fatos que estão acontecendo; e é um olhar de esperança para o futuro.

Após o cântico de Zacarias, em um versículo, Lucas narra o crescimento do menino “até o dia em que se manifestou a Israel”. E o evangelista retorna para Maria que está prestes a dar à luz (2,1-20), “Àquele que João Batista vai preceder e para quem vai preparar o caminho” (3,1-18).

¹ Para entender melhor como Lucas utiliza essa alternância entre masculino e feminino é interessante consultar R. Meynet (1994, p. 953-955).

3.3.1.2 Estrutura

O cântico está repleto de passagens bíblicas do Antigo Testamento. Pode ser lido como um todo. Todavia, no seu interno, é possível determinar uma certa estrutura que seguimos próximos aquela proposta por Fitzmyer (1987, p. 171): uma introdução, hino em três partes e uma conclusão.

- a) Introdução: louvor (v. 68a);
- b) Hino de louvor pelo que Deus está realizando (vv. 68b-77);
- c) Primeira parte (vv. 68b-71b);
- d) Segunda parte (vv. 72a-75b);
- e) Terceira parte (vv. 76a-77b);
- f) Conclusão (vv. 78-79).

3.3.1.3 Comentário

O canto inicia com Zacarias louvando a Deus por ter dado Jesus ao mundo como uma visita (1,68-69) e por realizar as promessas feitas por meio dos profetas (1,70-75). Depois disso Zacarias bendiz por aquilo que vai acontecer com João Batista, cuja missão será preparar os caminhos para Jesus (1,76-77). Por fim, o cântico retorna à missão que se espera do Astro que nos visita (1,78-79).

Analisamos a seguir algumas expressões principais do *Benedictus*, para uma melhor compreensão do seu significado e da sua mensagem.

Zacarias repleto do Espírito Santo: O nome Zacarias significa “o Senhor se lembrou/recordou”. Ele está repleto, cheio do Espírito Santo, assim como Lucas gosta de mencionar (1,41;2,25; 4,1; At 2,4; 4,8.31; 6,5; etc.). Por isso, a mudez termina para dar lugar à palavra e, então, movido pelo Espírito Santo, Zacarias pode profetizar e louvar a Deus com o seu cântico.

Bendito seja o Senhor Deus de Israel: Esta fórmula está presente em diversos Salmos (41,14; 72,18; 106,48). O horizonte é aquele da história sagrada. O louvor e ação de graças é ao Deus de Israel que é hoje aquele que foi e age da mesma forma como no passado. Ele é “o Redentor” (Is 41,14). A grande salvação está agora em ação, é aquela salvação que só tem um verdadeiro precedente: a libertação do Egito (CENTRO..., 2002, p. 591).

Porque visitou: Duas vezes no cântico aparece o tema da visita (1,68.78) e que Lucas mencionará mais duas vezes no seu Evangelho (7,16; 19,44) e o faz com o emprego do verbo grego *episkeptomai* que corresponde ao verbo hebraico *paqad*. No Antigo Testamento, é sempre lembrada a visita de Deus nos momentos cruciais, sobretudo na escravidão do Egito (Ex 3,7-12), e “denota frequentemente a atenção benévola que Deus presta ao seu povo, e que se materializa em múltiplas libertações (Ex 4,31; Rt 1,6; Sl 80,14; 106,4)” (FITZMYER, 1987, p. 179). Neste sentido, “visita” e “salvação” aparecem estreitamente ligadas como no Salmo 106,4: “Lembra-te de mim, Senhor, por amor do teu povo, visita-me com a tua salvação”. No Novo Testamento a visita de Deus continuará sendo a boa notícia que pode ser identificada através das ações salvíficas que Deus realiza, na pessoa de Jesus, em favor do seu povo. No grego bíblico *episkeptomai* “se refere a benevolentes visitas de Deus para ajudar seu povo” (BROWN, 2005, p. 442). Para Bovon (2005, p. 153), esta é uma visita com sentido escatológico (Sb 3,11; 10,4; 11,6; 15,12) e este sentido não é desconhecido para Lucas (Lc 1,78; 7,16; 19,44).

Força de salvação: Literalmente “um chifre de salvação” que se personificou no Jesus Salvador que Deus ressuscitou (Lc 7,16; At 4,10.12) (BROWN, 2005, p. 442). Jesus é uma força de salvação no meio de nós. É isso que os anjos vão anunciar no seu nascimento: “Nasceu hoje para vós um Salvador” (2,11). De fato, o nome Jesus significa “O Senhor salva”, é Jesus que salvará o povo dos seus pecados. Jesus realizará ações misericordiosas e que estão em sintonia com a misericórdia com que Deus agiu em favor do povo no AT. Fitzmyer nota que o emprego do verbo *episkeptomai* no *Benedictus* é compatível com o verbo hebraico *paqad*, também empregado nos escritos de Qumran, como no Documento de Damasco (CD 1,7-11), “onde se diz que a ‘visita’ de Deus é aquela que suscitou o Mestre da Justiça” (1987, p. 179). Lucas utiliza antigas metáforas carregadas de linguagem escatológica e quando ele “se une a esta voz e dá graças pela vinda de Jesus, o Messias dravídico (1,31-33), as antigas imagens recobram vida.” (BOVON, p. 154).

Lembrando de sua aliança: A aliança é eterna. Ela é ponto de partida, por isso sempre deve ser recordada, pois ela aponta sempre para o futuro. Da mesma forma como o povo deve sempre recordar-se que é o povo da Aliança, é também o próprio Deus que se recorda da sua aliança selada no passado: “Eu me lembrarei da Aliança que há entre mim e vós” (Gn 9,14). E na Aliança estava contida a promessa aos patriarcas – concretamente a Abraão (v. 73) nas origens do povo de Deus

(FITZMYER, 1987, p. 183). É a aliança, feita por juramento, com Abraão que é recordada. “O juramento era uma parte relevante de qualquer aliança, e aqui é ressaltado. Deus não voltará atrás naquilo que jurou” (MORRIS, 2008, p. 77). Não é mencionada a aliança do Sinai e nem mesmo o nome de Moisés é citado “fato que é surpreendente num contexto judaico e judeu-cristão.” (ROSSÉ, 2015, p. 103). Existe um paralelismo entre “aliança” e “misericórdia” que transmitem a mesma ideia, pois “é na aliança que a misericórdia ou a bondade de Deus se manifesta.” (BROWN, 2005, p. 443).

Servir em justiça e santidade: Esta dupla de substantivos está presente no Livro da Sabedoria (9,3), “é um par veterotestamentário semelhante formado por *emet* e *tamîm* é, às vezes traduzido como ‘lealdade e retidão’ (Js 24,14; Jz 9,16.19). São virtudes da aliança.” (BROWN, 2005, p. 444). Viver na justiça e santidade era a missão do povo de Deus, o povo da aliança. Quando o povo saiu do Egito devia “servir” a Deus: “vós servireis a Deus” (Ex 3,12); na assembleia de Siquém Josué e todo o povo reassumem este compromisso: “Nós serviremos ao Senhor” (Js 24,14-24). Lucas poderia ter em mente também a promessa de que o povo fosse todo um povo sacerdotal (Ex 19,6). O povo devia se apresentar diante de Deus para celebrar, demonstrando a sua santidade e a prática da justiça. “Há um alvo religioso por trás da libertação dos inimigos. É a fim de que o povo possa adorá-lo sem temor. Servirá a Ele em *santidade* (pertencerá a Deus) e *justiça* (viverá como deve viver o povo de Deus.” (MORRIS, 2008, p. 77). O *Benedictus* recupera o verdadeiro culto, não baseado em rituais frios já condenados pelos profetas (Is 1,10-16; Jr 14,12; Am 5,21-25), mas a celebração da vida baseada na justiça em relação aos irmãos e na santidade em relação a Deus. É o que o apóstolo Paulo vai exigir dos cristãos (Rm 12,1-3; 1Cor 1,2) e o que ele espera dos cristãos, na vivência do homem novo “criado, segundo Deus, na justiça e santidade da verdade” (Ef 4,24).

Perdão dos pecados: A salvação do povo passa também pela reconciliação, isto é, pelo perdão dos pecados. Esta expressão não ocorre no Antigo Testamento, embora a ideia do perdão seja constatada. Já “no NT, a expressão é bem lucana (oito do total de onze ocorrências). A quantidade de expressões teológicas cristãs nesses versos contradiz a tese de que esse cântico se originou entre discípulos não cristãos de João Batista.” (BROWN, 2005, p. 445).

Irás à frente: A missão de João Batista que já havia sido profetizada em Lc 1,15.17, é ir à frente, não como Mestre, mas para preparar os caminhos para o

Messias que está chegando. João Batista será profeta e cumprirá o que foi previsto pelos profetas (Is 40,3-5; Jr 1,23): Ele é o Precursor e será a voz que clama no deserto e preparará o caminho do Senhor (Lc 3,4-6).

Compaixão do nosso Deus: Literalmente, “as entranhas de Deus”. Daí, vem a expressão “ser movido de compaixão”, com o emprego do verbo grego σπλαγχνίζομαι (*splangxnizomai*) e que Lucas vai usar em três ocasiões especiais no seu Evangelho: para Jesus, ao ver a viúva de Naim (7,13); para o bom samaritano, ao ver o homem caído (10,33); para o pai, ao ver o filho retornando (15,20). É esta compaixão que leva Deus a vir visitar o seu povo e compadecer-se diante das suas misérias e necessidades. No Testamento dos Doze Patriarcas o Messias esperado deveria ter sentimento de compaixão, pois expressava a visita de Deus ao seu povo: “Quando o Senhor se fixe em (o visite) todas as nações, pela eterna misericórdia de seu filho” (TestXIII Lev 4,4). (FITZMYER, 1987, p. 187).

Para iluminar os que jazem nas trevas e nas sombras da morte: Jesus é o Astro das alturas que vem nos visitar (1,79). Ele é a Luz do mundo (Jo 1,9; 9,5) e vem para iluminar as nossas cegueiras e as trevas do mundo. No caos inicial narrado pelo Gênesis, a irrupção da luz, a primeira obra criada por Deus, possibilitou o surgimento da vida; a luz iluminou as trevas e, por isso, Deus viu e pôde constar que a obra que havia criado era boa e bela (Gn 1,3-4). Agora é Jesus que vem iluminar, vem trazer luz, vem trazer bondade e beleza ao mundo marcado pelas injustiças humanas. Os leitores do v. 78 devem se recordar do salmo 107,10 e de Is 9,1, a luz escatológica do Messias iluminará de imediato as trevas do mundo e dos mortais. Esta luz vai trazer vida para todos e Lucas deve estar pensando igualmente que este Messias abrirá os olhos também dos pagãos e os conduzirá da morte para a vida (At 26,17-18). (BOVON, 2005, p. 161).

3.3.1.4 Teologia do Texto

É inegável que o hino de Zacarias tem fortíssimas ligações com o Antigo Testamento. E isso pode ser confirmado pela referência e atualização dos temas mais caros desenvolvidos ao longo da história da salvação e que estão presentes no *Benedictus*, tais como: o louvor ao Deus de Israel (v. 68a); o tema da visita (vv. 68b; 78); a menção à casa de Davi de onde virá o Messias (v. 69); o cumprimento das promessas seja àquelas feitas aos patriarcas e também as promessas por meio dos

profetas (v. 70); o tema da salvação diante dos inimigos tão presente nos Salmos (v. 71); a misericórdia usada por Deus em favor do seu povo (v. 72a); a recordação da Aliança (v. 72b); o juramento feito aos pais, sobretudo ao patriarca Abraão (vv. 73-74); o serviço à justiça e à santidade (v. 75); a missão do Batista de ser o precursor e preparar os caminhos do Messias já anunciada pelo Profeta Isaías (v. 76); a remissão dos pecados do povo que estava contida na promessa da nova aliança (Jr 31,34) (v. 77); o tema da luz que brilha nas trevas e nas sombras da morte (v. 79). O cântico está disseminado de expressões e de reminiscências bíblicas, de modo que surge como um mosaico de elementos veterotestamentários. (ROSSÉ, 2015, p. 103).

É possível afirmar que cada frase do *Benedictus* foi pensada com o olhar para o Antigo Testamento com o objetivo de iluminar o tempo presente da salvação com a chegada do Messias prometido. No Cântico “está presente o vocabulário da salvação: visitar, trazer redenção, fazer surgir uma força de salvação, fazer misericórdia, recordar-se, libertar, iluminar, julgar.” (ROSSÉ, 2015, p. 103-104).

O tema da libertação é retomado com um novo sentido. O povo já não está mais debaixo da escravidão do Egito. Outras são as formas de dominação, seja por parte do império romano ou do sistema religioso legalista que oprimia o povo. Jesus será esta força de salvação que, assim como outrora Deus agiu no Egito, agora agirá e libertará o povo da escravidão à qual foi submetido em sua própria terra.

Desta forma, o cântico de Zacarias reflete a imagem do Deus que visitou o seu povo ao longo da sua história. Um Deus transcendente, porém vizinho no seu amor, que promete salvação concreta. A novidade que revelará a vinda do Messias é de uma outra ordem; não somente a condescendência de um Deus que ama e se torna próximo do ser humano, mas um amor que se manifesta como *kênosis*. A “visita” definitiva, escatológica, acontecerá com a encarnação. (ROSSÉ, 2015, p. 103).

3.3.1.5 Visita de Deus e Encarnação

A análise de *episkeptomai* no Cântico de Zacarias pode trazer questionamento quanto à legitimidade em associar visita de Deus e Encarnação. No terceiro Evangelho isso se torna possível considerando o contexto em que o autor emprega *episkeptomai*. “Lucas nos apresenta nos chamados ‘evangelho da infância’, a narrativa histórica da encarnação do Filho de Deus.” (PIKASA; SILANES, 1998, p. 246). É significativo que Lucas empregue duas vezes o verbo *episkeptomai* no

contexto do “evangelho da infância” (Lc 1-2), relato particular do evangelista de como aconteceu historicamente a encarnação de Jesus desde a concepção no ventre de Maria por ação do Espírito Santo.

Dentro do contexto no qual *episkeptomai* está inserido é inegável a relação entre Encarnação e visita de Deus. Ora, justamente após o anúncio da concepção de Jesus (1,31-33) e a constatação ao receber a visita de Maria (1,39-45), Zacarias entoava um canto profético exaltando a visita que Deus já fez (ἔπεσκέψατο - *visitou*) e fará (ἔπισκέψεται - *visitará*). Em seguida ao relato, após o *Benedictus*, Lucas narra o nascimento de Jesus (2,11), fazendo uma ligação com o que Zacarias anuncia.

Nessa linha de análise, a estrutura na qual o *Benedictus* está inserido (Lc 1-2) permite associar a visita de Deus à Encarnação. Lucas na voz de Zacarias retoma o Antigo Testamento rememorando que Deus visitou o seu povo e projeta para o futuro uma visita divina em consonância com aquela feita no passado. Mas agora, Ele mesmo vem em pessoa visitar o seu povo e salvá-lo. O canto emerge a partir do anúncio da concepção-nascimento, momento em que o verbo de Deus se fez carne e habitou entre nós (Jo 1,14), no Evangelho de Lucas “Deus visitou o seu povo”.

Por essa razão, e sendo esta pesquisa uma abordagem teológica transversal do tema da visita de Deus com análise do conteúdo de textos específicos, ao analisar a perícopes de Lc 1,67-79, essa associação se torna legítima, não em sentido filológico dos termos, é claro, mas em sentido teológico. Nesse sentido, a visita de Deus por excelência na história da salvação se deu por meio da encarnação de Jesus. De fato, “aparecendo na carne, o Senhor nos visitou tão longe Dele, saindo para buscar e justificar aqueles que viviam no pecado. Visitou-nos como o médico aos doentes.” (JUST JR, 2006 p. 77).

3.3.1.6 Constatações sobre o Cântico de Zacarias

A leitura e estudo do *Benedictus* assegura que há uma clara intenção de atribuir o que está acontecendo no Novo Testamento como sendo ações salvíficas que remetem e fazem lembrar o êxodo no Antigo Testamento. Na reinterpretação dos fatos que acontecem no Evangelho da Infância é possível constatar que Deus continua visitando para salvar e libertar seu povo das novas opressões, manifestando sempre o seu amor misericordioso e compassivo.

É significativo que após sair da escravidão e depois da passagem do Mar Vermelho (Ex 14), o povo tenha manifestado sua alegria e sua gratidão a Deus celebrando com cânticos de louvor e agradecimento por aquilo que o Senhor realizou em seu favor. O Cântico do *Benedictus*, juntamente com os outros hinos dos primeiros capítulos de Lucas, vão também neste mesmo sentido: são pessoas humildes, tementes a Deus e fiéis no mais puro sentido da Aliança que conseguem fazer parte das ações de Deus. Por isso, conseguem ver o agir de Deus, e então cantam e celebram esta certeza de que Deus os visitou cumprindo suas promessas salvíficas.

Na estrutura da narrativa do Evangelho da Infância, o *Benedictus* é um verdadeiro e próprio ponto de convergência: colocado na boca de Zacarias, o hino representa a resposta humana à revelação divina. A modalidade por meio da qual Deus é manifestado se entrelaçam: como Maria, também Zacarias foi destinatário de uma boa notícia trazida pelo anjo, e como Isabel (1,41) ele é pleno do Espírito Santo (1,67). No episódio do encontro das mães grávidas, Isabel profetizava, ou seja, falava inspirada, a respeito da missão de Maria dentro do plano divino. Maria, entretanto, louvava a Deus com as palavras do *Magnificat*. Louvor e profecia se fundem: o sacerdote bendiz a Deus que visitou seu povo (1,68-75) e fala do papel de João dentro do plano de salvação com ênfase no Messias pelo qual Deus tornará a visitar e salvar (1,76-79). O cântico é, portanto, explicitamente cristológico e focalizado sobre a pessoa do Messias, de maneira que o verbo *episkeptomai* é ao mesmo tempo teológico e cristológico.

3.3.2 A ressurreição do filho da viúva de Naim

A narração do milagre em Naim (7,11-17) além de ser exclusiva de Lucas está construída em torno do tema da visita. O autor descreve, nesta perícopes, como Deus se aproxima das pessoas necessitadas por meio da compaixão de Jesus. Essa proximidade e ação de Jesus são reconhecidas pelo povo do Novo Testamento como uma visita divina nos moldes das intervenções realizadas por YHWH no Antigo Testamento.

3.3.2.1 Contexto

O episódio está bem inserido no seu contexto, a sessão do ministério de Jesus na Galileia (4,14-9,50). Jesus se manifesta aqui pela pregação e, sobretudo, pelos

milagres. Inicia com uma grande cena de abertura na sinagoga de Nazaré (4,16-30), caracterizando a mensagem de Jesus e o modo como ela foi recebida. Depois Jesus percorre os vilarejos fazendo uma série de milagres (4,31-6,19). Em seguida, se dedica à pregação pronunciando as Bem-aventuranças (6,20-49). No sétimo capítulo vê-se um crescendo: logo no início é narrada a cura do servo do centurião romano de Cafarnaum (7,1-10). Jesus fica admirado diante da fé do homem pagão, achando-se indigno de acolhê-lo sob seu teto, pedindo à distância pelo seu servo. Depois vai a Naim e faz ressurgir o filho da viúva (7,11-17). E, em seguida, responde à pergunta de João Batista a respeito da vinda do Messias (7,18-23).

Ao inserir esta perícopa, no capítulo 7 do seu Evangelho, Lucas provavelmente tem o objetivo de preparar a resposta de Jesus à pergunta de João no relato posterior (7,18-23) (FITZMYER, 1987, p. 641). Dentro da sessão do ministério da Galiléia (4,14-9,50) nenhum milagre de “ressurreição de mortos” havia sido narrado. O milagre é uma manifestação do mistério de Jesus, um sinal de seu poder de salvação. “Algumas narrativas de milagre acentuam particularmente o aspecto da revelação de Jesus, esta é própria de Lucas, que a coloca aqui para preparar a palavra de Jesus: “os mortos ressuscitam” (7,22). (GEORGE, 2014, p. 34).

3.3.2.2 Estrutura

O relato apresenta todos os elementos do esquema clássico de milagres. Como em outras narrativas de milagres, esses traços mostram o poder pessoal de Jesus, a realidade da salvação operada por ele, o reconhecimento da intervenção divina por sua ação (JEREMIAS, 1974, p.104). Com esse milagre, Lucas quer indicar o poder de Jesus sobre a morte, mostrar a compaixão de Jesus com o sofrimento humano e a chegada do tempo da salvação.

Dentro do esquema de milagres a perícopa em questão pode ser estruturada da seguinte forma:

- a) Aproximação entre o taumaturgo e a pessoa: Jesus chega a Naim, na porta da cidade encontra o cortejo fúnebre (vv. 11-12).
- b) Indicação da necessidade: comoção de Jesus ao ver a mãe que perdeu seu único filho (v. 13).
- c) Realização do prodígio: Jesus por meio da sua palavra ordena ao jovem que se levante (v. 14).

- d) Constatação do milagre: o jovem senta e fala; Jesus o entrega à sua mãe (v. 15).
- e) Consequências: a multidão fala; Jesus é reconhecido como um grande profeta; o povo entende o milagre como a visita de Deus; a notícia se espalha (vv. 16-17).

3.3.2.3 Comentário

Para uma melhor compreensão do significado e mensagem da perícopre, analisamos a seguir a narração do milagre de Naim (7,11-17) em etapas:

- a) Jesus chega a Naim e na porta da cidade encontra o cortejo fúnebre (vv. 11-12)

Esta perícopre (7,11-17) é um episódio contínuo àquele da cura do servo do centurião romano (7,1-10). Anteriormente Jesus atende ao pedido de um estrangeiro realizando a cura do seu servo doente à distância e, em seguida, se dirige a uma cidade chamada Naim, onde encontra um cortejo fúnebre na porta da cidade.

Naim, na época de Jesus, não passava de uma aldeia, mas Lucas a chama de “cidade” como faz em outros casos ao mencionar pequenos lugares (4,43; 7,37; 8,4; 9,5; 10,8-12) (SCHMID, 1968, p. 207). A sua localização provável era a sudoeste da Galileia, distante uns 40 quilômetros de Cafarnaum, a cerca de oito quilômetros de Nazaré, na parte norte da planície de Jezreel, próxima do Monte Tabor. É a única vez que esta cidade é mencionada na Bíblia. (PLUMMER, 1896, p. 198).

Jesus chega a Naim acompanhado por seus discípulos e uma multidão que o segue. No momento da chegada “Jesus se aproximou à porta da cidade”. Em Lucas esse verbo *aproximou-se* (ἐγγίζω), usado também em 19,29.41, possui um valor teológico, pois “indica o significado sacro-histórico do caminho do Senhor, como o tempo da salvação e da visitação de Deus.” (HARBARTH, 1977, p. 32).

Na porta da cidade Jesus encontra-se com o cortejo fúnebre do jovem que está sendo transportado para fora da cidade. Ele era “filho único” de uma “mãe viúva”. Lucas não só apresenta os personagens da cena, mas dá detalhes ao leitor. A condição da mulher enlutada, “mãe viúva e perdera o filho único”, alude à sua dependência (ERNST, 1985, p. 332). Com a morte do filho morria o seu “patrimônio”, isto é, “o seu único meio de sustento que constituía também a sua única família.”

(CRADDOCK, 2002, p. 127). Pelo fato de já possuir um filho, a viúva não poderia mais ser amparada pela lei do Levirato (Dt 25,5-10) (VAUX, 2003, p. 60-63). “No contexto de uma sociedade patriarcal, uma viúva ao perder seu único filho significava ficar sem qualquer auxílio masculino. Seu destino seria horrível.” (KARRIS, 2011, p. 258).

Além de tudo isso, havia ainda uma questão moral, pois “a falta de filhos era tida como desonra, até mesmo como castigo divino” (JEREMIAS, 2005, p. 488), significava o fim de uma geração de um membro do povo de Deus. Os profetas comparavam as catástrofes nacionais de Israel ou o castigo de Deus justamente à mãe que perdia o seu único filho: “Filha do meu povo, veste-te de saco, revolve-te no pó, lamenta-te como por filho único, lamentação amarga, porque, de repente, chega sobre nós o devastador.” (Jr 6,26).

Lucas ainda se refere a “filho único” mais duas vezes em seu Evangelho, diferenciando-se de Marcos e Mateus, narra o milagre da filha única de Jairo, o chefe da sinagoga (8,42) e do filho único de um homem que no meio da multidão pede a Jesus que lhe dirija o seu olhar (9,38).

Ao apresentar a condição do jovem e da mulher, órfão e viúva, Lucas dá ênfase a duas categorias sociais de pessoas muito importantes. A Lei e os Profetas se preocupam em defender e proteger (Ex 22,22; Dt 10,18; Eclo 4,10; Is 1,17-23; Jr 7,6; 22,3; Ez 22,7; Zc 7,10) a causa dos mais pobres. O órfão e a viúva junto com o estrangeiro, embora formem a tríade que recebe atenção das normas jurídicas do Antigo Testamento, são sempre as categorias sociais mais injustiçadas de Israel e, por isso, recebem cuidado especial da parte de Deus. YHWH é o “Pai dos órfãos e o protetor das viúvas” (Sl 68,6) e o salmista pede a justiça de YHWH contra os ímpios que massacram o povo e “matam a viúva e o estrangeiro e assassina os órfãos” (Sl 94,6). No Novo Testamento o cuidado com o órfão e a viúva permanece nas primeiras comunidades cristãs como a prática religiosa por excelência que agrada a Deus. A Carta de Tiago recordará que religião pura diante de Deus Pai é aquela que “socorre os órfãos e as viúvas nas suas aflições” (Tg 1,27).

b) Comoção de Jesus ao ver a mãe que perdeu seu único filho (v. 13)

Lucas usa o título “Kyrios” pela primeira vez em seu Evangelho das cerca de vinte vezes que o título é dado a Jesus nas seções narrativas, “dessa maneira, Lucas assinala a realeza messiânica de Jesus” (BÍBLIA, 1994, p. 1986, nota “t”). Ao usar

esse título o autor tem o objetivo teológico de mostrar que “o Jesus terreno sempre já é o Kyrios ao céu elevado à direita de Deus.” (HARBARTH, 1977, p. 45).

O verbo que expressa a primeira ação de Jesus é ὁράω (ver). Lucas destaca essa ação exclusiva para Jesus. O artigo é definido (o *Kyrios*) e sublinha que é Jesus que vê a mulher. O seu olhar recaiu sobre uma única pessoa: a mãe viúva. Este olhar de Jesus, semelhante ao ver de YHWH quando viu a situação e o clamor do povo oprimido no Egito (Ex 2,25; 3,7), prepara e determina a ação seguinte: a comoção.

O sentimento de Jesus é expresso pelo verbo σπλαγχνίζομαι (*splagxhízomai*). Em todas as seis vezes que é empregado nos Evangelhos (no aoristo passivo), está sempre precedido do verbo ὁράω (ver) (Mt 9,36; 14,14; Mc 6,34; Lc 7,13; 10,33; 15,20). Bovon (1995, p. 512) observa que “o vínculo visão-piedade é frequente nos sinóticos”, é dependendo da qualidade e do modo como se exerce o olhar que os sentimentos são tocados ou expressos. O sentimento de comoção foi sentido por Jesus depois daquele “ver” e o passivo indica que ele foi afetado ao ver a viúva. Lucas quer dizer ao leitor que Jesus foi movido de compaixão ao ver aquela viúva, “sentiu uma compaixão visceral”. (SPICQ, 1991, p. 1411).

O significado do verbo σπλαγχνίζομαι, “mover-se, ser movido de compaixão, comover-se” (RUSCONI, 2005, p. 423-424) é muito forte, pois tem o significado de sentir com as entranhas. Este verbo que no Novo Testamento é usado somente nos Evangelhos, e “fora das parábolas originárias de Jesus (Mt 18,27; Lc 10,22; 15,20) não há uma só passagem na qual o vocábulo qualifique o comportamento humano. É sempre referido ao comportamento de Jesus e caracteriza a divindade do seu agir” (KÖSTER, 1988, p. 919). Associado ao título de Kyrios, *splagxhízomai* ressalta a figura messiânica de Jesus. O seu significado extrapola o sentido literário. É o mesmo que dizer que “seu coração se contraiu convulsivamente diante da vista da necessidade humana gritante, e caracteriza a compaixão messiânica de Jesus.” (ESSER, 2000, p. 1300-1301).

Aletti (2012, p. 117) chama a atenção para um dado importante: não é a morte que provoca a compaixão em Jesus, mas “o fato que uma mãe, já viúva, tenha perdido seu filho único e que Jesus não suporta deixá-la em prantos”. A ressurreição do jovem é resultado unicamente de uma atitude de compaixão sentida por Jesus pela mãe que era viúva e que, além de perder o único filho, perdia também a razão de viver. Vendo-a o Senhor foi movido por este sentimento de compaixão. “Um ‘senhor’ dá

normalmente prova de poder, Jesus, sobretudo de bondade.” (SPINETOLI, 1982, p. 267).

A palavra de Jesus, da mesma forma como foi seu o olhar e a sua compaixão, é dirigida à mulher viúva com toda a força do verbo no imperativo: “Não chores!”. Borghi (2012, p. 204) argumenta que “o valor desta ordem é duradouro no tempo (cf. Lc 1,13.30). Jesus aspira a não vê-la chorar não por um só momento, mas definitivamente”. Para Ernest (1985, p. 333), Jesus transmite a confiança de quem pode traduzir estas palavras em uma ação prática.

c) Jesus por meio da sua palavra ordena ao jovem que se levante (v. 14)

Depois de falar com a mulher viúva, Lucas descreve como Jesus se aproxima de onde está à causa de todo o drama da perícopie. O verbo *splagxnízomai*, além da característica de apresentar-se sempre precedido pelo verbo “ver”, é sempre seguido de uma ação. O verbo pressupõe e exige que alguma coisa seja feita, não basta a compaixão passiva diante do sofrimento humano, faz-se necessária a ação ativa em favor de quem está em estado dramático. O autor apresenta mais duas narrações em seu Evangelho com a mesma característica (10,34; 15,20), usando os três verbos de ação: ver – compadecer – aproximar.

Jesus se aproxima do morto e toca a padiola sem demonstrar preocupação com a impureza ritual. O morto ou aquilo que o envolve eram considerados impuros e tornavam impuras também as pessoas que tocassem neles (Lv 21,1-4; 22,4; Nm 6,9; 19,11-16; 31,19; Ag 2,13; cf. Ez 43,7), no entanto parece que os familiares podiam beijar o cadáver (Gn 50,1; Lv 21,2) (VAUX, 2003, p.80). Mas para Jesus estas exigências não existiam, a única coisa que importa para ele é a vida humana (Lc 8,54; Mc 5,41) (GRASSO, 1999, p. 216).

Esse milagre não se dá através do toque, mas como é próprio do autor o milagre acontece pelo poder da palavra de Jesus. Ele profere uma única palavra: “levanta-te!”. O verbo utilizado é ἐγειρω (*egeiro*), cujo significado primitivo é “fazer levantar-se”, empregado para indicar a passagem de uma posição encurvada para uma posição ereta (Lc 5,23.23; 6,8; At 9,8; 10,26) e “despertar” (At 12,7) (RUSCONI, 2005, p. 143). Lucas o emprega como os outros autores do Novo Testamento, para designar a ressurreição geral no último dia (20,37), as reanimações operadas por Jesus (7,22; 8,54) e a ressurreição do Senhor (9,22; 24,6.34). A forma como Jesus se

dirige a ele “eu digo a ti” indica a autoridade de Jesus (GRASSO, 1999, 216). Diferente de Elias em 1Rs 17,21 e Eliseu em 2Rs 4,33 que oram e invocam a ação de YHWH para que aconteça o milagre, aqui Jesus fala com a força e autoridade da sua palavra.

d) O jovem senta e fala, e Jesus o entrega à sua mãe (v. 15)

Lucas escreve o que acontece com o jovem e sua mãe após o milagre: “E o morto sentou-se e começou a falar. E Jesus o entregou à sua mãe”. O que o autor quer mostrar é que mãe e filho são beneficiados pela ação de Jesus. O jovem volta a viver e é restituído como filho. A mãe recebe seu filho de volta e restituí a sua família, o seu patrimônio. Aquela mulher recobra a sua razão de viver e a alegria de doar-se como mãe. De acordo com Bosetti (1995, p. 141-142), este milagre poderoso, realizado somente com a força da palavra, nasce da compaixão por aquela mãe viúva que chora.

Nesse sentido, o relato de Lucas se aproxima de 1Rs 17,23, a mulher que o profeta Elias foi visitar também era viúva e tinha somente um filho, o qual também acabou morrendo e tornando a viver “foi entregue à sua mãe”. E há também proximidade com 2Rs 4,8-37, cuja mulher só tinha um filho que morreu e foi reanimado pelo profeta Eliseu.

e) A multidão fala, Jesus é reconhecido como um grande profeta e o povo compreende o milagre como a visita de Deus, a notícia se espalha (vv.16-17)

Para transmitir a reação da multidão Lucas usa temor, φόβος (*fobos*) como termo apropriado do estupor suscitado pelo fato extraordinário. A multidão é tomada pelo sentimento de temor, não é medo que se apoderou das pessoas diante do milagre. Esta atitude é semelhante à dos pastores ao receberam o anúncio do Anjo (2,9) e da reação de todos diante da cura do paralisado (5,26). O sentimento que se apoderou das pessoas que presenciaram o fato é de respeito diante de Deus, pois algo tão maravilhoso assim, só pode ser de outra ordem. Ressuscitar os mortos é sinal de que as profecias messiânicas estão se cumprindo e o reino de Deus já chegou (Is 61,1-3; 26,19; Lc 7,22).

Todos os personagens, com exceção de Jesus, permanecem em silêncio até o desfecho da narração. A multidão que seguia Jesus desde Cafarnaum, os discípulos

dele, os que seguem o cortejo, os que carregavam o morto, a mãe viúva, o jovem, não dizem uma palavra. Só depois das ações de Jesus (viu, foi movido de compaixão, tocou, disse, entregou o filho para à sua mãe) é que a multidão num único coro glorifica a Deus dizendo: “Um grande profeta surgiu entre nós e Deus visitou o seu povo” (7,16). A expressão que Lucas atribui ao povo, no seu Evangelho, quer ressaltar Jesus como um grande profeta e relacioná-lo com o profeta Elias. Mais uma vez o texto se aproxima de um relato do Antigo Testamento. A voz do povo se assemelha à voz da viúva de Sarepta: “Agora sei que és um homem de Deus e que o Senhor fala verdadeiramente por tua boca” (1Rs 17,24).

As multidões reconhecem Jesus como um grande profeta, προφήτης μέγας (*mégas proféthes*). Todavia, neste reconhecimento, surge outra constatação importante, “o povo não glorificava Jesus, mas dava glórias a Deus pelo profeta que lhe tinha enviado [...] porque homem e mensagem tais como aquele só poderia vir da parte do Altíssimo.” (MAZZAROLO, 2004, p. 118-119). Para Dupont (1998, p. 147) o vocabulário empregado recorda também os fatos do êxodo, o que implica na comparação de Jesus com Moisés:

Jesus aparece implicitamente como *um novo Moisés*, incumbido por Deus de resgatar o povo eleito, de libertá-lo de seus opressores, e de procurar para ele a salvação prometida para o final dos tempos. Mais precisamente Jesus aparece assim como o Profeta semelhante a Moisés, anunciado pelo Deuteronômio (Dt 18,15-18).

O reconhecimento de Jesus como profeta corresponde ao programa que ele apresentou na sinagoga de Nazaré (4,16-21), ao interpretar o texto de Is 61,1-2. Assim, Jesus é também “o profeta rejeitado que irá a Jerusalém para ser morto (13,33-34), mas é também o profeta como Moisés, esperado na tradição bíblica (Dt 18,15-18; cf. At 3,22-23; 7,37-53).” (GRASSO, 1999, 216-217).

Esse reconhecimento que a multidão faz de Jesus pode também se “aludir ao profeta escatológico esperado por Israel, portanto um profeta como Elias.” (OPORTO, 2006, p. 205). O Salmo 74 lamentava: “Já não vemos mais sinais, não existem mais profetas” (Sl 74,9); esperava-se pela vinda de algum profeta (1Mc 4,46; 9,27; 14,41). Era como se “os céus tivessem se fechado”. E o último livro do Antigo Testamento termina justamente anunciando a retorno de Elias, o advento do tempo messiânico (Ml 3,23-24). Aletti (2012, p. 103-115) constata que a tipologia profética de Jesus, tendo Elias e Eliseu como modelos, unifica o conjunto de Lc 4-9. De fato a ocorrência

do termo “profeta”, mesmo que nem sempre referida a Jesus, aparece várias vezes neste bloco (6,22.26; 7,16.26-27.39; 9,7-8.10), além das referências indiretas.

Com efeito, o povo entendeu que a ação de Jesus era igual a ressurreição do filho da viúva realizada pelo profeta Elias (1Rs 17,17-24). Na interpretação do povo de Deus, Elias era considerado o maior de todos os profetas de Israel. Portanto, o “retorno de Elias” seria o sinal da chegada dos tempos messiânicos, com a visita de Deus ao seu povo. Esta expectativa foi anunciada no final do livro de Malaquias (3,23-24), o último dos profetas. A multidão se deu conta que Jesus era na verdade “aquele que devia vir”, segundo as expectativas messiânicas.

A multidão reconhece que “Deus visitou o seu povo”: καὶ ὅτι ἐπεσκέψατο ὁ θεὸς τὸν λαὸν αὐτοῦ. Lucas não emprega ὄχλος (multidão) dos vv. 11.12, e sim λαός (povo), que é um termo muito frequente no terceiro evangelho, enquanto Marcos só o emprega uma vez (Mc 14,2). Além disso, este λαός não é um povo qualquer, mas de Deus, já que o αὐτοῦ se refere ao θεός. Harbarth (1977, p. 64) salienta que assim como em 7,16, o mesmo acontece em 1,68 e At 15,14 onde o vocábulo *episkeptomai* está em ligação com λαός.

A expressão popular evoca as maravilhas já feitas por Deus no passado: “O Senhor visitou Sara” (Gn 21,1); “Deus vos visitará” (Gn 50,24); “De fato vos tenho visitado e visto o que vos é feito no Egito” (Ex 3,16; cf. 4,31); “O Senhor havia visitado o seu povo dando-lhe pão” (Rt 1,6); salmos que mencionam a visita de Deus (8,5; 65,10; 80,14 etc.), além de invocar textos proféticos em que o Senhor age como o Pastor das ovelhas cuidando das feridas e conduzindo as dispersas ao redil seguro (Ez 34,11-16). Foi através de ações salvíficas e libertadoras que o YHWH se manifestou.

No Antigo Testamento a visita de Deus podia ser vista de dois modos. Poderiam ser intervenções com o objetivo de trazer a bênção (Gn 21,1; 50,24-25; Ex 3,16; Jr 29,10, etc.), mas também poderiam ser intervenções para castigar (Ex 32,34; Is 10,12; Ez 23,21, etc.) (OPORTO; GARCIA, 2006, p. 205). No relato de Naim a visita é uma intervenção positiva, o povo de Deus reconhece o prodígio realizado por Jesus como uma visita favorável. O que Jesus faz em Naim torna-se um sinal claro em Lucas de que Deus “visitou” o seu povo manifestando o seu cuidado, sua eterna solicitude.

particularmente ao vocabulário pastoral, o verbo evoca uma imagem: pensa-se na visita que o pastor faz ao rebanho para verificar se as ovelhas precisam de alguma coisa, para ver se entre elas há doentes ou feridas das quais é preciso cuidar. A visita que Deus faz a seu povo é essencialmente uma manifestação de sua eterna solicitude; ela visa especialmente os que necessitam de ajuda. Quando Deus visita seu povo é para mostrar-lhes o seu amor compassivo, para ajudar a salvar os que se encontram na angústia (DUPONT, 1998, p. 146).

Lucas também destaca o efeito que a ação de Jesus provocou: o que aconteceu em Naim se espalhou pela Judéia e por toda a redondeza. É importante ressaltar que quando o evangelista designa a Judéia, no sentido político, quer indicar todo o território de Israel (toda a terra hebraica), como entendia a língua grega da época, incluindo também a Galileia à qual pertencia a cidade de Naim. Lucas utiliza o mesmo recurso também em outras passagens quando se refere à Judéia (4,44; 6,17; 23,5 e At 2,9; 10,37). (GRASSO, 1999, p. 217).

Parece que Lucas quer distinguir que a fama ou os feitos de Jesus se propagaram também para fora do território dos judeus. Isso devia soar bem, como uma mensagem universalista, aos ouvidos dos leitores e ouvintes do seu Evangelho. Spinetoli (1982, p. 268) destaca que esta “visita” de Deus não é destinada somente aos galileus “mas ao inteiro povo israelita e sucessivamente à inteira humanidade, por tal motivo o eco das suas palavras e das suas operações se difunde em toda a região (v. 17; 4,14.31; 5,17)”. No entanto, o importante é que aquilo que Jesus faz está repercutindo, espalha-se mundo afora e os responsáveis por esta ação são as multidões que estiveram com Jesus e se sentiram “visitadas” por Deus e, conseqüentemente, o novo povo de Deus pode anunciar em toda a região o que aconteceu.

3.3.2.4 Teologia do Texto

O terceiro Evangelho é considerado o Evangelho da misericórdia. E de fato o é e isso pode ser demonstrado no relato de Lc 7,11-17. A teologia do texto desenhada pelo autor revela o rosto compassivo e misericordioso de Deus que se manifesta na pessoa e na ação de Jesus. Ao devolver a vida ao jovem de Naim, Jesus manifesta copiosamente a sua graça transformando a realidade da pobre mãe viúva. De fato, como comenta Maçaneiro (2006, p. 34):

Deus visita seu povo muitas vezes, sobretudo durante as noites da dor, da escravidão e da morte, para curar, libertar e restaurar a vida (cf. Gn 18,1; Ex 3,7-8; Sl 80,14; Lc 1,43). Jesus é a compaixão de Deus que visita a humanidade: 'Graças ao misericordioso coração do nosso Deus, pelo qual nos visita o Astro das alturas, para iluminar os que jazem nas trevas e na sombra da morte, para guiar nossos passos no caminho da paz!' (Lc 1,78). De fato, visitar quem padece é uma obra de misericórdia (cf. Mt 25,36; Tg 1,27).

Lucas demonstra que a autoridade de Jesus não é somente a de um profeta, mas daquele que se apresenta como Messias de Israel, o Filho de Deus, o Senhor da vida e da morte que sabe, no entanto, compadecer-se da necessidade humana. Se o Antigo Testamento fala dessas "visitas" como intervenções de Deus para abençoar ou para castigar seu povo, neste caso a visita é obra de sua graça e devolve a vida ao filho da viúva de Naim. Mas é possível ir mais longe e afirmar que toda a vida de Jesus, e não somente esse acontecimento, é a visita definitiva de Deus aos homens (Mt 28,20). No Novo Testamento, Deus se faz presente na história da salvação por meio de Jesus. (OPORTO; GARCÍA, 2006, p. 205).

Cada profeta, cada milagre era acolhido pelo povo de Israel como sinal de particular distinção e predileção de Deus (LÄPPLE, 1971, p. 262-263). Porém, em sua ação, Jesus não se apresenta só como um profeta, mas como o doador da vida; não só cura uma doença, mas consegue reanimar o corpo de um morto (GRASSO, 1999, p. 217). Jesus vai além dos profetas do Antigo Testamento. Ele os supera, pois aquilo que os profetas faziam e diziam em nome de Deus, Jesus diz e faz pessoalmente (BONNEAU, 2003, p. 145-146). Desta forma, o título não é inadequado, como observa Mazzarolo (2004, p. 118), "pois a revelação messiânica que começa aqui vai preparar a superação de Moisés e Elias na Transfiguração (9,28-36)".

No final da narração da ressurreição do filho da viúva de Naim, Lucas registra a reação de todos em coro: "todos glorificavam a Deus". As características do Cântico de Zacarias reaparecem nesta terceira ocorrência do verbo *episkeptomai*: "Todos ficaram com muito medo e glorificavam a Deus, dizendo: 'Um grande profeta surgiu entre nós e Deus visitou o seu povo.'" (7,16). É muito próximo ao tom poético empregado por Lucas no *Benedictus*. Entretanto surge, aqui, a dimensão cristológica: Jesus é chamado "um grande profeta"; a dimensão teológica uma vez que Deus é explicitamente citado como o sujeito do verbo; a dimensão soteriológica, o verbo *egeiro* (é surgido) rememora 1,69-70: "e suscitou-nos uma força de salvação na casa

de Davi, seu servo. Como prometera desde tempos remotos pela boca de seus santos profetas”.

Segundo Bovon (2005, p. 516), no relato da ressurreição do filho da viúva de Naim, Lucas prolonga o eco do milagre em três direções: (1) Soteriológica: com aclamação do povo da aparição de um profeta, é Deus que visita o seu povo, não para juízo, mas sim para a salvação necessária; (2) Eclesiológica: a ação de Jesus afeta o povo de Deus por inteiro; se um membro é curado, é todo o povo que recupera a saúde e o fato se torna conhecido; (3) Cristológica: com Deus como sujeito do verbo “visitar”, Lucas marca a relação entre a obra de Jesus e a obra de Deus. O que Jesus realiza não é só a vontade do Pai, é a mesma obra de Deus. Esta identificação, de um lado eleva Jesus à esfera divina, ao mesmo tempo em que o reduz a função de mediador obediente. Brown (2004, p. 345) também entende que o milagre realizado por Jesus na ressurreição do filho da viúva de Naim alcança reconhecimento cristológico na grande aclamação do povo que reconhece neste acontecimento que “Deus visitou o seu povo” (v. 16).

3.3.2.5 Constatações sobre a ressurreição do filho da viúva de Naim

Em Lc 7,16, mediante a sua benigna intervenção, Deus se mostra Senhor da vida terrena. Depois da ressurreição do jovem de Naim por obra de Jesus, um grande temor acomete o povo de modo que “glorificavam a Deus dizendo: um grande profeta surgiu entre nós e Deus visitou o seu povo” (7,16). Neste caso, o sentido profundo de *episkeptomai* retoma toda a história da salvação.

3.3.3 Jerusalém visitada

O Evangelho de Lucas apresenta a subida de Jesus a Jerusalém: a visita em questão é a visita de Deus anunciada pelos profetas no Antigo Testamento, visita para a alegria dos que lhe são fiéis e para castigo das lideranças infiéis. Em Jesus, Deus mesmo visita Jerusalém.

No final da pequena perícopes de Lc 19,41-44, encontramos mais uma ocorrência relacionada à visita. Porém, não é uma forma verbal e sim um substantivo feminino no genitivo: ἐπισκοπές (*episkopes*). Jesus chora sobre a cidade de Jerusalém que não reconheceu o “tempo da tua visita” (v. 44).

A longa caminhada iniciada em 9,51, e que em Lucas ocupa mais da metade do seu Evangelho, chega agora ao seu destino: a cidade de Jerusalém. É interessante notar como, seguidamente, ao longo desta caminhada a meta é chegar à cidade: “Ele tomou resolutamente o caminho de Jerusalém” (9,51); “Caminhava para Jerusalém” (9,53); “Atravessava cidades e povoados, ensinando e encaminhando-se para Jerusalém” (13,22); “Devo prosseguir meu caminho, pois não convém que um profeta pereça fora de Jerusalém” (13,33); “Como se encaminhasse para Jerusalém, passava através da Samaria e da Galileia” (17,11); “Tomando consigo os Doze, disse-lhes: eis que subimos a Jerusalém” (18,31); “Acrescentou uma parábola, porque estava perto de Jerusalém” (19,11); “Jesus caminhava à frente, subindo para Jerusalém” (10,28).

Depois da boa acolhida pelo povo simples, que estendia suas vestes e cantava hinos alegremente (19,35-40), Jesus estando perto “viu a cidade e chorou sobre ela” (19,41), e então profetizou sobre a cidade sagrada: “Ah! Se neste dia também tu conhecesses a mensagem de paz!” (v. 42a).

O simbolismo teológico da cidade de Jerusalém é maior por causa do Templo do que por sua identificação com a dinastia davídica, pois Jerusalém foi escolhida por YHWH como o lugar para colocar o seu Nome (1Rs 11,13; 2Rs 21,4; 23,27), e Sião é o seu Monte Santo (MCKENZIE, 1984, p. 478). O significado do nome de Jerusalém é justamente “cidade da paz”, por isso ela é cantada em tantos Salmos (Sl 87; 122; 125; 128; 137). O Salmo 122 reflete bem esta ideia: “Pedi a paz para Jerusalém. Que estejam tranquilos os que te amam! Haja paz em teus muros e estejam tranquilos teus palácios! Por meus irmãos e meus amigos eu desejo: ‘A paz esteja contigo!’.” (Sl 122,7-8). Pede-se a paz para a cidade da paz e ao mesmo tempo para quem vem até ela. Mas ela mesma não conhece a paz que deveria dar.

Jesus demonstra sensibilidade diante da cidade que ele ama, mas que não sabe acolher a visita de Deus. Aos seus discípulos Jesus havia ensinado a saudar transmitindo a paz (Lc 10,5.6), esta mesma paz com a qual saudará seus discípulos depois de ressuscitado (24,36). Jerusalém a cidade da paz não é capaz de receber a verdadeira paz, aquele que é a Paz (Ef 2,14). “Jesus chora impotente diante da incredulidade do seu povo nas suas relações, quando vem como Rei de paz” (CENTRO, 2002, p. 820). Ou seja: “a cidade cujo nome vai associado à paz não reconhece aquele que a pode levar a esta paz, não reconhece o portador da paz que vem céu, não reconhece seu ‘rei’ de paz.” (FITZMYER, 2006, p. 113).

Jesus entra em Jerusalém como Rei. Lucas já havia anunciado que Jesus seria o herdeiro do trono de Davi (1,32). Jesus entra como Rei para cumprir as profecias (Zc 9,9), mas não da forma como entravam os reis da época, ostentando luxúria, pompa e arrogância. Jesus entra humilde, montado num jumentinho emprestado e que, em seguida, será devolvido. (MAZZAROLO, 2004, p. 240).

É tempo do *kairós*, da graça de Deus, que em Lucas é sempre positivo, justamente “neste dia” em que Jerusalém está sendo visitada, a cidade da paz não sabe receber a paz. “É a ocasião preciosa oferecida por Deus” (BOVON, 2010, p. 57). Na Bíblia, no entanto, o Dia de YHWH comporta sempre dois aspectos: positivos e negativos. A descrição que se seguirá nas profecias de Jesus (vv. 42b-44) faz lembrar fatos passados, como a destruição de Jerusalém sob a Babilônia, em 586 a.C., como também os acontecimentos futuros quando Jerusalém será destruída pelos romanos, no ano 70 d.C.

A vinda do Messias já havia sido apresentada por Lucas como uma visita de Deus (1,68.78; 7,16). A chegada de Jesus em Jerusalém como o Rei Messias deveria ter recebido a acolhida do povo hebreu. Entretanto, a recusa será interpretada como um castigo de Deus (CENTRO, 2002, p. 820). Mas Jesus não exulta por isso, antes, ele chora sobre a cidade. As dores de Jesus têm motivações pessoais, humanas, mas também religiosas. Os habitantes de Jerusalém não souberam ou não quiseram entender o “dia” de Jesus, a visita que estava preparada para a sua cidade. (SPINETOLI, 1999, p. 609).

A visita ἐπισκοπέ (*episkope*) é a presença amiga e salvífica do enviado de Deus, chegou o tempo favorável que foi iniciado com o ministério na Galileia. Todavia, “aqui, por desgraça, o momento positivo enraizado em Deus se choca contra as forças humanas negativas.” (BOVON, 2010, p. 57).

A “visita” de Jesus a Jerusalém vai adquirir novo significado. Embora Jerusalém seja a cidade da paz é também a cidade que “mata os profetas e apedreja os que lhe foram enviados” (Lc 13,34). Jerusalém será também a cidade onde o próprio Jesus será rejeitado, condenado e crucificado, mas ela se converterá na cidade de onde sairá a Palavra e o testemunho dos discípulos de Jesus (Lc 24,47; At 1,8). (FITZMYER, 2006, p. 114).

3.3.4 A visita de Maria a Isabel

Além da abordagem de Lucas sobre a visita de Deus ao seu povo, ainda se encontra em seu Evangelho o relato da visita de Maria à sua parenta Isabel (1,39-45). Embora a maioria das traduções apresente este acontecimento como uma visita, é notável que o verbo *episkeptomai* não esteja presente no texto original. Curiosamente, numa das passagens mais belas e que mais demonstram a visita e o encontro, o verbo não aparece. Mas o contexto é de visitação e é assim que é conhecida esta passagem bíblica. Lucas, em seu Evangelho, narra com beleza o encontro das duas mães grávidas. Contudo, não é um encontro qualquer que Lucas quer relatar. São dois ventres grávidos que se tocam; duas mães que se abraçam; dois meninos que estremecem (profecia e realização) e exultam de alegria; é o Antigo e o Novo Testamento que se encontram; o humano e o divino que se aproximam.

Ao se deparar com o relato deste acontecimento, é comum o leitor encontrar nas diversas traduções da Bíblia, na exclamação de Isabel, a presença do verbo visitar: “Donde me vem que a mãe do meu Senhor me visite?” (1,43). Mas, curiosamente, no texto original se verifica que Lucas não emprega o verbo *ἐπισκέπτομαι*. No texto grego não é usado o verbo visitar neste versículo: *καὶ πόθεν μοι τοῦτο ἵνα ἔλθῃ ἡ μήτηρ τοῦ κυρίου μου πρὸς ἐμέ;* (E donde para mim que a mãe do meu Senhor venha até mim?) (NOVO..., 2004, p. 210). Uma das possibilidades para este fato, pode ser aquela de que o evangelista tivesse uma intenção precisa em reservar a utilização do verbo para se referir somente à visita do próprio Deus ao seu povo, que em seu Evangelho se dá por meio da pessoa de Jesus, o Salvador.

3.4 DEUS VISITA PARA ESCOLHER

No Livro dos Atos dos Apóstolos encontramos mais uma passagem em que Lucas utiliza o verbo *episkeptomai*. O verbo está no aoristo médio na primeira pessoa do singular e tem Deus por sujeito.

O contexto é o chamado “Concílio de Jerusalém” (At 15,1-29), onde Paulo e Barnabé discutiam, com os apóstolos e os anciãos, a controvérsia se os gentios deviam ou não ser circuncidados. Depois que Paulo e Barnabé expuseram como a mensagem de Jesus estava sendo bem acolhida e a chegada de alguns infiltrados exigindo a circuncisão (15,4), houve uma discussão acesa (15,7a) e, então, Pedro fez

seu discurso em defesa dos gentios (15,7b-12). Tiago tomou a palavra defendendo a posição de Pedro que demonstrou, em sua exposição, como Deus “se dignou, desde o início, escolher (*episkepsato*) dentre os gentios um povo dedicado ao seu Nome”. Para fundamentar seu discurso, Tiago cita o Profeta Amós (Am 9,11-12) e, implicitamente, Isaías e Jeremias para dizer que este desejo já estava nos planos salvíficos divinos e que se encontrava escrito na Palavra de Deus. “É a palavra que confirma, mas nós a compreendemos somente quando a vemos realizada.” (FAUSTI, 2015, p. 141).

A expressão verbal e seu complemento ἐπεσκέψατο λαβεῖν (*episkepsato labeîn*), entretanto, encontra muitas dificuldades na sua tradução, como podemos ver nas principais Bíblias: “se dignou escolher” (Bíblia de Jerusalém); “cuidou de escolher” (Nova Bíblia Pastoral); “cuidou de tirar” (TEB); “quis escolher” (Bíblia do Peregrino); “se preocupou em escolher” (A Bíblia. Novo Testamento); “visitou a fim de constituir” (Almeida ARA); “visitou para tomar” (Novo Testamento Interlinear / Bíblia Brasileira); “se dignou intervir para tirar” (Bíblia dos Capuchinhos). Como se pode verificar não há unanimidade nas traduções, mas prevalece o sentido da visita de Deus e o seu cuidado em escolher um povo, a fim de realizar as suas promessas e o seu plano de salvação.

O emprego do verbo *episkeptesthai* é feito com o mesmo sentido de *paqad* no Antigo Testamento para designar ações salvíficas de Deus e, assim, introduz uma ampliação importante na perspectiva de indicar a escolha de um povo dedicado ao seu Nome. A expressão é “parte da oração substantiva que funciona como objeto de *episkepsato*, esta expressão afirma que os novos membros gentílicos da Igreja têm participação plena no ‘povo de Deus’.” (DILLON, 2011, p. 368).

Teologicamente, a passagem faz uma releitura das promessas de Deus a Abraão, cujo chamado foi em vista de estender a bênção a todos os povos da terra. Esta releitura é feita à luz dos novos acontecimentos e das novas interpretações do evento Jesus Cristo. As visitas que Deus fez a Abraão, no Egito e aos profetas para formar um povo para o seu Nome, agora valem para todos os povos. A Igreja que nasce é constituída de judeus e de gentios que possuem a mesma promessa de Abraão, porque “Deus prometeu a Abraão que lhe daria uma descendência, que esta seria bendita e que na sua descendência seriam benditas todas as estirpes, todos os povos da terra.” (FAUSTI, 2015, p. 140).

O discurso de Tiago em At 15,14 mostra como essa visita salvadora de Deus, até então destinada ao povo eleito, está agora voltada aos gentios. Nem todos compreenderam e aceitaram a visita de Deus em Jesus. Esse não reconhecimento por parte do povo eleito se transforma em ameaça de castigo (Lc 19,44) e a visita de Deus se torna julgamento histórico. Depois da rejeição de Israel, Deus cria um novo povo entre os gentios. E também neste caso, o sentido profundo de *episkeptomai* retoma toda a história da salvação.

Portanto, no “concílio” de Jerusalém o grupo dos apóstolos entendeu qual devia ser a missão e a natureza da Igreja: “daquele momento o cristianismo não terá mais um único rosto, porque se encarnará na multiplicidade das culturas humanas.” (FAUSTI, 2015, p. 135).

3.5 OUTROS USOS DO VERBO *EPISKEPTOMAI* NO NOVO TESTAMENTO

Ainda que o objetivo desta pesquisa seja mais especificamente averiguar o uso do verbo *paqad* no Antigo Testamento e o seu correspondente *episkeptomai* no Novo Testamento, é importante notar outros usos aproximados que o Novo Testamento aplica ao significado teológico de visita também em ações humanas.

Jesus anuncia que o Filho do Homem no juízo final dará o reino àqueles aos quais poderá dizer: “Estive... doente e me visitastes, preso e viestes ver-me” (Mt 25,35). Nas primeiras comunidades cristãs, visitar as viúvas em suas necessidades é tido como um ato da verdadeira religiosidade. Cuidar dos doentes é continuar o trabalho terapêutico de Jesus imitando sua compaixão (Mt 4,23-24; 8,14-17; 9,36; cf. 9,13; 12,7) e continuar fazendo o que ele ordenou (10,7-8). Por sua vez, visitar aqueles que estão na prisão é providenciar-lhes comida, bebida e roupa. São práticas de solidariedade, tipicamente de ações humanitárias, contrárias às práticas culturais dominantes, pois elas são não-recíprocas. São preocupações com as necessidades do outro, e não com a honra e o status social do doador. (CARTER, 2002, p. 614).

A Carta de Tiago, quando afirma que “com efeito, a religião pura e sem mácula diante de Deus, nosso Pai, consiste nisto: visitar as viúvas e os órfãos em suas tribulações” (Tg 1,27), recolhe tanto a melhor tradição da ética judaica, quanto a exigência de Jesus Cristo de um zeloso amor pelo próximo. Esta é a religião autêntica que corresponde à vontade de Deus, ou seja: uma práxis amorosa em favor dos mais necessitados. “Visitar os pobres e as viúvas nos seus sofrimentos, é o amor ativo e

generoso em relação aos necessitados, modelado sobre o agir de Deus Pai, que defende os fracos e ajuda os necessitados” (FABRIS, 2015, p. 161). Neste sentido, Freire (p. 234-235) indica o sentido da verdadeira religiosidade cristã:

Ao falar de Jesus Salvador (2,11) veremos que tipo de salvação nos oferece; comprovaremos que a salvação do homem tem um caráter eminentemente histórico-existencial, como a mesma revelação; constataremos que se trata *da salvação integral do homem*; esta salvação alcança todas as esferas em que o homem pode ser oprimido ou instrumentalizado: no plano econômico, social, político, espiritual, pessoal-existencial. São estes aspectos que polarizam a vida do homem, e não se pode falar de *verdadeira religiosidade* se não se tem em conta estes condicionamentos históricos.

Também onde *episkeptomai*, no Novo Testamento, significa “fazer visita a alguém, ter o olho em alguém” não se trata nunca de um simples visitar, entendido segundo o uso comum, ou um fato para entreter-se em torno a fazeres pessoais, mas sempre de um cuidar, de um agir, que nasce pela consciência da própria responsabilidade para com o outro (At 7,23;15,36). O sentido é em tudo semelhante àquele de *episkeptomai* na LXX, quando este é usado para descrever a atividade do bom pastor.

É significativo que ἐπισκοπέω (*episkopeo*) em Hb 12,14-15 no sentido de “vigiando atentamente”, exprima antes de tudo o comportamento no qual aparece a responsabilidade da comunidade pela saúde externa de todos os seus membros e em segundo lugar, que esse seja posto como uma coisa que preserve, cuide de toda a comunidade. Mais tarde, essa se tornará a tarefa especial de um membro, isto é, do chefe da Igreja: “se alguém aspira o episcopado (ἐπισκοπή), boa obra deseja” (1Tm 3,1). A comunidade inteira como tal é entendida como objeto de um serviço e de um ofício essencialmente episcopal, ou seja, de quem deve visitar, vigiar e cuidar com zelo do rebanho a ela confiado.

3.6 PRINCIPAIS OCORRÊNCIAS DE *EPISKEPTOMAI* NO NOVO TESTAMENTO

Apresentamos a seguir alguns textos com a presença do verbo *episkeptomai*, na obra de Lucas, onde o autor se refere à visita de Deus. (NOVO Testamento Interlinear Grego-Português, 2004; BIBLE Works, 2007).

Quadro 1 – Indicativo aoristo médio na terceira pessoa no singular: ἐπεσκέψατο

Citação	Texto	Tradução	Destinatário	Consequência	Propósito
Lc 1,68	Εὐλογητὸς κύριος ὁ θεὸς τοῦ Ἰσραὴλ, ὅτι ἐπεσκέψατο καὶ ἐποίησεν λύτρωσιν τῷ λαῷ αὐτοῦ	Bendito Senhor o Deus de Israel, pois visitou e operou redenção para o povo dele.	O povo de Israel	Cumprimento da promessa messiânica	Beneficiar
Lc 7,16	Ἔλαβεν δὲ φόβος πάντας καὶ ἐδόξαζον τὸν θεὸν λέγοντες ὅτι προφήτης μέγας ἠγέρθη ἐν ἡμῖν καὶ ὅτι ἐπεσκέψατο ὁ θεὸς τὸν λαὸν αὐτοῦ	E sobreveio temor a todos e glorificavam a Deus dizendo: Grande profeta surgiu entre nós e Deus visitou o povo dele.	Jovem órfão e sua mãe viúva	O jovem volta a viver A mãe recobra o seu patrimônio e o sentido de viver	Beneficiar
At 15,14	Συμεὼν ἐξηγήσατο καθὼς πρῶτον ὁ θεὸς ἐπεσκέψατο λαβεῖν ἐξ ἔθνων λαὸν τῷ ὀνόματι αὐτοῦ.	Simeão explicou como primeiro Deus visitou para tomar dentre gentios um povo para o nome dele.	O povo de Israel	Os gentios são membros do povo de Deus	Beneficiar

Fonte: a autora, 2017.

Quadro 2 – No indicativo futuro médio na terceira pessoa do singular: ἐπισκέψεται

Citação	Texto	Tradução	Destinatário	Consequência	Propósito
Lc 1,78	διὰ σπλάγχνα ἐλέους θεοῦ ἡμῶν, ἐν οἷς ἐπισκέψεται ἡμᾶς ἀνατολὴ ἐξ ὕψους,	Por causa das entranhas das misericórdias do Deus nosso, nas quais visitará a nós a Aurora do Alto.	Povo do AT e NT	Iluminar os que andam nas trevas e na sombra da morte e guiar para o caminho da paz	Beneficiar

Fonte: a autora, 2017.

Quadro 3 – Substantivo feminino comum genitivo no singular: ἐπισκοπῆς.

Citação	Texto	Tradução	Destinatário	Consequência	Propósito
Lc 19,44	καὶ ἔδαφιοῦσίν σε καὶ τὰ τέκνα σου ἐν σοί, καὶ οὐκ ἀφήσουσιν λίθον ἐπὶ λίθον ἐν σοί, ἀνθ' ὧν οὐκ ἔγνωσ τὸν καιρὸν τῆς ἐπισκοπῆς σου.	E arrasarão a ti e os filhos teus em ti, e não deixarão pedra sobre pedra em ti, porque não reconheceste o tempo da visitação tua.	Cidade de Jerusalém	Não reconheceram o Messias como enviado de Deus Destruição de Jerusalém	Castigar

Fonte: a autora, 2017.

3.7 CONSTATAÇÕES

Nesta segunda parte da pesquisa buscou-se analisar as “visitas de Deus ao seu povo” no Novo Testamento para compreender o sentido e o alcance teológico que Lucas quis dar a esta expressão. Se é possível comprovar que as visitas de Deus no Antigo Testamento são intervenções pelas quais Ele manifesta a sua vontade de salvar, no Novo Testamento, as ações salvíficas continuam com novos fatos e intervenções, em continuidade com o sentido veterotestamentário. A presença de Deus no meio do seu povo, através da sua visita cheia de misericórdia e compaixão, faz-se realidade na Encarnação, cumprindo as profecias, e nas manifestações do poder de Jesus, como no episódio em que Ele devolve a vida ao filho da viúva de Naim (Lc 7,11-17) e da visita que faz à cidade de Jerusalém (Lc 19,44).

Neste sentido, o Novo Testamento está em concordância com a ação salvadora de Deus na história em benefício dos mais necessitados, e não só, pois se trata da realização da promessa messiânica. Jesus é identificado pelo povo como o “grande profeta” esperado para os últimos tempos, reconhecido pelos discípulos de Emaús como “poderoso profeta em atos e palavras diante de Deus e dos homens” (Lc 24,19), mas diferentemente de Elias, Jesus é também o Senhor.

A Igreja, na assembleia de Jerusalém (At 15,1-29) reconheceu que sua missão era alargar – e desta forma cumprir – as promessas de Deus feitas aos pais da fé. Deus agora visitou e escolheu um povo (At 15,14) para levar seu Nome a todas as nações. Cumprem-se as profecias e Deus continua mostrando seu rosto misericordioso e bondoso em favor da humanidade.

4 A VISITA NA PRÁTICA PASTORAL DA IGREJA

O primeiro e o segundo capítulo abordam fundamentos bíblicos referentes ao tema da visitação. Com o objetivo de atualizar e iluminar a realidade, este capítulo à luz da análise teológica da visita de Deus no Antigo e no Novo Testamento, apresenta uma análise hermenêutica do tema aplicando-o à prática pastoral atual com ênfase na Pastoral da Visitação.

4.1 A REFLEXÃO TEOLÓGICA

As visitas que Deus concedeu ao seu povo durante o longo percurso da história da revelação bíblica, continuam sendo atualizadas na história e na realidade de hoje onde quer que se encontre o testemunho da salvação trazida por Jesus Cristo às pessoas que clamam e estão passando por necessidade. Isso ocorre, sobretudo, quando acontece uma mudança de vida para os pobres, pecadores, marginalizados e excluídos que são beneficiados e transformam as situações de morte e sofrimento em situações de vida melhor.

Da mesma forma, os clamores do povo de Deus que subiram até os ouvidos do Senhor durante a escravidão do Egito, hoje continuam sendo ouvidos diante das novas formas de opressão e escravidão. São as novas massas de oprimidos e excluídos que continuam gritando, clamando e implorando por socorro como fez o povo de Deus no passado.

Se no cântico do *Benedictus*, que é uma memória do Êxodo, Zacarias atualizou o Antigo Testamento para os novos fatos que estavam acontecendo, é possível afirmar que toda a Bíblia é atualizada quando os pontos principais da revelação divina são atualizados para as novas realidades.

Constata-se também que os pobres e oprimidos quando são visitados e recebem benefícios de Deus manifestam a sua fé. Eles cantam e expressam sua gratidão a Deus e reconhecem o que Deus é capaz de fazer por eles, quando Ele vem ao seu encontro. O exemplo de Zacarias é sempre um convite a abrir a boca e louvar a Deus diante dos acontecimentos que são presenciados e nos quais é possível perceber a ação de Deus. No nascimento de um menino, Zacarias viu o sinal de que o Messias estava chegando e que os tempos e as profecias tão esperados estavam

se tornando realidade. Zacarias reconheceu nestes fatos a visita e a ação de Deus, da mesma forma como Ele já havia agido no passado.

Outro exemplo é o de João Batista: sua missão foi preparar os caminhos para a vinda de Jesus. Hoje, João Batista tem novos rostos, está diante de novos desafios. O povo de Deus, a Igreja, é quem deve preparar os caminhos para que Jesus continue nascendo em tantos corações endurecidos, em tantas realidades onde ainda não se ouviu falar da mensagem de Jesus, em muitas situações marcadas pela dor e pelo sofrimento e que clamam pela visita de Deus. Jesus quer nascer na vida das pessoas que sofrem, que estão excluídas, machucadas pelos destinos da vida, pelos projetos excludentes, geradores de injustiças e de morte. É hoje o novo tempo propício para preparar o caminho para Jesus nascer! É Ele que continua vindo ao encontro do seu povo querendo visitar e estar presente: “Eis que estou à porta e bato” (Ap 3,20a).

A visita de Deus na Bíblia se traduz em boa notícia. Na realidade de hoje é preciso descobrir em que condições ela continua acontecendo, sobretudo nas situações do povo pobre e excluído, para continuar sendo sinal de boas novas. Da mesma forma a Igreja, na sua ação pastoral, deve ir ao encontro dos mais necessitados, proporcionando motivos de esperança, bem como oferecer os meios para que os pobres e excluídos possam usufruir de uma vida melhor, realizando assim o sonho proclamado por Jesus, de que “todos tenham vida e vida em abundância” (Jo 10,10).

Assim como Maria, na “visita” à sua parenta Isabel, se pôs a caminho numa atitude de amor e serviço, a Igreja, na sua ação pastoral, segundo o Papa Francisco deve ser “uma Igreja em saída” (EG 21). A Igreja em missão deve ser sempre portadora da esperança, anunciando e testemunhando o Reino de Deus anunciado por Jesus Cristo.

A visita de Deus ao seu povo no Novo Testamento torna-se algo muito peculiar. O Filho de Deus se torna presente em nossa realidade humana. Deus visita os pobres e os pecadores: a viúva, Zaqueu e todos aqueles que são abandonados pelos outros. Em Jesus, Deus mostra o caminho que conduz aos marginalizados. Assim é o sistema de Deus, diferente do sistema capitalista atual que exclui e marginaliza. Enquanto este sistema prefere investir naqueles que já têm poder e influência, Jesus começa com aqueles que estão à margem da sociedade. O Reino de Deus começa na periferia e revela-se um Reino da vida para os deserdados. A visita de Deus deixa seu povo também com a “responsabilidade da gratidão”. Por isso, em Naim, o povo espalhou a

fama de Jesus por toda a região. Mostrou que soube dar valor à visita que recebeu. A Igreja terá de celebrar a mesma gratidão por Deus, que faz grandes coisas aos pequenos. Muitos ainda não são capazes disso. Não sabem se alegrar com a visita de Deus aos pequenos. Por isso lhes escapa a grandeza da visita. Afinal, quando é que sentimos Deus mais verdadeiramente próximo de nós: ao se realizar uma grande solenidade, ou quando um gesto de amor atinge uma pessoa ou um grupo carente? (KONNINGS, 2016)

Por fim, é possível afirmar que as visitas de Deus fazem bem ao seu povo, porque elas transformam para melhor a sua vida. Esta transformação pode ser vista dentro de um modelo clássico das literaturas antigas que podem ser de dois tipos: a) passagem da infelicidade para a felicidade; b) uma mudança de conhecimento, ou seja, a passagem da ignorância para o conhecimento (SKA, 2001, p. 47-48). Assim as pessoas ou o povo que é visitado por Deus passa daquela situação de dor, sofrimento, opressão ou outra forma que o levou a clamar a Deus, para uma transformação de vida melhor e de felicidade. E passa também daquela situação de ignorância ou de alienação para um nível de conhecimento melhor de quem é Deus e também do seu próprio reconhecimento como povo de Deus, valorizado, consciente de sua missão e de que Deus está ao seu lado, junto na mesma caminhada.

4.2 A CONFERÊNCIA DE APARECIDA

Seguindo os ventos de “*aggiornamento*” (atualização) da Igreja com as renovações suscitadas pelo Concílio Vaticano II, aconteceram na América Latina as Conferências Episcopais com o objetivo de atualizar para o Continente latino-americano as propostas conciliares de mudanças para a Igreja.

Nesse sentido, as reflexões e decisões dessas Conferências podem ser lidas com o tema da visitação de Deus, mesmo que o vocabulário da visita nem sempre esteja explícito.

Em Medellín, na Colômbia, em 1968, foi realizada a II Conferência dos Bispos Latino-americanos. A Conferência aconteceu em meio à nova realidade que o Continente vivia: a) o surgimento das ditaduras militares e as repressões aos movimentos populares; b) as mudanças ocorridas nos últimos anos com o deslocamento de grande parte da população para as cidades. Os bispos latino-americanos escutaram o clamor por justiça que vinha do meio do povo. Esta

Conferência viu o despontar de algumas figuras proféticas e corajosas, como Dom Hélder Câmara e Dom Cândido Padin (do Brasil), Dom Manuel Larraín (do Chile), Dom Leônidas Proaño (do Equador), Dom McGrath (do Panamá), Dom Valencia Cano (da Colômbia), Dom Dammert Belido (do Peru), entre outros. Estes haviam participado do Concílio, haviam assinado o Pacto das Catacumbas e sonhavam com a renovação da Igreja no Continente. Era o momento de sair das sacristias e ir em direção ao povo, visitar, escutar, acolher, caminhar juntos. Segundo Silvia Scatena (2016), em síntese, o que parece importante sublinhar “é que, em Medellín, a Igreja Latino-Americana recupera o aspecto de uma instância histórica chamada a reinterpretar o evangelho aos homens e aos povos do continente na ‘situação anormal’ e ‘inquietante’ da América Latina no final dos anos 1960”.

A partir de Medellín, constatou-se o surgimento de uma Igreja que saiu da sua zona de conforto e foi ao encontro do povo, lá onde o povo vivia, nas suas realidades concretas. Onze anos após a referida Conferência, em 1979, na cidade de Puebla, no México, foi realizada a III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano. Nesta ocasião, os Bispos mostraram sua preocupação com as angústias e os clamores populares, e viam “à luz da fé, como um escândalo e uma contradição com o ser cristão, a brecha crescente entre ricos e pobres.” (PUEBLA, n. 28). Nas feições concretíssimas do povo sofredor é que devia ser reconhecido o Cristo, o Senhor que questiona e interpela, pois é daí que surgem os rostos de: crianças golpeadas pela pobreza, de jovens desorientados, de indígenas e afro americanos, de camponeses, sem-terras e sem-teto, de operários, de subempregados e desempregados, de marginalizados e amontoados nas cidades, dos anciãos e de tantas outras angústias que brotam da falta de respeito à falta de dignidade de seres humanos, imagem e semelhança do Criador e com seus direitos inalienáveis de filhos de Deus. (CONSELHO, 1979, p. 95-96).

Medellín e Puebla foram os berços para o surgimento da Teologia da Libertação, o crescimento das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), o nascimento de pastorais sociais comprometidas com a vida do povo e o surgimento de um trabalho ecumênico com outras Igrejas cristãs.

De 13 a 31 de maio de 2007, em Aparecida (SP) no Brasil, foi realizada a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Novamente os Bispos se sentiram chamados, junto com toda a Igreja, a estimular uma ação

evangelizadora e “fazer de todos os seus membros discípulos e missionários de Cristo, Caminho, Verdade e Vida, para que nossos povos tenham vida nEle.” (CONSELHO, 2007, p. 9). Os mesmos rostos de Medellín e Puebla continuavam a clamar, e àqueles juntaram-se os novos rostos de excluídos que clamam por justiça e por dignidade, vítimas das inúmeras formas de violência, discriminados e tantas outros rostos de pessoas sofredoras que clamam e querem ser ouvidas. Velhas e novas formas de injustiças, discriminação, de intolerância e dos fundamentalismos, sobretudo religiosos, que deixam suas vítimas espalhadas pelo mundo.

Isto deveria nos levar a contemplar os rostos daqueles que sofrem. Entre eles estão as comunidades indígenas e afro-americanas que, em muitas ocasiões, não são tratadas com dignidade e igualdade de condições; muitas mulheres são excluídas, em razão de seu sexo, raça ou situação sócio-econômica; jovens que recebem uma educação de baixa qualidade e não têm oportunidades de progredir em seus estudos nem de entrar no mercado de trabalho para se desenvolver e constituir uma família; muitos pobres, desempregados, migrantes, deslocados, agricultores sem-terra, aqueles que procuram sobreviver na economia informal; meninos e meninas submetidos à prostituição infantil ligada muitas vezes ao turismo sexual; também as crianças vítimas do aborto. Milhões de pessoas e famílias vivem na miséria e inclusive passam fome. Preocupam-nos também os dependentes das drogas, as pessoas com limitações físicas, os portadores e vítimas de enfermidades graves como a malária, a tuberculose e HIV – AIDS, que sofrem a solidão e se veem excluídos da convivência familiar e social. Não nos esqueçamos também dos sequestrados e aqueles que são vítimas da violência, do terrorismo, de conflitos armados e da insegurança na cidade. Também os anciãos que, além de se sentirem excluídos do sistema produtivo, veem-se muitas vezes recusados por sua família como pessoas incômodas e inúteis. Sentimos as dores, enfim, da situação desumana em que vive a grande maioria dos presos, que também necessitam de nossa presença solidária e de nossa ajuda fraterna. Uma globalização sem solidariedade afeta negativamente os setores mais pobres. Já não se trata simplesmente do fenômeno da exploração e opressão, mas de algo novo: da exclusão social. Com ela o pertencimento à sociedade na qual se vive fica afetado, pois já não se está abaixo, na periferia ou sem poder, mas se está de fora. Os excluídos não são somente ‘explorados’, mas ‘supérfluos’ e ‘descartáveis’. (CONSELHO, 2007, p. 39).

Em Aparecida, os Bispos ouviram este clamor, refletiram à luz da Palavra de Deus, da mensagem de Jesus Cristo e da Doutrina Social da Igreja, buscando as respostas que deveriam ser dadas e a insistência no discípulo missionário como missão de toda a Igreja para ir ao encontro ao povo. No Documento aparece várias vezes a expressão “presença”. São os novos lugares teológicos onde a Igreja deve estar; são os novos rostos aos quais é preciso dar atenção, ouvir sua voz, entender suas necessidades, manifestar a misericórdia.

Todos os batizados são chamados a 'recomeçar a partir de Cristo', a reconhecer e seguir sua Presença com a mesma realidade e novidade, o mesmo poder de afeto, persuasão e esperança, que teve seu encontro com os primeiros discípulos nas margens do Jordão, há 2000 anos, e com os 'João Diego' do Novo Mundo. Só graças a esse encontro e seguimento, que se converte em familiaridade e comunhão, transbordante de gratidão e alegria, somos resgatados de nossa consciência isolada e saímos para comunicar a todos a vida verdadeira, a felicidade e a esperança que nos tem sido dada a experimentar e nos alegrar. (CONSELHO, 2007, p. 244).

Diante dos novos desafios pastorais, cujos clamores foram ouvidos, os Bispos sentiram a necessidade de “aprofundar a presença pastoral nas populações mais frágeis e ameaçadas pelo desenvolvimento predatório, e apoiá-las em seus esforços para conseguir equitativa distribuição da terra, da água e dos espaços urbanos.” (CONSELHO, 2007, p. 213). Manifestam o incentivo aos discípulos e missionários de Jesus Cristo para que, com sua presença ética coerente, continuem semeando os valores evangélicos em situações novas, os chamados “novos areópagos”:

O mundo das comunicações, a construção da paz, o desenvolvimento e a libertação dos povos, sobretudo das minorias, a promoção da mulher e das crianças, a ecologia e a proteção da natureza. E “o vastíssimo areópago da cultura, da experimentação científica, das relações internacionais”.²⁷³ Evangelizar a cultura, longe de abandonar a opção preferencial pelos pobres e pelo compromisso com a realidade, nasce do amor apaixonado por Cristo, que acompanha o Povo de Deus na missão de inculturar o Evangelho na história, ardente e infatigável em sua caridade samaritana. (CONSELHO, 2007, p. 221).

4.3 O PAPA FRANCISCO

No dia 13 de março de 2013, a Igreja e o mundo viram o surgimento de um Papa sorridente e que falava a linguagem do povo. Papa Francisco, desde o início do seu pontificado preocupou-se em ir ao encontro do povo, seja em suas viagens, seus discursos, seus escritos e seus gestos proféticos.

É o Papa que veio ao encontro dos jovens na Jornada Mundial da Juventude no Rio de Janeiro, que foi visitar os presos na prisão, que foi ao encontro dos migrantes refugiados, que foi a Auschwitz onde ocorreu o holocausto, que foi visitar a sinagogas dos judeus, a mesquita dos muçulmanos, acolheu luteranos, anglicanos, valdenses e tantos líderes de outras denominações religiosas, que ao passar diante da Igreja na favela do Rio de Janeiro parou, desceu, entrou na Igreja e foi rezar com o pastor, é o Papa que dialoga com as autoridades e clama em favor dos pobres e refugiados e pede o cuidado com a Criação.

Diante da realidade deste mundo de sofredores e excluídos, o Papa Francisco insiste que a Igreja deve mostrar ao mundo o rosto de um Deus misericordioso e, por isso, convocou um Jubileu da Misericórdia (de 08/12/2015 a 08/12/2016): “Jesus é o rosto da misericórdia do Pai” (FRANCISCO, 2015, p. 3). Na Bula de proclamação do Jubileu, o Papa Francisco escreve:

Misericórdia: é a palavra que revela o mistério da Santíssima Trindade. Misericórdia: é o ato último e supremo pelo qual Deus vem ao nosso encontro. Misericórdia: é a lei fundamental que mora no coração de cada pessoa, quando vê com olhos sinceros o irmão que encontra no caminho da vida. Misericórdia: é o caminho que une Deus e o homem, porque nos abre o coração à esperança de sermos amados para sempre, apesar da limitação do nosso pecado. (FRANCISCO, 2015, p. 3-4).

Aos novos Bispos, em 17 de setembro de 2016, o Papa recordou a importância do chamado que cada um recebeu e os desafios que os esperam em sua nova missão, por isso, advertiu:

Eu sei que ainda um calafrio atravessa vocês quando pensam no seu chamado que veio na voz da Igreja, Sua Esposa. Vocês não são os primeiros a sentirem essa emoção. Aconteceu também com Moisés, que acreditava estar sozinho no deserto e se descobriu, ao invés, encontrado e atraído por Deus que lhe confiou o seu Nome, não para ele, mas para o seu povo. Hoje continua a subir a Deus o grito de dor do seu povo, e saibam que desta vez é o nome de vocês que o Pai quis pronunciar. (FRANCISCO, 2016).

Na homilia do dia 16 de setembro de 2014, o Papa refletiu sobre a visita de Deus na vida dos cristãos. É com o seu testemunho que o cristão deve mostrar aos outros as mesmas atitudes de Deus que visita o seu povo: a proximidade, a compaixão e a capacidade de restituir a esperança. “Deus visitou o seu povo” é uma expressão que se repete na Escritura, frisou o Papa, relacionando a visita com o episódio evangélico da ressurreição do filho da viúva de Naim (Lc 7,11-17). São palavras que têm um sentido especial, diferente de expressões como “Deus falou ao seu povo” ou “Deus entregou os mandamentos ao seu povo”, ou ainda “Deus enviou um profeta ao seu povo”. Na afirmação “Deus visitou o seu povo”, Francisco vê que há algo mais, uma novidade, citando os exemplos de figuras da Bíblia como Noemi e Isabel. Portanto, quando Deus visita o seu povo, quer dizer que a sua presença está especialmente ali. Deus visita antes de tudo com a sua presença e proximidade. Jesus foi até Naim, estava próximo das pessoas: um Deus próximo que consegue entender o coração do seu povo. Assim sendo, “Deus visita o seu povo”, está “no meio do seu

povo, aproximando-se”. A proximidade é a modalidade de Deus. Outra expressão que se repete na Bíblia, observou Francisco, é: “O Senhor foi tomado por uma grande compaixão”. Proximidade e compaixão: assim o Senhor visita o seu povo. Com isso, o morto sentou-se e começou a falar, e Jesus restituiu-o a sua mãe. Quando Deus visita o seu povo, restitui também a esperança. Sempre! E concluiu, pedindo “a graça de que o nosso testemunho de cristãos seja portador da visita de Deus ao seu povo, isto é, de proximidade que semeia a esperança.” (FRANCISCO, 2014).

Este é o sonho do Papa Francisco: uma Igreja em saída, que vai visitar seu povo onde quer que se encontre. Uma Igreja compassiva, que possa se aproximar e ir ao encontro do povo.

Saiamos, saiamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo! Repito aqui, para toda a Igreja, aquilo que muitas vezes disse aos sacerdotes e aos leigos de Buenos Aires: prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa num emaranhado de obsessões e procedimentos. Se alguma coisa nos deve santamente inquietar e preocupar a nossa consciência é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida. Mais do que o temor de falhar, espero que nos mova o medo de nos encerrarmos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos transformam em juízes implacáveis, nos hábitos em que nos sentimos tranquilos, enquanto lá fora há uma multidão faminta e Jesus repete-nos sem cessar: “Dai-lhes vós mesmos de comer” (Mc 6,37). (FRANCISCO, 2013, p. 41-42).

4.4 NA IGREJA DO BRASIL

Em sintonia com as mudanças promovidas pelo Concílio Vaticano II e com as propostas das Conferências Episcopais latino-americanas, a Igreja do Brasil procurou atualizar-se e ir ao encontro do povo e das suas realidades. Isso pode ser verificado nos planos pastorais e mais concretamente nas Diretrizes Gerais que são elaboradas pela CNBB de quatro em quatro anos. “Assim, a Igreja se faz presente nas diversas realidades, vai ao encontro dos afastados, promove novas lideranças, e a iniciação à vida cristã acontece no ambiente em que as pessoas vivem.” (CONFERÊNCIA..., 2010, p. 55).

O Plano vigente propõe uma “Igreja: comunidade de Comunidades”. Estas comunidades “haverão de se tornar mais próximas das pessoas sendo âmbitos de viva comunhão, participação e missão.” (CONFERÊNCIA, 2014, p. 41).

É comunidade de comunidades porque se abre em seus diversos organismos, grupos e setores não como divisão, mas como forma de se desdobrar para atingir mais e mais pessoas, propiciando espaços onde cada um possa ser reconhecido e valorizado na sua individualidade, sem perder a sua unidade enquanto comunidade. Com isso, ela estará propiciando também a vida plena, pois conhecerá os desafios que precisam da sua resposta enquanto Igreja. (PEREIRA, 2014, p. 9).

Mais concretamente a Igreja se faz presente e visita, através das Pastorais, como será apresentado a seguir indicando algumas situações.

4.4.1 Pastoral da Visitação

O objetivo da Pastoral da Visitação é colocar a paróquia em estado permanente de missão e não apenas esporádico. Sendo algo permanente e contínuo através dos agentes de pastoral vai até as pessoas, e não apenas espera que as pessoas venham a ela. Quando isso acontece as pessoas continuarão indo à Igreja porque se sentirão lembradas, acolhidas e amadas. É uma doação recíproca. (PEREIRA, 2014, p. 7-8).

O modelo a ser seguido é de Jesus, o bom pastor que dá a vida pelas ovelhas (Jo 10,11). No seu discurso na casa de Cornélio, o apóstolo Pedro recorda que Jesus “passou fazendo o bem.” (At 10,38). O seguimento de Jesus se dá repetindo a sua prática. A visita às pessoas em situações difíceis e vulneráveis demonstra o verdadeiro exercício da prática cristã que liga a teoria com a prática.

A Pastoral é ação do Pastor, que é toda a liderança que tem a responsabilidade de cuidar de alguém. Na Igreja Católica esta tarefa não é só dos bispos, dos padres ou religiosos consagrados, mas de todos os agentes de pastoral. É missão de todos aqueles que assumem a coordenação ou a participação e que passa a ter responsabilidade na pastoral. “A pastoral da visita nasce da necessidade de bons pastores, daqueles que deixam no redil as noventa e nove ovelhas que estão seguras e vão ao encontro daquela que se perdeu ou se desgarrou do rebanho.” (PEREIRA, 2014, p. 13).

Em alguns lugares, tanto na Igreja Católica como em Igrejas e denominações cristãs, este serviço pode também ser chamado de ministério. O que importa é dar a conotação de saída, visita, encontro, ir em busca que caracteriza a ação do pastor. O objetivo da pastoral da visita é “ir ao encontro das pessoas, como pediu Jesus aos seus discípulos, ir aos lugares onde ele mesmo devia ir (Lc 10,1) e lá anunciar a

Palavra de Deus, com todo o significado que essa expressão contém.” (PEREIRA, 2014, p. 13).

Serão elencadas, a seguir, algumas das principais pastorais da Igreja Católica e o trabalho pastoral de visitação.

4.4.1.1 Visita aos doentes

As pessoas doentes na Bíblia mereceram a atenção e o cuidado. O doente é um sofredor que clama, que pede ajuda e que se defronta diante dos limites da vida e, não raro, a doença aponta para o risco de morte. Por isso, a pessoa doente clama, implora, pede ajuda e socorro a Deus. Podemos ver isso em muitos Salmos (Sl 30, 38, 41 etc.). No Novo Testamento, Jesus teve uma atenção especial com as pessoas doentes e a maior parte dos milagres foram para beneficiar pessoas com enfermidades, sejam elas corporais ou psicopatológicas (muitas delas, por não se conhecer a causa, eram atribuídas ao demônio). Um fato narrado pelos três evangelistas é que Jesus foi visitar a sogra de Simão Pedro que estava enferma (Mc 1,29-31; Mt 8,14-15; Lc 4,38-39).

A Pastoral da Visitação tem os doentes entre aqueles que merecem o seu cuidado e atenção. A pessoa doente deve ser vista como um todo. “É preciso chegar à ‘pessoa’, às referências criadas pela situação de doença, aos sentimentos que a anima, aos segredos que a atormentam, à solidão que a tortura.” (CASERA, 1999, p. 1382). Estas pessoas têm nome, têm uma história, são seres humanos vivos que sentem de maneira dolorosa os sofrimentos do corpo e da alma e o peso da doença que atormenta suas vidas. O doente, com frequência, tende a sentir-se um objeto, coisa, caso clínico, número, pois é assim que tantas vezes é tratado.

Não é tarefa do agente de pastoral realizar a cura da pessoa doente. Isso compete aos médicos e especialistas. A tarefa do agente é sentir-se perto, demonstrar solidariedade, saber escutar: “quando nota que deseja falar, escutar as suas histórias e as suas razões. Iniciar o diálogo com o enfermo não significa fazer o desabafo de conhecimentos ou de cultura, nem fornecer informações sobre a vida ou sobre Deus.” (CASERA, 1999, p. 1382).

O agente de pastoral pode manifestar a sua fé religiosa, porém, não deve querer impô-la ao doente, respeitando as suas convicções, não indagar sobre seu estado religioso. A fé e as práticas espirituais que se seguem devem levar a pessoa

doente a sentir-se amada e protegida por Deus, e deste encontro receber forças necessárias para superação ou uma mais segura convivência que a doença que porta naquele instante.

É louvável que se leve os doentes a orar, seja individualmente ou com os seus familiares e amigos. Uma oração baseada sobretudo na Palavra de Deus, onde os doentes possam refletir sobre o mistério do sofrimento humano à luz de Jesus Cristo e do seu Evangelho. Os doentes devem deixar-se guiar à luz da fé para unir-se ao Cristo sofredor, santificando com a sua oração a própria enfermidade e atingindo com a oração a força necessária para suportar os seus males e poder carregar a sua cruz. (MISTRORIGO, 1977, p. 1684).

Se for da vontade da pessoa doente, o agente pode ser intermediário para uma visita do sacerdote (quando católico) ou do pastor (Igrejas Protestantes e Evangélicas), que, neste caso, deve saber agir com compreensão, tendo como princípio a misericórdia divina. “Alguém dentre vós está doente? Mande chamar os presbíteros da Igreja para que orem sobre ele, unguendo-o com óleo em nome do Senhor.” (Tg 5,14).

O agente da pastoral da visitação deve estabelecer um clima de confiança com a pessoa doente. Quando isso ocorre o paciente é compreendido, sente-se seguro, confia, conta a sua história marcada por experiências dolorosas, situações familiares e se liberta. Usando a sensibilidade diante do sofrimento encontra-se “a entonação justa, a palavra certa na hora certa, o suporte de ajuda. Quanto mais benéfico e produtivo for o relacionamento entre o agente de pastoral e o paciente, mais se desenvolve a experiência do ‘nós’.” (CASERA, 1999, p. 1384).

A assistência espiritual deve ser prestada também à família da pessoa doente, sobretudo quando é solicitada pelo próprio enfermo. E também a assistência espiritual não termina com a morte do paciente. O rito fúnebre deve ser celebrado com dignidade e respeito, ajudando os familiares a viverem o período do luto. (CASERA, 1999, p. 1384).

No dia do juízo o Senhor nos dirá: “Estive doente e me visitastes” (Mt 25,36b). Na dor e no sofrimento é o próprio Senhor que se faz presente. A visita ao doente torna-se, portanto, a visita ao próprio Jesus Cristo.

4.4.1.2 Visita por ocasião de perda de entes queridos

O problema da morte sempre “incomodou” o ser humano e é evidente que está presente na Bíblia. Adão e Eva queriam comer do fruto da árvore da vida, para não morrerem (Gn 3,1-7). Quando Sara morreu, “Abraão veio cumprir o luto por Sara e chorá-la” (Gn 23,2). Da mesma maneira quando Raquel morre, Jacó a enterra no caminho de Éfrata – que é Belém. “Jacó erigiu uma estela sobre o seu túmulo; é a estela do túmulo de Raquel, que existe até hoje” (Gn 35,20). Davi chorou e jejuou pela morte de Saul e Jônatas, seu filho (2Sm 1,8-11). O próprio Deus sente pela morte: “É custosa aos olhos do Senhor a morte dos seus fiéis” (Sl 116,15). O Evangelho de Mateus, por ocasião da morte dos inocentes, recorda “o choro de Raquel por seus filhos e que não quer ser consolada porque já não existem mais” (Mt 2,17-18).

Jesus se defrontou diante de pessoas que sofriam diante da morte de alguém querido. Ele deslocou-se de Cafarnaum até Naim (cerca de quarenta quilômetros) para ir ao encontro da mãe viúva que havia perdido o seu único filho (Lc 7,11-17). Em outra ocasião, Jesus estava do outro do Jordão e soube da morte do amigo Lázaro. Então partiu e foi para Betânia consolar as duas irmãs enlutadas Marta e Maria (Jo 11,1-8). Ao chegar lá, “Jesus chorou” (Jo 11,35) diante do amigo morto. Só para citar alguns casos, por isso na Bíblia o luto e a morte estão muito presentes e são tratados com muito sentimento e respeito.

A morte causa perda, dor, sofrimento, cria o vazio. O momento da morte de uma pessoa querida é sempre difícil. A dor da perda, o vazio que fica, as dificuldades que surgem. A morte não escolhe dia, situação e lugar.

A Carta de Tiago afirma que: “Religião pura e verdadeira diante de Deus, nosso Pai, consiste nisso: visitar os órfãos e viúvas em suas tribulações” (Tg 1,27a).

4.4.1.3 Visita às pessoas idosas (Terceira idade)

Cresce muito o número das pessoas idosas, bem como o seu abandono. Junto com as crianças são os anciãos que constroem o futuro dos povos. “Os anciãos transmitem a experiência e sabedoria de suas vidas” (CONSELHO, 2007, p. 201). As pessoas idosas não sentem só a exclusão por causa da sua idade: muitas delas também são doentes, pobres, abandonadas pelos próprios filhos que geraram.

A Pastoral da Pessoa Idosa nasceu da sugestão da Dra. Zilda Arns, que se ocupava justamente das crianças, o outro extremo da vida. Segundo ela:

Muitos líderes idosos da Pastoral da Criança me pedem orientações para seus problemas de pressão alta, urina solta, insônia e outros. Quando eu visito as comunidades com a Pastoral da Criança, ouço as líderes dizerem que ao visitar as famílias, além de gestantes e crianças, também encontram pessoas idosas; e estas líderes gostariam de saber orientar também sobre questões de envelhecimento, porém, não conhecem esta área. (ARNS, 2016).

As pessoas idosas merecem o respeito e serem tratadas com dignidade, pois muitas delas “gastaram a vida pelo bem de sua família e da comunidade. [...] a sociedade não pode considerá-los como peso ou carga.” (CONSELHO, 2007, p. 202).

A Igreja manifesta o seu compromisso com as pessoas idosas procurando dar atenção humana integral e ajudá-las a viver o seguimento de Cristo nesta fase da vida. Por isso “enquanto agradece o trabalho que já vem realizando religiosas, religiosos e voluntários, a Igreja quer renovar suas estruturas pastorais e preparar ainda mais agentes, a fim de ampliar esse valioso serviço de amor.” (CONSELHO, 2007, p. 202).

4.4.1.4 Visita missionária nas casas

A base onde se fundamenta a visitação está no próprio agir divino. Ele revela-se como um Deus que acolhe e que visita. O Filho se encarnou, habitou em nosso chão (Jo 1,14), tornou-se a visita por excelência. Ele veio nos visitar como parte da revelação do amor do Pai. Neste sentido a Igreja, por sua vez, deverá ser uma Igreja missionária, visitadora e acolhedora.

O ser humano é um ser em relacionamento: consigo mesmo, com os outros e com Deus, por isso forma comunidades. Deus, ao dar-se a conhecer, revela-se como Deus trinitário, uma comunidade de amor. L. Boff deu a um de seus livros um título sugestivo: “A Santíssima Trindade é a melhor comunidade” e afirma que: “A teologia da Trindade deve colocar as representações eficazes para que Deus seja Deus, e que os seres ameaçados, os excluídos, recuperem sua dignidade.” (BOFF, 1988, p. 151).

Jesus visitava pessoas, casas, aldeias e cidades. Não se importava com a situação da pessoa que podia ser: uma mulher doente (Mc 1,29), um cobrador de impostos como Levi/Mateus (Mc 2,15), um estrangeiro (Lc 7,1-10), uma viúva de Naim

que estava enterrando seu filho único (Lc 7,13), um fariseu (Lc 7,36), seus amigos: Marta, Maria e Lázaro (Lc 10,38), um publicano e pecador como Zaqueu (Lc 19,5). Jesus ia visitar cidades e povoados pregando e anunciado a boa nova do Reino de Deus (Lc 8,1), saiu da sua terra e foi para a região de Tiro e Sidônia, atravessando a região da Decápole (Mc 7,24.31). Não se importou em passar pela cidade da Samaria, mal vista pelos judeus, onde permaneceu dois dias (Jo 4,1-9.40).

Da mesma forma, Jesus enviou seus discípulos a irem em missão, levar a paz às casas, cuidar dos doentes e levar a boa notícia do Reino (Lc 10,1-16).

A visita às famílias, em suas casas, é um caminho a ser trilhado, pela Igreja em saída, como pede o Papa Francisco. A Pastoral da Visitação deve ser:

Um sinal vivo do amor e da misericórdia de Deus que caminha ao encontro das pessoas. O aspecto fundamental é que se vai ao encontro das pessoas em nome da Comunidade de fé, em nome da Igreja, por isso, é Pastoral da Visitação. Há necessidade de conversão no sentido de ser uma Igreja Missionária, superando a "preguiça pastoral ou estruturas caducas" que não respondem mais aos apelos da humanidade. Visita é a atitude do Pastor que se coloca no caminho das ovelhas, e se necessário, vai em busca da "ovelha perdida". Neste caminho, todos somos responsáveis. (DIOCESE..., 2016).

4.4.1.5 Visita aos presos

Jesus nos disse: "Estive preso e viestes ver-me" (Mt 25,36c). O Apóstolo Paulo esteve preso por várias vezes (2Cor 11,23) e junto com ele estavam seus companheiros missionários (Cl 4,10-14; 2Tm 4,9-22; Fm 23-24). A Carta aos Hebreus, por sua vez, recomenda aos fiéis: "Lembra-vos dos prisioneiros, como se vós fôsseis prisioneiros com eles, e dos que são maltratados, pois também vós tendes um corpo" (Hb 13,3).

A realidade das prisões hoje é dramática. Muitas das pessoas que estão presas são vítimas do clima de violência, do tráfico de drogas, do comércio de armas, da pobreza e da marginalização de grande parte da população.

A pessoa presa sente o isolamento, o abandono, o desprezo. Além disso, devemos levar em conta a precária situação das penitenciárias brasileiras com aglomeração de pessoas, torturas, ausência de programas de reabilitação, crime organizado que impede um processo de reeducação e de inserção na vida produtiva da sociedade. No momento atual, lamentavelmente, os cárceres são com frequência escolas para aprender a delinquir. (CONSELHO, 2007, p. 190).

A presença da Igreja Católica nas prisões é feita pela Pastoral Carcerária através dos capelães e voluntários com a tarefa de ser uma visita solidária a quem sofre a exclusão, ao mesmo tempo procurando realizar o trabalho de evangelização e promoção humana, além do trabalho em favor dos direitos humanos e um trabalho próximo aos seus familiares.

Por ocasião da visita aos presídios da sua Diocese, o Bispo de Lins (SP), Dom Francisco Carlos da Silva, declarou: “Em meio a todas as situações, muitas vezes difíceis e desafiadoras que vivemos não podemos nunca esquecer de que Deus nos ama e não nos abandonou. Podemos olhar o futuro com esperança.” (SILVA, 2016).

O objetivo das visitas propostas pela Pastoral Carcerária é favorecer aos presos uma oportunidade de experimentar a graça proposta pelo Jubileu da Misericórdia para a Igreja no mundo.

A misericórdia de Deus é capaz de reerguer do chão as pessoas que estão nas misérias das prisões. As visitas às prisões têm o objetivo de levar a misericórdia de Deus a todos os detentos.

4.4.1.6 Constatações

A ação pastoral de visita às pessoas em situações mais vulneráveis é própria de uma Igreja que busca ser fiel ao Evangelho de Jesus Cristo. Ao anunciar seu programa, na sinagoga de Nazaré, Jesus elencou quais seriam os beneficiários privilegiados do Reino: os pobres, oprimidos, doentes, presos (Lc 4,16-121). Ele mesmo nos dirá no Julgamento: “foi a mim que o fizestes” (Mt 25,40).

Acima foram elencadas algumas das realidades mais urgentes que esperam e necessitam da visita. Esta lista, entretanto, é bem maior. Em nossas realidades estão tantos outros segmentos de pessoas que clamam, vítimas da exclusão provocada pelo mundo moderno: dependentes de drogas (e suas famílias), alcoólatras e também suas famílias, menores abandonados, pessoas que vivem nas ruas, famílias de sem-terra e sem-teto, populações indígenas e quilombolas, pessoas que sofrem de stress e depressão, os desempregados, mulheres vítimas da violência doméstica e abusos sexuais, as vítimas das catástrofes da natureza, como enchentes, secas etc. Enfim, a lista é longa. Em cada lugar e em cada realidade diferente, o clamor do povo de Deus deve ser ouvido.

4.5 Visitação e reciprocidade: espiritualidade e graça de Deus

Na Bíblia, tantas vezes, a relação do divino com os seres humanos é indicada com características das relações humanas. É o caso da Aliança (Gn 17,9-14), o diálogo entre Deus e Moisés (Ex 33,11), a experiência do Profeta Oséias (Os 1-3), a Encarnação (Jo 1,14), a *Shekinah* de Deus em meio a nós etc. É possível aqui perceber a benção descendente do agir divino e a benção ascendente do reconhecimento humano da sua presença. A visita põe a questão de um voltar-se que encontra outros personagens, rostos. É disso que Lucas nos fala nas narrações da visita de Deus ao seu povo, de pessoas que experimentam o movimento de voltar-se um para o outro e acolher-se. Esta relação possui o eixo vertical (teológico) do “visitar” e o eixo horizontal (antropológico) que acolhe. De um lado há a gratuidade divina agindo por sua própria decisão, do outro o ser humano que livremente pode abrir-se ou fechar-se a graça de Deus, mas ambos, porém, são seres relacionais.

Os seres humanos e também Deus, são feitos para visitar e acolher, guiados de uma sabedoria relacional, hoje mais do que nunca necessária, que ensina a reconhecer Deus, para além dos ídolos e rostos de mulheres e de homens, além de sua instrumentalidade. (MAGGI, 2015, p. 115).

A visita é uma relação muito humana. Visitam-se os parentes mais próximos. Visitam-se os amigos queridos. Visitam-se os compadres e as comadres. Visitam-se os lugares onde já se viveu ou aqueles lugares desconhecidos e que se quer conhecer. Visita-se para fazer o bem e levar alguma boa notícia, um presente ou um benefício às pessoas que se quer bem ou precisam de ajuda. E também se visita depois para retribuir a visita recebida.

Nas duas primeiras partes da Dissertação foram analisadas as visitas de Deus ao seu povo (AT e NT) e, em seguida, a visita que os cristãos como Igreja devem fazer às pessoas necessitadas, seja através da Pastoral da Visitação ou de outras formas.

Todavia, há um aspecto que ainda não foi abordado, que é a reciprocidade das visitas humanas na relação com Deus. Embora Deus possa ser encontrado em todos os lugares e situações (Sl 139), os seres humanos desde há muito tempo vão em busca de santuários e lugares sagrados onde possam encontrar e visitar seu Deus. É bom sentir a presença daquele que visita e quer ser presença no meio do seu povo, como fez em toda a história da salvação. Homens e mulheres de todos os tempos

almejavam encontrar a Deus, e quanto mais se envolveram nessas visitas, mais sentiram-se amados e amadas por Aquele que os visitou.

Na Bíblia nós encontramos Abraão que foi a Mambré (Gn 14,13; 18,1); Jacó que fez a experiência em Betel (Gn 28,10-22); Moisés que subiu à montanha do Horeb/Sinai (Ex 3,1-12; 19,3) etc. O povo de Deus sentia-se alegre e feliz quando ia visitar seu Deus: “Que alegria quando ouvi que me disseram: vamos à casa do Senhor!” (Sl 122,1). Mesmo Jesus, tantas vezes, ia aos desertos ou subia às montanhas para orar e se encontrar com Deus (Mc 1,35; 3,13; Lc 3,21; 6,12; 9,28; 11,1; 22,41; etc.).

A história da salvação relata esta cumplicidade entre quem visita e quem é visitado. Segundo Ravasi (2017):

A história, então, para a Bíblia, torna-se a sede das epifanias divinas. Não é por nada que o chamado “Credo histórico” de Israel é totalmente ritmado não sobre definições abstratas e “teológicas” de Deus, mas sobre as Suas ações experimentáveis nas vicissitudes do povo hebreu: o chamado dos Patriarcas, a libertação no êxodo da escravidão faraônica, o dom da terra prometida (leiam-se, por exemplo, o Salmo 136 ou Josué 24). Como intuiu Chagall nas suas pinturas, pode-se cruzar com Deus logo depois de dobrar a esquina de casa, dentro do modesto vilarejo judeu; os anjos entram e saem das chaminés das casas, e, no amor de um casal, entreveem-se os simbolismos celebrados pelo Cântico dos Cânticos.

O ser humano almeja encontrar e estar com Deus. Interessante notar que no Evangelho de Marcos quando Jesus chama e constitui os Doze (Mc 3,13-19), o faz com três finalidades: para ficar com ele; para anunciar o que ele ensinou e para fazer o bem. Faz bem estar aos pés de Jesus e só quem faz esta experiência pode ir pregar e trabalhar pelo Reino. Quando Jesus foi visitar seus amigos em Betânia, Maria ficou aos pés de Jesus e soube escolher esta que é a melhor parte (Lc 10,38-42). De fato, só se pode amar mais e melhor a Jesus ao permanecer com Ele e deixar que Ele permaneça com quem foi visitado.

Outro lugar privilegiado do encontro com o Senhor é através da sua Palavra, como bem definiu o Profeta Jeremias: “Quando se apresentavam as tuas palavras, eu as devorava: tuas palavras eram para mim contentamento e alegria do meu coração. Pois teu Nome era invocado sobre mim, YHWH, Deus dos Exércitos” (Jr 15,16). Ler a Palavra é estar mais perto, sentir-se em casa, beber na fonte que sacia a sede da água viva.

Quando o povo de Israel fazia as visitas a Deus, Ele não pedia gordas ofertas ou excesso de palavreado. Antes, rejeitava e nem queria vê-las, sobretudo quando estavam carregadas de injustiças (Is 1,10-16; Am 5,21-24; Jr 7,1-15). A visita agradável é aquela marcada pela gratuidade, pela simplicidade e pela honestidade de coração, sem segundas intenções.

Um exemplo é o Apóstolo Paulo. É interessante notar como em suas Cartas aparecem, seguidamente, as ações de graças (Rm 1,8; 1Cor 1,4; 2Cor 1,3; Fl 1,3; Cl 1,3; 1Ts 1,2, etc.). Paulo via em tudo, até mesmo em coisas pequenas, a ação gratuita de Deus: “Por tudo, dai graças” (1Ts 5,18). Ele via em si mesmo a ação gratuita de Deus: “Sou o que sou pela graça de Deus” (1Cor 15,10). É possível deduzir que graça (*charis*), para o Apóstolo Paulo, é o próprio Deus, é fonte de bênçãos (Ef 1,3-14). Deus derrama sua graça gratuitamente, como é a sua salvação, e espera a retribuição com a gratidão humana (Rm 6,14.15.17; 2Cor 9,14.15; Cl 3,16-17). A manifestação generosa da graça divina também espera como resposta uma atitude cheia de graça da parte humana em direção a Deus.

O povo de Deus, em sua devoção popular, reconhece os benefícios das “visitas” de Deus que podem ser percebidas no dia a dia, nos fatos que acontecem e nas bênçãos que recebem. A retribuição espontânea se expressa gratuitamente através da famosa expressão: “Graças a Deus!”. Há uma cumplicidade entre este dar e receber; entre a graça que vem e o render graças que retorna!

5 CONCLUSÃO

Nesta pesquisa verificamos que o estudo do verbo hebraico *paqad* e o sentido que o Antigo Testamento lhe dá é o de caracterizar as visitas que Deus faz ao seu povo com caráter salvífico. Estas visitas revelam o modo de agir de Deus que escuta as dores e os clamores do seu povo e vem ao seu encontro com ações que beneficiam, salvam, restauram e trazem boas notícias. Desta forma, é possível constatar que o emprego do verbo *paqad* perpassa todas as etapas do Antigo Testamento.

Pode-se perceber também que, em alguns casos, a visita de Deus apresenta características de juízo e punição, como, por exemplo, naquelas destinadas aos chefes e líderes que desviam o povo do projeto de Deus e que não agem com cuidado, como o pastor que devia zelar pelas ovelhas do rebanho. O mesmo acontece para os casos em que Deus visita nações estrangeiras dominadoras.

As visitas salvíficas de Deus não se dão por meio de fatos, mas em ações concretas, por vezes até pequenas, que transformam a vida das pessoas beneficiadas. Isso pode ser verificado onde elas acontecem, como o nascimento de uma criança, a libertação do povo da escravidão, o pão que alimenta, a ação profética ou a restauração após uma catástrofe, sinais da presença de Deus no meio do seu povo.

Deus age em vista da salvação e da restauração e traz motivo de felicidade para o seu povo que agradece e reconhece a sua presença ao seu lado na sua caminhada. A visita de Deus pode também adquirir o sentido do cuidado, da cura, da proteção, da confiança diante do abandono e do refúgio confortável ou, então, para trazer os benefícios para a terra, tornando-a fecunda e restaurando os estragos feitos pelos inimigos devastadores.

No Novo Testamento, o verbo que corresponde a *paqad* e o traduz é *episkeptomai*, usado na LXX para se referir à visita divina ou fatos semelhantes. O verbo *episkeptomai* é pouco usado na literatura do Novo Testamento, porém, em sua obra, Lucas é o autor que mais o utiliza para se referir ao tema da visita de Deus. O Cântico do *Benedictus* celebra a história passada, sobretudo recordando o Êxodo, e atualizando as visitas de Deus para os novos fatos salvíficos que estão acontecendo. No Filho que se encarnou no meio de nós (Jo 1,14), temos a visita de Deus por excelência.

É no agir de Jesus, através dos seus ensinamentos e da sua prática, que o povo de Deus reconhece a visita de Deus. Jesus se compadece, age com misericórdia, acolhe as pessoas que vão ao seu encontro; Ele mesmo vai ao encontro das pessoas necessitadas, faz o bem, restaura a vida ameaçada pela doença, pelas situações que excluem as pessoas ou diante das ameaças causadas pela morte. Em Naim encontramos a melhor resposta de como o povo de Deus soube reconhecer as atividades de Jesus em favor do seu povo: “Um grande profeta surgiu entre nós e Deus visitou o seu povo” (Lc 7,16).

A visita de Jesus à cidade santa, Jerusalém, poderia ser esperada como uma visita de punição e de juízo diante da situação em que se encontrava o Templo. No entanto, da mesma forma como Jesus se compadece das misérias e sofrimentos do povo, ele também se compadece diante da cidade que deveria ser o centro da salvação do povo. Jesus chora e profetiza sobre a cidade que não reconheceu o dia em que foi visitada (Lc 19,41-44).

Por fim, no terceiro capítulo, a visita de Deus ao seu povo foi atualizada para a nossa realidade. A Igreja, nas suas diferentes denominações, tem a missão de continuar ouvindo o clamor do povo sofredor e agir em seu benefício através de ações de misericórdia, de caridade e de solidariedade.

A Igreja Católica, depois do Concílio Vaticano II, e com as Conferências Episcopais no Continente latino-americano, procurou manter a sua presença e atualizar a sua ação pastoral, estando mais presente na vida do povo. A Pastoral da Visitação é uma forma de levar os pastores (bispos), sacerdotes, ministros e todos os fiéis a assumirem o compromisso de ser testemunho junto às pessoas mais necessitadas.

A atuação junto aos doentes, presidiários, pessoas idosas, enlutadas ou as visitas missionárias de evangelização, entre outras, é, hoje, uma das formas de atualizar o Evangelho, de seguir o que foi ensinado por Jesus e, principalmente, de ser sinal e testemunho da visita de Deus ao seu povo.

REFERÊNCIAS

- ALETTI, J. N. **Il Gesù di Luca**. Bologna: EDB, 2012.
- ARANA, A. I. **Para compreender o Livro do Gênesis**. São Paulo: Paulinas, 2003.
- ARNS. Z. **Histórico da Pastoral da Pessoa Idosa**. Disponível em: <<http://www.pastoraldapessoaidosa.org.br/index.php/features-mainmenu-27>>. Acesso em: 10 out. 2016.
- BAUER, J. B. **Dicionário de Teologia Bíblica**. São Paulo: Loyola, 1973. V. 2.
- BEYER, H. W. ἐπισκέπτομαι, ἐπισκοπέω. In: KITTEL, G. (Ed.). **Grande lessico del Nuovo Testamento**. Brescia: Paideia, 1979.
- BIBLE Works. Versão 7.0. Norfolk: Bible Works LLC, 2007.
- BÍBLIA Sagrada: tradução da CNBB com introdução e notas. 12. ed. Brasília: CNBB, 2012.
- BÍBLIA. Português. **Almeida revista e atualizada**. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2004.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia do Peregrino**. São Paulo: Paulus, 2002.
- BÍBLIA. Português. **Nova Bíblia dos Capuchinhos**. Lisboa: Difusora Bíblica, 1998.
- BÍBLIA. Português. **Tradução Ecumênica (TEB)**. São Paulo: Loyola, 1994.
- BOFF, L. **A Santíssima Trindade é a melhor comunidade**. Petrópolis: Vozes, 1988.
- BONNEAU, G. **Profetismo e instituição no cristianismo primitivo**. São Paulo: Paulinas, 2003.
- BORGHI, E. **La gioia del perdone**. Lettura esegetico-ermeneutica del Vangelo secondo Luca. Padova: Edizioni Massaggero Padova, 2012.
- BORTOLINI, J. **Conhecer e Rezar os Salmos**. Comentário popular para os nossos dias. São Paulo: Paulus, 2000.
- BOSETTI, E. **Luca: il cammino dell'evangelizzazione**. Bologna: EDB, 1995.
- BOUDT, L. Ezequiel. In: BROWN, R.; FITZMYER, J. A.; MURPHY, R. E. (Orgs.). **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo**. Antigo Testamento. São Paulo: Academia Cristã / Paulus, 2007.

BOVON, F. **El Evangelio según San Lucas I (Lc 1,1–9,50)**. Salamanca: Sígueme, 2005. V. 1.

_____. **El Evangelio según San Lucas (Lc 19,28–924,53)**. Salamanca: Sígueme, 2005. V. 4.

BROWN, R. E. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 2004.

_____. **O nascimento do Messias**. Comentário das narrativas da infância nos Evangelhos de Mateus e Lucas. São Paulo: Paulinas, 2005.

CARTER, W. **O Evangelho de São Mateus**. Comentário sociopolítico e religioso a partir das margens. São Paulo: Paulus, 2002.

CASERA, D. Visita ao doente. In: CAMILLIANUM: INSTITUTO INTERNAZIONALE DI TEOLOGIA PASTORALE SANITARIA. **Dicionário Interdisciplinar da pastoral da Saúde**. São Paulo: Paulus, 1999.

CATENASSI, F. Z. A misericórdia em meio à violência no Israel pós-exílico: Ex 32-34 à luz de Nm 13-14. **Estudos Bíblicos**. v. 33, p. 19-31. Petrópolis, 2016.

CENTRO EVANGELIZZAZIONE E CATECHESI "DON BOSCO". **I quattro vangeli commentati**: strumenti di lavoro per i gruppi biblici e per la preparazione della liturgia. Torino: Elledici, 2002.

GEORGE, A. **Leitura do Evangelho Segundo Lucas**. Santo André: Academia Cristã, 2014.

CERESKO, A. R. **A Sabedoria no Antigo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2004.

CHEAIB, R. **Rahamim. Nelle viscere di Dio**. Briciole di una teologia della misericórdia. Todi: Tau, 2015.

CODY, A. Ageu, Zacarias e Malaquias. In: BROWN, R.; FITZMYER, J. A.; MURPHY, R. E. (Orgs.). **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo**. Antigo Testamento. São Paulo: Academia Cristã, 2007.

COLE, R. A. **Êxodo**. Introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2008.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja do Brasil: 2011-2014**. São Paulo: Paulinas, 2010.

_____. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja do Brasil: 2015-2019**. São Paulo: Paulinas, 2014.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documento de Aparecida. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe**. São Paulo: Paulinas, 2007.

_____. **Evangelização no Presente e no Futuro da América Latina. Conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano.** São Paulo: Paulinas, 1979.

COUTO, A. **Pentateuco. Caminho da Vida Agraciada.** Lisboa: Universidade Católica Editora, 2005.

CRADDOCK, F. B. **Luca.** Torino: Claudiana, 2002.

CRAVEN, T. Ezequiel. In: BERGANT, D.; KARRIS, R. J. **Comentário bíblico.** 3. ed. São Paulo: Loyola, 1999. V. 2.

CROATO, J. S. **Isaías Vol. I: 1-39.** O profeta da justiça e da fidelidade. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1989.

CROCETTI, G. **Josué, Juízes, Rute.** São Paulo: Paulinas, 1985.

DILLON, J. R. Atos dos Apóstolos. In: BROWN, R.; FITZMYER, J. A.; MURPHY, R. E. (Orgs.). **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo.** Novo Testamento e Artigos Sistemáticos. São Paulo: Academia Cristã / Paulus, 2011.

DIOCESE DE PONTA GROSSA. **Pastoral da Acolhida e da Visitação.** Disponível em:

<<http://www.diocesepontagrossa.com.br/index.php?setor=DETALHESPASTORG&pid=107>>. Acesso em: 10 out. 2016.

DUPONT, J. A ressurreição do moço de Naim (Lc 7,11-16). **Revista de Cultura Bíblica,** São Paulo, v. 22, fasc. 85-86, p. 145-149, 1998.

ELLIGER, K.; RUDOLPH, W. (Eds). **Bíblia Hebraica Stuttgartensia.** 5. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

ERNST, J. **Il Vangelo secondo Luca.** Brescia: Morcelliana, 1985.

FABRIS, R. “Visitare gli orfani e le vedove nelle sofferenze è religione pura” (Gc 1,27). In: FILIPPI, A. (Org.). **La visita.** Parola, spirito e vita. Bologna: Centro Editoriale Dehoniano, 2015.

FAUSTI, S. La visita in senso eclesiológico: Dio visita per “scegliere dalle genti un popolo per il suo Nome. In: FILIPPI, A. (Org.). **La visita.** Parola, spirito e vita. Bologna: Centro Editoriale Dehoniano, 2015.

FILIPPI, A. La visita di Dio. In: _____. (Org.). **La visita.** Parola, spirito e vita. Bologna: Centro Editoriale Dehoniano, 2015.

FITZMYER, J. A. **El Evangelio según Lucas.** Vol. I. Madrid: Cristiandad, 1987.

_____. **El Evangelio según Lucas.** Vol. II. Madrid: Cristiandad, 1987.

_____. **El Evangelio según Lucas.** Vol. IV. Madrid: Cristiandad, 2006.

FRANCISCO. **Angelus.** 17 maio 2009. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/angelus/2009/documents/hf_ben-xvi_reg_20090517.html>. Acesso em: 07 nov. 2016.

_____. **Carta Encíclica *Misericordiae Vultus*.** São Paulo: Paulinas, 2015.

_____. **Pescados pelo amor de Deus para guiar o seu povo.** Disponível em: <http://pt.radiovaticana.va/news/2016/09/17/papa_pescados_pelo_amor_de_deus_para_guiar_o_seu_povo/1258757>. Acesso em: 15 out. 2016.

_____. **Quando Deus visita.** 16 set. 2014. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2014/documents/papa-francesco-cotidie_20140916.html>. Acesso em: 15 out. 2016.

FREIRE, C.E. **Devolver el Evangelio a los pobres.** A propósito de Lc 1 – 2. Salamanca: Sigueme, 1978. Biblioteca de Estudios Bíblicos. n.19.

GALVAGNO, G. Un intervento che apre il futuro: la visita di Dio nel Pentateuco. In: FILIPPI, A. (Org.). **La visita.** Parola, spirito e vita. Bologna: Centro Editoriale Dehoniano, 2015.

GIUNTOLI, F. **Genesi 12-50.** Torino: San Paolo, 2013.

GRASSO, S. **Luca.** Roma: Borla, 1999.

HARBARTH, A. **“Gott hat sein volk Heimgesucht”:** Eine form und redaktionsgeschichtliche untersuchung zu Lk 7,11-17: “Die erweckung des jünglings von Nain”. 1977. 302 p. Tese (Doutorado) Universidade de Fribourg, Fribourg, 1977.

HARRIS, L. R.; ARCHER, G. L.; WALTKE, B. K. **Dicionário internacional de Teologia do Antigo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 1998.

JENSEN, J.; IRWIN, W. H. Isaías 1-39. In: BROWN, R.; FITZMYER, J. A.; MURPHY, R. E. (Orgs.). **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo.** Antigo Testamento. São Paulo: Academia Cristã, 2007.

JEREMIAS, J. **Jerusalém no tempo de Jesus.** São Paulo: Paulus, 2005.

_____. **Teología del Nuevo Testamento.** Vol. I. Salamanca: Sígueme, 1974.

JUST JR, A. A. **La Biblia Comentada por los Padres da Iglesia.** Evangelio Según San Lucas. Ciudad Nueva: Madrid, 2006.

KARRIS, R. J. O Evangelho Segundo Lucas. In: BROWN, R.; FITZMYER, J. A.; MURPHY, R. E. (Orgs.). **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo.** Novo Testamento e Artigos Sistemáticos. São Paulo: Academia Cristã/Paulus, 2011.

KIDNER, D. **Gênesis.** Introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2008a.

_____. **Salmos 1-72.** Introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2008b.

KOLVENBACH, P. H. No oculteis la vida oculta de Cristo. In: DECIR... al 'Indecible'. Estudios sobre los Ejercicios Espirituales de San Ignacio. Mensajero: Sal Terrae, 1999.

KONINGS, J. **Deus visita seu povo.** Disponível em: <<http://www.franciscanos.org.br/?p=110508>>. Acesso em: 16 out. 2016.

KÖSTER, H. σπλαγχνον. In: KITTEL, G. (Ed.) **Grande lessico del Nuovo Testamento.** Brescia: Paideia, 1963-1988.

LÄPPLE, Alfred. **A mensagem dos Evangelhos hoje:** para a leitura e o anúncio das Escrituras. São Paulo: Paulinas, 1971.

LÉON-DUFOUR, X.; DUPLACY, J.; GEORGE, A.; GRELOT, P.; GUILLET, J.; LACAN, M-F. **Vocabulário de Teologia Bíblica.** Petrópolis: Vozes, 1984.

LORENZIN, T. Visiti la terra e la disseti: Dio visita nei Salmi. In: FILIPPI, A. (Org.). **La visita.** Parola, spirito e vita. Bologna: Centro Editoriale Dehoniano, 2015.

MAÇANEIRO, M. Compaixão, misericórdia e ternura: a “poética” do Evangelho. **Teologia em Questão.** Taubaté, v. 9, p. 33-54, 2006.

MAGGI L. Da visita à visitação: as mulheres portadoras de sentido. In: FILIPPI, A. (Org.). **La visita.** Parola, spirito e vita. Bologna: Centro Editoriale Dehoniano, 2015.

MAZZAROLO, I. **Lucas.** A Antropologia da salvação. Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2004.

MAZZINGHI, L. La visita di Dio nel libro della Sapienza. In: FILIPPI, A. (Org.). **La visita.** Parola, spirito e vita. Bologna: Centro Editoriale Dehoniano, 2015.

MCKENZIE, J. **Dicionário Bíblico.** São Paulo: Paulus, 1984.

MEIER, J.P. **Um judeu marginal:** repensando o Jesus histórico. Milagres. Vol. II, Liv. 3: Milagres. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

MESTERS, C. **Como ler o Livro de Rute.** Pão, família, terra. São Paulo: Paulus, 1991.

MEYNET, R. **Il Vangelo secondo Luca:** analisi retorica. Roma: EDB, 1994.

MISTRORIGO, A. **Dizionario Liturgico-Pastorale.** Padova: Messaggero Padova, 1977.

MORRIS, L. L. **Lucas.** Introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2008.

MURPHY, R. E. Gênesis 25,19-50,26. In: BROWN, R.; FITZMYER, J. A.; MURPHY, R. E. (Orgs.). **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo.** Antigo Testamento. São Paulo: Academia Cristã, 2012.

NOVO Testamento interlinear grego-português. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

OPORTO, S. G.; GARCÍA, M. S. **Comentário ao Novo Testamento**. São Paulo: Ave-Maria, 2006.

PEREIRA, J. C. **Pastoral da Visitação**: paróquia em estado permanente de missão. São Paulo: Paulus, 2012.

PERONDI, I. **E me verás pelas costas**. Curso bíblico sobre o Antigo Testamento. São Leopoldo: Oikos, 2009.

PIKASA X.; SILANES, N. **Dicionário Teológico**. O Deus Cristão. São Paulo: Paulus, 1998.

PLUMMER, A. **A critical and exegetical commentary on the gospel according to S. Luke**. 5. ed. Edinburgh: T & T Clark, 1981. (The International Critical Commentary). Primeira edição publicada em 1896.

RAD, G. von. **El libro del Genesis**. Salamanca: Sígueme, 2008.

RAVASI, G. **Il Libro del Salmi**. Commento e attualizzazione. Vol. I (1-50). Bologna: Dehoniane, 1981.

RAVASI, G. Tempo e eternidade: destinados a um “bom fim”. In: <<http://www.ihu.unisinos.br/563880-tempo-e-eternidade-destinados-a-um-bom-fim-artigo-de-gianfranco-ravasi>>. Acesso em: 13 jan. 2017.

RICHARD J.; CLIFFORD, S. J. Êxodo 32,1–34,1-35. In: BROWN, R.; FITZMYER, J. A.; MURPHY, R. E. (Orgs.). **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo**. Antigo Testamento. São Paulo: Academia Cristã, 2013.

ROSSÉ, G. “Ha visitato e redento”. La visita come redenzione (Lc 1,68.78). In: FILIPPI, A. (Org.). **La visita**. Parola, spirito e vita. Bologna: Centro Editoriale Dehoniano, 2015.

ROSSI, L. A. S. **Como ler o livro de Zacarias**. O Profeta da reconstrução. São Paulo: Paulus, 2000.

RUSCONI, C. **Dicionário do Grego do Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2005.

SCANU, M. P. Quando Dio visita per benedire e quando Dio visita la colpa. FILIPPI, Alfio (Org.). **La visita**. Parola, spirito e vita. Bologna: Centro Editoriale Dehoniano, 2015.

SCATENA, S. Medellín e a Igreja na América Latina. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1825&secao=259>. Acesso em: 20 out. 2016.

SCHARBERT, J. **Esodo**. Brescia: Morcelliana, 2001.

SCHÖKEL, L. A. **Dicionário Bíblico Hebraico-Português**. São Paulo: Paulus, 1997.

SCHOTTROFF, W. Visitar. In: JENNI, E.; WESTERMANN, C. **Diccionario Teologico. Manual Del Antiguo Testamento**. Madrid: Cristiandad, 1978. Tomo II.

SCHMID, J. **El Evangelio según San Lucas**. Barcelona: Editorial Herder, 1968.

SILVA, F. C. **Bispo de Lins inicia visitas a centros prisionais**. Disponível em: <http://www.cnbb.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=19699:bispo-de-lins-inicia-visitas-a-centros-prisionais&catid=207&Itemid=216>. Acesso em: 19 out. 2016.

SKA, J. L. **Introdução à Leitura do Pentateuco**. Chaves para a interpretação dos cinco primeiros livros da Bíblia. São Paulo: Loyola, 2003.

_____. **O Deus oleiro, dançarino e jardineiro**. São Paulo: Loyola, 2001.

SPICQ, C. **Lexique théologique du Nouveau Testament**. Paris: Éditions du Cerf, 1991.

SPINETOLI, O. **Luca: il vangelo dei poveri**. Assisi : Cittadella, 1999. (Commenti e Studi Biblici).

VAUX, R. de. **Instituições de Israel**. Petrópolis: Vozes, 2003.

VIRGULIN, Stefano. **Isaia**. Roma: Edizioni Paoline, 1989.

_____. Amós. In: BALLARINI, P. T. **Introdução à Bíblia**. Os Doze Profetas. Daniel. Petrópolis: Vozes, 1978.

WEISER, A. **Os Salmos**. Grande Comentário Bíblico. São Paulo: Paulus, 1994.